

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

**Projeto Paideia: o lugar do Ensino de História para a educação política de estudantes do
Ensino Fundamental (Porto Alegre-RS, 2017-2020).**

Rafael Gorski Trindade

Orientadora: Profa. Dra. Caroline Pacievitch

Porto Alegre

2021

Rafael Gorski Trindade

Projeto Paideia: o lugar do Ensino de História para a educação política de estudantes do Ensino Fundamental (Porto Alegre-RS, 2017-2020).

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional Em Ensino de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do grau de mestre em Ensino de História, sob orientação da professora doutora Caroline Pacievitch.

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Trindade, Rafael Gorski
Projeto Paideia: o lugar do Ensino de História
para a educação política de estudantes do Ensino
Fundamental (Porto Alegre-RS, 2017-2020) / Rafael
Gorski Trindade. -- 2021.
184 f.
Orientadora: Caroline Pacievitch.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ensino de
História, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. História. 2. Educação política. 3. Ensino de
História. I. Pacievitch, Caroline, orient. II.
Título.

Rafael Gorski Trindade

Projeto Paideia: o lugar do Ensino de História para a educação política de estudantes do Ensino Fundamental (Porto Alegre-RS, 2017-2020).

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional Em Ensino de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do grau de mestre em Ensino de História, sob orientação da professora doutora Caroline Pacievitch.

Porto Alegre, 15 de setembro de 2021

Resultado: Aprovado

BANCA EXAMINADORA:

Arthur Lima de Ávila

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Natália Pietra Méndez

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Juliana Alves de Andrade

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao excelente corpo docente do Profhistória da UFRGS e, em especial, à minha orientadora Caroline Pacievitch, que sempre mostrou-se disponível para o melhor andamento do projeto, seja com apuradas revisões, seja com conselhos e indicações fundamentais para a conclusão deste trabalho. Carol honra a imagem verdadeira do “ser professora”. Por isso, expresso minha imensa gratidão!

À minha esposa, Paloma, pelo apoio incondicional. Sem seu suporte emocional e afetivo não teria ingressado, cursado e, quem diria, concluído essa nossa etapa que sonhamos e conquistamos juntos!

À minha família, Henrique, Inez, Paulo, Ana e Santiago (ainda na barriga da mamãe), que ouviram e acompanharam a luta pela concretude deste trabalho. Ao longo das dúvidas e angústias, no momento de pandemia, sem dúvida, foram suporte e motivação para seguir em frente. Agora foi!

Não vou atrever-me a tentar citar todos os amigos que ajudaram em cada parte deste trabalho, seja ouvindo e aconselhando, seja questionando ou mesmo torcendo. Isso seria impossível! O apoio de todos fez com que este trabalho criasse forma, e me auxiliou para que hoje eu seja um professor mais feliz e completo do que era antes do curso. Cada café, cada pausa nos recreios por ai, cada encontro, cada risada ou choro, teceu um pontinho a mais neste trabalho.

À escola La Salle Pão dos Pobres por ter aberto as portas para o meu projeto na figura, em especial, do diretor Marcelo Figueiró e da coordenadora pedagógica Daiane Lopes, ex-colegas e amigos que a docência me proporcionou. À toda a equipe, expresso o meu “muito obrigado”!

Aos queridos e amados estudantes que participaram do Projeto durante os quatro anos que estive a frente dele, pois tenho vivo na memória cada momento que experienciamos juntos.

Ao amigo, colega e dindo, professor Alan Machado por, na escola, ter dado o suporte ao projeto e comandá-lo nas futuras edições. Valeu cada conversa e cada tarde de trabalho!

Enfim, a todos, os meus mais singelos agradecimentos! Muito obrigado

RESUMO

O tema desta dissertação é sobre a Educação Política com estudantes do Ensino Fundamental em uma escola de Porto Alegre/RS. A atividade com os alunos foi desenvolvida ao longo do Projeto Paideia e da busca do lugar do Ensino de História para o desenvolvimento de habilidades importantes para a educação do cidadão. O trabalho também versa sobre a prática docente e as reflexões sobre a atuação do professor autor do Projeto e deste trabalho como propõe Ana Zavala (2015). A metodologia consiste em: a) uma análise do histórico do Projeto Paideia na escola; b) reestruturação e reescrita do Projeto Paideia para o ano de 2020; c) aplicação do projeto e análise da produção dos estudantes. A proposta se alinha ao entendimento de Joan Pagès, que diz que a educação para a democracia, como exposto por Maria Benevides (1996), é realizada com um caráter ativo e de intervenção social. As atividades exploraram os conceitos de democracia e cidadania, explorando-os historicamente, com aulas expositivas e oficinas. Para aprofundá-los, os estudantes organizaram uma eleição para Presidente da Escola, momento em que refletiram e propuseram soluções para o contexto escolar. O Projeto precisou ser alterado em decorrência da pandemia de COVID-19, sendo reorganizado para um contexto de atividades à distância. Como conclusões, a relação da história para a educação política pode não ser evidente aos alunos, no entanto, é possível perceber que operam com passado, presente e futuro, tanto nas propostas quanto nos questionamentos e na avaliação que fizeram sobre o projeto. O Projeto Paideia reestruturado foi incorporado no currículo da escola para futuras edições.

Palavras-chave: Ensino de História; Educação Política; Cidadania; Democracia.

ABSTRACT

The theme of this dissertation is about Political Education with Elementary School students in a school in Porto Alegre/RS. The activity with the students was developed during the Paideia Project and the search for a place in the Teaching of History for the development of skills that are important for the education of citizens. The work also deals with teaching practice and reflections on the role of the teacher who authored the Project and this work, as proposed by Zavala (2015). The methodology consists of a) an analysis of the history of the Paideia Project at school; b) restructuring and rewriting of the Paideia Project for the year 2020; c) application of the project and analysis of student production. The proposal is in line with Pagès' understanding that education for democracy, as explained by Benevides (1996), should be carried out with an active character and social intervention. The activities explored the concepts of democracy and citizenship, exploring them historically, with expository classes, workshops and to deepen them, the students organized an election for the President of the School, a moment in which they reflected and proposed solutions for the school context. The Project had to be changed as a result of the COVID-19 pandemic, being reorganized for a context of distance activities. In conclusion, the relationship of history to political education may not be evident to students, however, it is possible to see that they operate with the past, present and future, both in the proposals and in the questions and evaluations they made about the project. The restructured Paideia Project was incorporated into the school's curriculum for future editions.

Keywords: History Teaching; Political Education; Citizenship; Democracy.

LISTAS

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1: comparação entre as edições do Paideia.

Quadro 2: cronograma das atividades do Paideia em 2017.

Quadro 3: participantes do projeto Paideia 2020.

Quadro 4: Resultados da atividade no Wordwall.

Quadro 5: Partidos formados e composição por série dos integrantes da chapa.

Quadro 6: temáticas dos debates.

Quadro 7: temáticas apresentadas pela plateia aos debatedores.

Quadro 8: distribuição dos votos pelos segmentos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O que é democracia?

Figura 2: Como se participa da democracia?

Figura 3: O que é política?

Figura 4: Você se considera um agente político?

Figura 5: Existe política na escola?

Figura 6: Quais instituições políticas você conhece?

Figura 7: Quais direitos e deveres são fundamentais para você?

Figura 8: Você acha que os direitos na sociedade são respeitados?

Figura 9: Jogo sobre Instituições Políticas.

Figura 10 e 11: Atividade sobre Instituições Políticas.

Figura 12: Campanha PSE.

Figura 13: Campanha PPP.

Figura 14: Apuração da eleição.

LISTA DE ABREVIATURAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PPP - Partido Povo pelo Povo

Ppp - Projeto Político Pedagógico

PSE - Partido Social dos Estudantes

SINEPE/RS - Sindicato das Escolas Privadas do Rio Grande do Sul

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 2: HISTÓRIA DO PROJETO PAIDEIA E O LUGAR DO ENSINO DE HISTÓRIA	25
2.1. A Escola e o contexto do surgimento do Paideia	27
2.2 Histórico do projeto - criação e reescritas	30
2.2.1. Edição de 2017: ano da ação política	31
2.2.2. Edição de 2018: formação de consciências.	33
2.2.3 Edição de 2019: limites da institucionalização.	36
2.3. Quatro edições: aproximações e afastamentos do Ensino de História e da Educação Política	38
CAPÍTULO 3: UMA REESCRITA DO PROJETO NA ESCOLA EM TEMPOS DE PANDEMIA	42
3.1 Sequência de atividades	45
3.1.1 Etapas do projeto	48
CAPÍTULO 4: REALIZAÇÃO DO PROJETO E ANÁLISE DOS ENCONTROS	56
4.1 Bloco 1 - Apresentação dos termos e sondagem	58
4.2 Bloco 2: Exposição dos conceitos e jogos	66
4.3 Bloco 3: Eleições para presidente da escola	73
4.4. Bloco 4: avaliação do processo eleitoral e do Projeto em 2020	84
4.5. Leituras do (não) lugar da história na educação política	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	105
ANEXOS	110

INTRODUÇÃO

O ensino de História, como define Selva Guimarães Fonseca (2005), implica pensar os processos formativos que se desenvolvem em diversos espaços, pensar fontes e formas de educar cidadãos, numa sociedade complexa marcada por diferenças e desigualdades. Ademais, é pensar sobre o papel do ensino de história nessa temática e a importância de se trabalhar com temas relacionados à cidadania e educação política. Nesse sentido, Elza Nadai diz que

a História, a mais política das ciências sociais, tem ressurgido das cinzas, tal qual Fênix, mais fortalecida do que nunca. Apesar de ainda existirem ‘adolescentes que detestam a História’ ou que não saibam tantos nomes e datas como antigamente, dificilmente encontramos quem desconheça o papel da História para ajudá-lo na compreensão de si, dos outros e do lugar que ocupamos na sociedade e no dever histórico (NADAI, 1992/1993, p. 160).

Nos meus nove anos de atividade docente, tentar trabalhar sobre as instituições políticas sempre foi um desafio. A minha formação inicial em Ciências Sociais ajudou-me a tentar entender os processos sociais a partir de um lado das grandes estruturas políticas e sociais. Desse modo, isso acabou por ser uma prática nas exposições e propostas das minhas aulas.

Para Marc Ferro (1981), os temas que trabalhamos estão ligados às nossas primeiras impressões e curiosidades em relação ao passado. De acordo com o que ele diz: “Não nos enganemos, a imagem que fazemos de outros povos, e de nós mesmos, está associada à História que nos ensinaram quando éramos crianças. Ela nos marca para o resto da vida” (FERRO, 1981, p.11), trabalhar com educação política nesse projeto possui essa dupla dimensão: um desejo e anseio do professor e a importância da formação para a cidadania em uma idade marcante para as descobertas de si e do mundo.

Nesse sentido, este trabalho consiste em investigar o potencial do projeto Paideia na formação da educação política dos estudantes da escola La Salle Pão dos Pobres em Porto Alegre/RS. A reestruturação das atividades do projeto Paideia na escola propôs a formação da cidadania através do ensino de história, investigando o potencial e o lugar do pensar historicamente para a educação política.

Porém, surgem muitos obstáculos nas aulas em que instituições políticas são abordadas, pois estão carregadas de forte exposição pública. É comum partir de diferentes agentes presentes na escola frases como: “político é tudo ladrão”; “os deputados não servem para nada”; “quem ocupa cargo público só quer tirar vantagem...” E muitas outras frases presentes no meio escolar (e na sociedade como um todo, claro).

Um exemplo que pode ser trazido aqui são aulas do período da Primeira República, quando se abordam as instituições republicanas implementadas. Entre as exposições e debates sobre as estruturas de poder do período, evidenciando a exclusão de mulheres, negros e indígenas do processo democrático, questões anteriores sobre o que é votar, como funcionam as eleições, quem cuida, fiscaliza, quais são os partidos e as comparações com a atualidade aparecem na discussão.

Então, quando em uma aula de história um desses elementos carregados de sentidos totalizantes no senso comum aparece – eleições, estruturas partidárias, órgãos públicos – não poucas vezes se percebe a falta de entendimento sobre a função que cada agente exerce na sociedade. Embora, no seu planejamento e nos registros das aulas ministradas, debates e temas como esses não se evidenciam, frequentemente essas falas surgem, e esses comentários demandam respostas do professor. Por isso, o projeto Paideia tenta explorar essas lacunas, organizando atividades para ajudar na formação e complementar o currículo do ensino de história.

Para Luis Fernando Cerri (2003), quando se fala nos objetivos de ensinar história, rapidamente se afirma que sua função central é formar o cidadão. Contudo, essa sentença não encerra o debate, pois não esclarece qual cidadania está em discussão. Qual o projeto político? Qual a concepção de homem e de cidadão?

Para buscar o entendimento sobre o que é cidadania, recorri ao conceito de Evelina Dagnino. A noção de cidadania traz consigo uma concepção de ser um direito ter direitos.

Ela inclui a invenção/criação de novos direitos, que surgem de lutas específicas e de suas práticas concretas. Nesse sentido, a própria determinação do significado de “direito”, e a afirmação de algum valor ou ideal como um direito são, em si mesmas, objetos de luta política. O direito à autonomia sobre o próprio corpo, o direito à proteção do meio ambiente, o direito à moradia, são exemplos (intencionalmente muito diferentes) dessa criação de direitos novos. (DAGNINO, 2004, p.104)

Além disso, essa definição inclui não somente o direito à igualdade, como também o direito à diferença, que específica, aprofunda e amplia o direito à igualdade.

O ensino da noção/exercício de cidadania é embasado por lei. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9393/1996, já no seu artigo segundo, coloca a cidadania como um princípio da educação no Brasil, trazendo nas disposições gerais para a Educação Básica que: “Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.” (LDB, 1996, np)

Portanto, uma aula de história tem por lei o dever de preparar esse caminho para o exercício da cidadania. A Base Nacional Comum Curricular, aprovada em 2018, segue no mesmo tom. Dos principais objetivos do ensino de história:

é estimular a autonomia de pensamento e a capacidade de reconhecer que os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem (...) A percepção de que existe uma grande diversidade de sujeitos e histórias estimula o pensamento crítico, a autonomia e a formação para a cidadania. (BNCC, 2018, p. 400)

No entanto, notou-se, ao longo dos anos do projeto, que essas dimensões da educação para a democracia não são tão bem entendidas pelos estudantes sem uma retomada das estruturas de poder na sociedade atual. A reflexão dos valores e seus desdobramentos nos diferentes movimentos sociais fica incompleta sem o conhecimento das estruturas republicanas como, por exemplo, o legislativo e suas atribuições, o funcionamento do poder judiciário e a divisão dos poderes em suas diferentes esferas - federal, estadual e municipal.

Em razão dessas constatações, as perguntas deste trabalho são: qual o potencial do projeto Paideia na formação de educação política nas aulas de história para estudantes da escola La Salle Pão dos Pobres? Qual o (não) lugar da educação política no ensino de história? Ou seja, o projeto tem como questionamento qual o lugar do pensar historicamente para a construção do entendimento de cidadania e educação política, conceitos importantes para diversas áreas do conhecimento nos currículos escolares.

Para María-Eugenia Villa (2021), a educação política pode ser definida como um processo de socialização e formação que permite às pessoas se mobilizarem ou participarem do campo político. Deve qualificar as capacidades das pessoas para participarem como cidadãos no campo político.

O projeto começou em 2017, trabalhando com estudantes que estavam chegando à idade eleitoral. O desconhecimento dos processos democráticos, a falta de conhecimento do contexto mais atual fez surgir o projeto no caráter piloto, com convidados trabalhando temas que os estudantes elencaram ter dúvidas. Para 2018, o projeto foi incorporado no currículo extraclasse da escola, inclusive com a disponibilidade de dois professores para as atividades. A historicidade e análise das edições 2017, 2018 e 2019 do Projeto Paideia são explorados no capítulo 1.

O Ensino de História implica pensar os processos formativos que se desenvolvem em diversos espaços, pensar fontes e formas de educar cidadãos. O entendimento, todavia, sobre o que é cidadania ou como é formar para a cidadania passou por profundas modificações ao longo do tempo. Nesse sentido, Circe Bittencourt contrasta a formação cidadã das elites e da classe trabalhadora no início da história republicana brasileira,

A História a ser ensinada deveria inculcar determinados valores para a preservação da ordem, a obediência à hierarquia, de modo que a Nação pudesse chegar ao progresso, modernizando-se segundo o modelo dos países europeus. O conceito de cidadania, criado com o auxílio dos estudos de História, serviria para situar cada indivíduo em seu lugar na sociedade: cabia ao político cuidar da política, e ao trabalhador comum restava o direito de votar e de trabalhar dentro de uma ordem institucional (BITTENCOURT, 2004, p. 64)

Ao longo do período varguista, em especial com a criação do Ministério da Educação, a formação educacional gira em torno do civismo, colocando-o como instrumento para consolidação da ideologia do Estado Novo. Para Flávia Caimi (2006), a proposta era organizar um currículo que favorecesse o despertar da consciência patriótica, priorizando o caráter humanista em detrimento do científico. O essencial, assim, era o fortalecimento da nação, por meio de cidadãos comprometidos com o ideal do Estado. A partir dos anos 30 começaram a surgir, também, propostas da substituição das disciplinas escolares de História, Geografia e Civismo pelos Estudos Sociais, apoiadas no modelo norte-americano. Os estudos sociais foram adotados em todo sistema escolar em 1971, durante a Ditadura Civil-Militar.

Para Delgado de Carvalho, citado por Circe Bittencourt, essa foi uma área de formação de valores morais.

aos Estudos Sociais não cabia mais o desenvolvimento de um cidadão patriótico e nacionalista de caráter ufanista; deveriam, sim, criar meios de conter as inquietudes de jovens em uma sociedade, na qual

os valores tradicionais vinham em um processo de transformação acelerada” (CARVALHO *apud* BITTENCOURT, 2004, p. 112).

Para Marc Ferro (1981) controlar o passado ajuda a dominar o presente e a legitimar tanto as dominações como as rebeldias. Para o autor, os poderes dominantes - Estados, Igrejas, Partidos políticos, interesses do capital - se utilizam de meios públicos para dominar a narrativa, seja nos livros didáticos, seja nos filmes e quadrinhos, seja - contextualizando o pensamento de Ferro para o presente - nas mídias sociais. “Cada país possui uma matriz da História e essa matriz dominante marca a consciência coletiva de cada sociedade” (FERRO, 1981, p.13) e é através do ensino de história, entre diversas outras formas, que essa matriz é passada entre gerações.

A história, para Cerri (2003), vai além do seu núcleo inicial, do caráter metodológico do ensino de história exclusivamente, e passa a incorporar manifestações culturais em amplo sentido que se utilizam do conhecimento histórico socialmente construído como conteúdo e como meio de difusão para as mensagens. Tais narrativas visam gerar ações no mundo, o que nos permite caracterizá-las então como educativas e propositivas, como o ensino-aprendizagem da história.

No contexto da ditadura civil-militar, Helenice Ciampi e Conceição Cabrini (2003) colocam que a história se posiciona nesse contexto de lutas e de ações dos movimentos sociais. Para as autoras, a História, sua produção e transmissão se instauram no centro do debate. Temas e questões presentes nas discussões mais amplas, que ocorriam no campo da política institucional - luta pela redemocratização - foram incorporados pelos participantes do debate do ensino de história. Com isso, houve uma aproximação entre o diálogo acadêmico e a escola de primeiro e segundo graus. “A aprendizagem deveria ser pensada em situações concretas, recuperando experiências sociais dos alunos para chegar à elaboração do pensar e do fazer história” (CIAMPI; CABRINI, 2003, p. 7).

Esses autores corroboram um sentido do ensino de história ligado ao exercício da cidadania em viés cada vez mais democrático. Para Cerri (2003) o que entendemos por cidadania é “ligada aos eventos como o das campanhas da Diretas Já, o processo de impeachment de Collor e a campanha contra a fome do sociólogo Herbert de Souza” (CERRI, 2003, p. 107). Esses eventos conotam uma urgência da participação política e

coletiva, da rejeição de uma postura passiva e individualista. Portanto, para o autor, qualquer ato participativo é definido como exercício da cidadania.

O ensino de História deve primar pelo conhecimento de si, dos outros, para chegar a questões globais. O educar o cidadão é chave para a construção de uma sociedade democrática, e a disciplina de história na escola básica: “pode favorecer a formação do estudante como cidadão, para que assuma formas de participação social, política, e atitudes críticas diante da realidade atual, aprendendo a discernir os limites e as possibilidades de sua atuação” (PCN, 1998).

Esses são os pontos chaves do Projeto Paideia: formar o cidadão, a partir da aprendizagem histórica, para favorecer uma melhor participação social e oportunizar que o estudante seja um dos protagonistas desse processo.

Os conceitos de democracia, cidadania e política são fundamentais em diferentes campos das ciências humanas. Esses conceitos se complementam e são um objetivo da educação no Brasil. A formação para a cidadania é artigo da LDB e objeto de conhecimento na Base Nacional Comum Curricular. Para diversos autores da disciplina História, tal como exposto anteriormente, esses conceitos devem ser explorados a partir da ação/prática do aluno. Portanto, o ensino de história deve proporcionar o desenvolvimento de práticas/ações relacionadas ao presente, com a intencionalidade de transformar o futuro.

Nessa pesquisa, exploram-se três direções do ensino de história para a formação da cidadania: a capacidade de historicizar nossas experiências; a capacidade de situar todo o fenômeno humano e social em sua historicidade; a construção de conceitos que possibilitem analisar uma sociedade e a ação humana no tempo. Diferentes autores do ensino de história tratam desse tema.

Para Joan Pagès (2019), a democracia e a cidadania tem esse caráter ativo. Para ele, é fundamental levar o cidadão a pensar por si próprio, analisando, escolhendo, discutindo e comprometendo-se com o coletivo. A escola tem, não obstante, um papel fundamental no desenvolvimento dessas habilidades. O ambiente escolar é assim um espaço onde pensando historicamente, o estudante pode buscar agir sobre o presente.

Pagès (2019) traz ainda que a relação entre democracia e história é tensa. Isso, pois, segundo o autor, as nações usam a história para construir uma identidade nacional, se utilizando de elementos do passado para gerar solidariedade entre os indivíduos. O autor

crítica que esse sentimento nacionalista, na promoção de um passado único e política comum, foi o que levou milhões a guerra, ao longo do século XX, em defesa da pátria.

De forma explícita ou não, sempre houve relações entre o ensino da história e a formação cívica da cidadania. No entanto, esses relacionamentos nem sempre foram declarados ou diretos. Muitas vezes eles consistiram não tanto em educar as pessoas como cidadãos livres, mas como sujeitos e sujeitos ao estado de direito ou às necessidades do país.

Para Edda Sant (2015), a narrativa histórica tem o poder de ajudar os indivíduos e as comunidades a se conhecerem como são e a descobrirem o mundo em que vivem. Contudo, com frequência, o ensino dessa narrativa para conhecer o passado é usado para definir o que é o presente, assim, utilizando-se, pois, de verdades e identidades universais com o intuito direto de guiar as ações individuais e coletivas.

Ernesta Zamboni (2003) coloca que a formação de uma identidade nacional e do conceito de nação é um processo ideológico. Ademais, a autora aponta que, na história da educação, a escola foi o local da conservação de uma memória nacional e pela formação de uma consciência política. As propostas educacionais do Estado não discutem no processo educativo que a formação da identidade nacional e da nação são construções sociais em que o povo é sujeito. Para a autora, essa identidade aparece nos currículos de forma simplista, fundamentada nas características culturais e sociais mais aparentes. Os estudantes, a partir de sua pesquisa, acreditam que os conflitos e as diferenças, parte fundamental do embate político e democrático, dificultam a construção da nação, já que eles a concebem como um corpo homogêneo e sem conflitos.

A aproximação, para Sant (2015), do discurso romântico patriótico e nacionalista com a narrativa que os estudantes fazem da história é problemática. Primeiramente, pois os níveis escolares mais elementares do ensino de história atuam no reforço desses valores nacionais sem críticas. Em segundo lugar, porque ainda se utilizam, a partir da pesquisa da autora, da dicotomia do “nós” e “eles” e, em terceiro lugar, essas narrativas acabam por excluir ou omitir agentes sociais como o papel das mulheres ou de outras minorias políticas.

Marizete Lucini (2018) questiona em que medida o Ensino de História tem contribuído para o exercício da cidadania. A autora busca compreender criticamente o desenvolvimento da capacidade de analisar os acontecimentos históricos no tempo e como

nele intervir para transformar a realidade. Para ela, essa compreensão parte da consciência e ela é uma consciência histórica. A consciência histórica pressupõe uma ação em relação à realidade que nos circunda.

O entendimento deste trabalho sobre o que é ser cidadão pode ser definido por Joel Westheimer e Joseph Kahne (2004), que descrevem três tipos de cidadãos e seus papéis em uma sociedade democrática. O primeiro, o cidadão pessoalmente responsável, é honesto, cumpridor da lei e responsável, embora não necessariamente ativo na vida pública. O segundo, o cidadão participativo, tem um papel ativo na sociedade, resolvendo problemas sociais e melhorando a sociedade por meio da participação ativa nos sistemas e estruturas comunitárias estabelecidas.

Para Westheimer e Kahne (2004), o terceiro tipo, o cidadão voltado para a justiça também resolve problemas sociais e melhora a sociedade, mas adota uma abordagem diferente, que questiona, debate e desafia sistemas e estruturas estabelecidos que reproduzem padrões de injustiça ao longo do tempo. A diferença entre esses tipos de cidadãos é essencialmente uma questão de meios e fins: “If participatory citizens are organizing the food drive and personally responsible citizens are donating food, justice oriented citizens are asking why people are hungry and acting on what they discover.” (WESTHEIMER; KAHNE, 2004, p. 544)

Lana Mara Siman (2018) supõe que as práticas culturais possibilitam aos jovens estudantes vivenciarem experiências variadas, que contribuem tanto para a formação de uma cultura política de participação democrática, como para o modo de agir de maneira temporalmente orientada. Para a autora, os sentidos atribuídos à História pelos jovens demandam diálogos com aspectos da cultura escolar, histórica, política e as práticas culturais. Assim, é fundamental o diálogo sobre aquilo que se faz “entre os muros da escola”, e dialogar com as normas, fazeres e experiências nas quais vários sujeitos outros estão implicados com aquelas práticas, suas potencialidades, tensões e reverses, ou seja, a cultura escolar.

No campo da educação política para a mobilização no campo político se podem identificar, para Villa (2021), duas formas de realização: a primeira corresponde a uma instrução cívica e a segunda a uma educação cívica.

Con la instrucción cívica se pretende la adhesión a una ideología política y, a veces, a una agrupación social. La adhesión a una ideología política típicamente se refiere a algún tipo de nacionalismo. La adhesión a una agrupación social generalmente se refiere a algún estado nación. Por su parte con la educación cívica se busca alcanzar tres finalidades: la primera se refiere a la movilización para la elección de alguna o algunas de las personas que conforman el gobierno de una determinada sociedad; la segunda se refiere al cumplimiento de los deberes que imperan en un preciso ordenamiento político y la tercera hace referencia a las maneras de relacionarse, de un modo sumiso, con quienes conforman el gobierno de una específica sociedad. (VILLA, 2021, p. 9)

Para Pagès (2010), a educação política não pode se limitar somente a conhecer as instituições políticas, o seu funcionamento e o seu passado. Embora esses elementos sejam importantes, não se pode ignorar, para o autor, a transcendência da aprendizagem da participação democrática em todos os âmbitos da vida. O estudante emitir uma opinião já é fazer política, já é uma forma de participação. Para ele, os professores precisam direcionar a aprendizagem como intervenção social.

Para esse conjunto de autores, o problema encontrado nessa formação política e cívica está relacionado à falta de significado dos temas e conteúdos trabalhados pelos estudantes. A irrelevância dos problemas, a falta de exploração de temas sensíveis ou controversos, deixam o processo de aprendizagem passivo e inócuo. O currículo escolar não facilita o desenvolvimento das habilidades e estratégias essenciais para o desenvolvimento da democracia.

Isabel Barca (2013) se utiliza de Rüsen para tratar esse tema. Para Rüsen não existe compreensão histórica sem o entendimento da mudança temporal. No entanto, segundo esse autor, esse entendimento necessita ser construído tendo como referência a inserção do sujeito no presente e a partir de indagações históricas que possibilitem a significação desse mesmo presente, por meio do passado.

Para Barca (2013), aprendizagem histórica só ocorre quando conseguimos processar a experiência da mudança temporal do mundo humano, produzindo o sentido histórico. Para que isso aconteça, alguns desafios devem ser assumidos porque o processo de passar por essa experiência inclui as dimensões da interpretação, ou seja, o que se aprende tem que fazer sentido para o aprendiz. Para Pagès (2010), a história pode contribuir para esse conhecimento da consciência cidadã, valores e as habilidades mentais necessárias para que nossos jovens

saibam que seu futuro será o resultado do que existe, do que estamos fazendo e do que eles farão enquanto homens e mulheres em um contexto cada vez mais globalizado.

Como conclusões de suas pesquisas, Pagès (2007) percebe que a prática educativa oferece elementos para compreender como os estudantes constroem as suas ideias políticas. O papel dos professores de história é fundamental nesse processo de aprendizagem, em especial, na gestão da sala de aula e ao dar autonomia para os estudantes construir conhecimento e expressarem opiniões. Já que os alunos, para ele, possuem uma tendência de relacionar política com questões públicas, respeitando as instituições políticas e sabendo os limites de sua ação, como a impossibilidade de fazer justiça com as próprias mãos.

Os estudantes, por fim, para Pagès (2007), possuem uma predisposição para a participação política e social, além de expressar o desejo de serem escutados. Os jovens reconhecem a importância dos valores democráticos e embora não tenham ainda desenvolvido um pensamento social crítico, se mostram abertos a ação do Ensino de História e o trabalho com esses valores, visando uma cidadania plena. Este trabalho coloca essa afirmação de Pagès em voga: seriam todos os estudantes predispostos?

Nilma Lino Gomes (2017) relata que é comum a ideia de que educadores que usam uma teoria crítica educacional afirmam que os movimentos sociais educam e reeducam a sociedade. Assim, traz-se a reflexão de Arroyo (2003), em que ele ressalta que os movimentos sociais recolocam a ética nas dimensões radicais das relações humanas, refletindo questões sociais e promovendo uma maior consciência de classe. Além disso, enfatiza que quando os saberes produzidos pelo Movimento Negro são desconsiderados pela teoria educacional possibilita o desperdício da experiência do movimento, pois existe uma tensa relação entre o conhecimento científico e as outras formas de conhecer.

Gomes concorda com Boaventura de Souza Santos (2010), apontando que é necessária uma mudança radical no campo do conhecimento, construindo uma pedagogia das ausências e das emergências. Desse modo, é possível produzir epistemologias do Sul, que é o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão das muitas formas de saberes dos povos e nações colonizados, o que leva a uma radicalidade que avança na compreensão do pensamento pedagógico como um permanente confronto entre paradigmas

de educação, de conhecimento de valores e do humano, e podem-se encontrar esses mesmos elementos produzidos e sistematizados pelo movimento negro.

Para Kathleen Abowitz e Dan Mamlok (2019) a cultura cívica é um termo para definir como os cidadãos vivem, atuam e criam ativamente a vida pública por meio de nossos hábitos, ações, palavras e obras públicas. A cultura cívica são os padrões culturais que moldam os meios ou fins da ação cívica. Quando os cidadãos resolvem problemas juntos, parte do que eles dizem e fazem juntos é estruturado por maneiras difundidas de falar e de coordenar ações - cultura cívica - que eles não estão inventando do nada. Não há cultura que seja, fundamentalmente, absoluta ou, necessariamente, "cívica" ou "não cívica".

A educação política, dimensão da cidadania explorada neste trabalho, segundo Pagès (2015), pretende oferecer aos estudantes a possibilidade de estudar e vivenciar ao mesmo tempo situações democráticas e conteúdos da natureza política. Para o autor, a escola é um espaço social e organizado onde os alunos podem viver a democracia e iniciar na vida política, participando da construção da consciência da sociedade justa, solidária e democrática. Os desafios encontrados e que devem ser combatidos não tem um desfecho final. A educação política é fruto de constante vigilância e de diferentes possibilidades educativas se utilizando da atualidade para buscar explicações: atualidade como contexto, como presente e como comparação. A atualidade como contexto justamente se utiliza dos aspectos históricos e temporais para a sua análise.

Tiffany Botero e Luísa Lopes (2021) apontam que, ao longo da história da democracia, a formação para a cidadania tem assumido diferentes significados. Existe desde aqueles que a assumem como aprendizagem e adoção das normas sociais de um determinado contexto, até concepções mais amplas que a vinculam à aquisição de capacidades que permitem aos cidadãos participar ativamente na tomada de decisões na sociedade em que se desenvolvem.

Para Cleonice Silva e Maria Terezinha Galuch (2019), existe um forte apelo para a formação de cidadãos críticos e participativos, capazes de atuar com responsabilidade na sociedade, pressupondo a aprendizagem de habilidades e competências que envolvem a competitividade, o exercício da liderança e o saber viver juntos. Para as autoras, os professores e a própria instituição escolar têm como função opor-se à perspectiva de

Educação que desvaloriza a “transmissão do conhecimento universal” em favor de informações e valores que tendem a aumentar o potencial de conformação e adesão à ordem estabelecida.

Um Ensino de História que se prende à transmissão de valores, desvincula-se do objetivo que deveria ser o principal: o trabalho com conhecimentos que possibilitam a elaboração do passado, o que não significa desvencilhar-se de valores, mas entender quais são os valores que prezam pela vida humana e digna e não apenas pela preservação da ordem cuja exploração e exercício do poder são palavras de ordem. (Silva; Galuch, 2019, p. 242)

Silva e Galuch (2019) advertem que o Ensino de História com ênfase na divulgação de valores entendidos como fundamentais para a preservação da ordem democrática, em substituição ao ensino e à aprendizagem de conteúdos e de valores ligados ao desenvolvimento da sensibilidade, torna-se tão prejudicial quanto o não aprender.

Quando o conhecimento histórico perde o sentido, elementos históricos importantes à compreensão do mundo, como a relação entre presente e passado, deixam de ser referidos e tornam-se estranhos. A estranheza, então, gera incertezas, tornando mais seguro aceitar aquilo que é familiar, ou seja, aquilo que tem relação com o presente – a repetição, a permanência. (Silva; Galuch, 2019, P. 243)

Portanto, trabalhar com valores democráticos e republicanos, tão pertinentes à formação política, não devem substituir por completo a aprendizagem de conteúdos e sim trabalhar juntos, de forma complementar. Essa é uma das abordagens chave desse projeto.

A investigação versou sobre um projeto na escola La Salle Pão dos Pobres de Porto Alegre e o seu potencial de desenvolver o pensar historicamente em dois conceitos históricos chaves: Democracia e Cidadania.

A metodologia de pesquisa consiste em analisar as diferentes produções dos estudantes ao longo das atividades propostas na escola e no Projeto Paideia:

1. Análise do histórico do Projeto Paideia até o ano de 2019, desde a sua criação, levantamento de dados de participação e de temas desenvolvidos nas três edições anteriores, a partir dos conceitos de educação política de Pagès e análise do discurso.
2. Reestruturação e reescrita do projeto para 2020 para aproximar o ensino de história à proposta de educação política.
3. Reaplicação do projeto e análise dos estudantes nesse novo formato.

Os estudantes que participaram das atividades do projeto foram instigados a produzir textos, imagens e produções audiovisuais para demonstrar o seu entendimento de cada conceito chave do trabalho - democracia, política e cidadania.

Além da produção dos estudantes, a investigação analisou um diário de campo escrito pelo professor, anotando e buscando memórias das atividades e sentimentos dos estudantes e do próprio pesquisador. No caderno de campo, relatei os sucessos e as dificuldades encontradas nas propostas ao longo de suas aplicações. Durante a realização das atividades, foram convidados alguns observadores para ajudar no registro e para contribuírem com impressões e falas que possam ter passado despercebidos pelo pesquisador. Como as atividades foram realizadas virtualmente, através da plataforma Google Meet, os encontros foram gravados.

Os dados foram produzidos nas atividades do projeto Paideia na escola. Esse projeto consiste em complementar a formação das lideranças estudantis em grupo extraclasse no turno inverso.

O projeto Paideia tem por objetivo a formação política através do pensar historicamente os conceitos de democracia e cidadania. Os conceitos de democracia e república são trabalhados na concepção da educação para democracia (BENEVIDES, 1996). Os valores democráticos, estreitamente ligados aos republicanos, e também interdependentes entre si, entendem-se como o reconhecimento da igualdade, o respeito aos direitos humanos e à vontade da maioria, legitimamente formada. Os valores republicanos buscados no projeto são o respeito às leis, o respeito ao bem público e o sentido de responsabilidade no exercício do poder.

A análise dos materiais produzidos pelos estudantes ao longo das atividades tentará justamente analisar esses pontos: se os estudantes conseguem pensar esses conceitos temporalmente, refletindo sobre o presente, tendo uma dimensão de futuro.

Por fim, no capítulo 1 é realizado um levantamento histórico do projeto, aproximações e afastamentos do trabalho já desenvolvido na escola com o Ensino de História. Já no segundo capítulo, é realizada a reescrita do Projeto na escola, tendo o desafio de reestruturar para o contexto on-line, devido à pandemia da Covid-19. O terceiro capítulo versará sobre a aplicação do projeto e análise dos limites da aplicação e o lugar do ensino de

história para a educação política. No final, será apresentado um balanço do projeto em 2020 em destaque com o contexto excepcional da pandemia.

CAPÍTULO 2: HISTÓRIA DO PROJETO PAIDEIA E O LUGAR DO ENSINO DE HISTÓRIA

Este capítulo trata sobre a origem do Projeto Paideia, na Escola La Salle Pão dos Pobres, em Porto Alegre, e a busca do lugar do ensino de história nesse projeto. Iniciado em 2017, fruto de movimentos da escola com estudantes dos nonos anos, o projeto foi incorporado no currículo escolar sendo ressignificado para possibilitar a educação política dos estudantes. Este capítulo trata do objetivo de pesquisa ao analisar e historicizar o Projeto Paideia, abrindo uma reflexão para as práticas desenvolvidas até 2019 e uma necessidade de reescrita para encontrar e valorizar o lugar do ensino de história.

O nome Paideia foi escolhido pelo professor de filosofia da escola, participante das primeiras edições do projeto. A escolha do nome faz referência a formação do cidadão grego na Atenas Clássica.

Primeiramente, no capítulo, apresenta-se o perfil da escola em que desenvolveu-se o projeto, as características físicas/estruturais e socioeconômicas da escola. Na segunda parte do capítulo, a análise documental e contextualizada das três versões escritas do projeto e a presença, ou não, do ensino de história no planejamento e na execução.

O projeto foi da sua criação (em 2017) até o ano de 2019 coordenado pelo autor dessa dissertação, trazendo, portanto, além da análise das fontes documentais do projeto, uma memória do planejamento e da prática do professor. Um dos desafios para a análise, conseqüentemente, é a reflexão da própria prática.

Como apresenta Ana Zavala (2015), toda prática tem um planejamento, contudo, o processo vai além disso. Toda aula tem o acontecido, e isso está ligado intimamente com a biografia do professor e da sala de aula onde a atividade é aplicada. O que ocorre em sala está ligado ao tipo de aluno que aquele professor foi, o professor que aspirava ser, os referências teóricos e leituras que ele realiza, os materiais que seleciona e as opções que toma para o plano de aula. Além, claro, da ideologia e do conjunto de saberes que faz o professor pensar. Em suma, a construção da aula passa pela formação do professor até o afeto que ele tem da disciplina que leciona.

A reflexão sobre um projeto de minha autoria também é, de certo modo, refletir sobre a minha trajetória docente, os meus anseios, a visão de educação e a interpretação na aplicação de conceitos-chave. A análise do projeto Paideia, neste capítulo, é em cima de documentos produzidos pelos professores coordenadores. A guarda desses documentos estão em drives digitais dos coordenadores e da direção da Escola. Cada documento explorado foi escrito em um contexto diferente, com intencionalidades diferentes, algo que se evidencia no texto da fonte. O conteúdo dos documentos, embora semelhantes, se dirige ao público interno do ambiente escolar, e alguns, como serão explorados a seguir, são focados em avaliações externas, já que o projeto foi submetido a premiações escolares.

Para interpretar as fontes documentais produzidas pelo Projeto Paideia, é necessário uma análise interna e externa dos documentos, passando pela contextualização da criação de cada fonte.

A análise de documentos, para Silvia Calado e Silvia Ferreira (2005), pode ser usada segundo duas perspectivas: servir para complementar a informação obtida por outros métodos, esperando encontrar-se nos documentos informações úteis para o objeto em estudo; ou ser o método de pesquisa central, ou mesmo exclusivo, de um projeto e, neste caso, os documentos são o alvo de estudo por si próprios.

Para as autoras, “a distinção entre fontes primárias e secundárias pode ser complicada uma vez que, consoante o contexto ou ponto de vista, o mesmo documento pode ser entendido ora como fonte primária ora secundária” (CALADO; FERREIRA, 2005, p. 5). Essa é uma questão a ser percebida na análise desse capítulo, já que os documentos, fontes primárias, foram produzidos por mim e se confundem com a minha interpretação da experiência vivida. Entretanto, como já apresentado, esse exercício também é uma análise sobre a minha própria prática.

Primeiramente, cada documento será exposto a uma análise externa. Nessa análise será verificado formato, veracidade, local de armazenamento, itens explorados ao longo do texto, entre outras características pertinentes a cada documento.

Depois, para realizar a análise interna do documento, pode-se utilizar, segundo Ciro Flamarion Cardoso (1997), da semântica, teoria do conteúdo das significações ou, como agora prefere-se: estudo das mencionadas significações que sejam ao mesmo tempo gerativas.

Portanto, é necessário considerar que o documento é portador de um discurso, uma intencionalidade. Por isso, o texto não está separado do contexto de produção:

A história é sempre um texto, ou mais amplamente, discurso, seja ele escrito, iconográfico, gestual, etc., de sorte que somente através da decifração dos discursos que exprimem ou contêm a história poderá o historiador realizar o seu trabalho. (CARDOSO, p. 541, 1997)

Neste capítulo, também, se busca o lugar do ensino de história ao se trabalhar a educação política com os estudantes no projeto. Já que, originalmente, o projeto não foi desenvolvido exclusivamente pelo componente curricular de história, nem foi concebido de tal forma.

2.1. A Escola e o contexto do surgimento do Paideia

O projeto Paideia, na Escola La Salle Pão dos Pobres, criado em 2017, surgiu, como apresentado em todas as edições do projeto, com a proposta de auxiliar na reflexão dos estudantes que estão chegando à idade de participação nos processos eleitorais. Ademais, Para o Observatório da Sociedade Civil (2015, p.1), “no Brasil, essa questão ganhou contornos especiais com as manifestações de junho de 2013, quando milhares de pessoas, na maioria jovens, foram às ruas numa explosão social que há muito não se via”. Desse modo, as discussões sobre formação política, na Escola La Salle Pão dos Pobres, foram introduzidas não somente no âmbito da sala de aula, em práticas não sistematizadas, mas começaram a fazer parte da reflexão e das intencionalidades da comunidade escolar. A formação política não pode ser confundida com debate partidário, contudo, deve cumprir a diretriz da Lei nº 9394/96 - LDBEN (1996, p.7) que estabelece a educação nacional nos seguintes princípios: “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas”. Esse ponto, em especial, aparece nas versões do projeto como sua justificativa legal para ser implementado.

Os diferentes temas e debates propostos estão de acordo com a matriz curricular estabelecida pela Rede La Salle, mantenedora da escola, que no Guia das Escolas Lassalistas (2010, p. 9) defende que a escola seja capaz de “capacitar o aluno a se relacionar com o mundo, consigo mesmo, com os outros e com Deus, de forma que sempre saiba amar, pensar, refletir, criar, optar, decidir e agir à luz do Evangelho”. Por conseguinte, as atividades propostas estão também em sintonia com a discussão da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, desde as três versões postas para debate até a publicada em 2018, que sugere uma

educação voltada à formação cidadã e à sua aplicabilidade na vida do estudante: “os resultados das aprendizagens precisam se expressar e se apresentar como sendo a possibilidade de utilizar o conhecimento em situações que requerem aplicá-lo para tomar decisões pertinentes” (2018, p.15).

O projeto tem como finalidade apresentar a política como parte integrante e importante da sociedade. No entanto, na visão geral, fruto de diferentes escândalos notáveis e públicos, esta perde credibilidade. O conhecimento e o debate de temas relacionados à ética nas relações, estruturas de poder, sistema democrático brasileiro, aumentam seu espaço nas aulas de história e outras discussões no ambiente escolar.

O projeto começou em 2017 por necessidade dos próprios estudantes do nono ano, que estavam chegando à idade eleitoral. Em especial, depois da experiência de escolha do nome da biblioteca que mobilizou todos os estudantes e possibilitou reflexões sobre a participação deles. Essa mobilização, na visão da direção e dos professores coordenadores, foi uma oportunidade para criar um espaço de educação política permanente na escola

Sobre o lugar de desenvolvimento do Paideia, a Escola La Salle Pão dos Pobres está situada no bairro Cidade Baixa, na cidade de Porto Alegre. A escola tem um porte médio nos critérios da Rede, em 2020 possuía 497 alunos somando os dois turnos de aula, sendo oferecidas 326 bolsas para alunos de baixa renda¹. Na parte da manhã, a escola atende os alunos de anos finais do Ensino Fundamental, sendo duas turmas para cada uma das séries, com 30 alunos em média em cada. No turno da tarde, a escola atende os alunos dos anos iniciais, sendo também duas turmas por série.

Segundo o Projeto Pedagógico da escola,

As escolas da Rede La Salle têm por finalidade oferecer uma educação humana e cristã de qualidade, visando à formação integral dos nossos alunos. A Escola La Salle Pão dos Pobres faz parte desta rede mundial de educação, fundada por São João Batista de La Salle, padroeiro dos educadores. Temos a missão e o desafio de ser a expressão lassalista no mundo de hoje, formando crianças e jovens responsáveis, éticos, potencialmente críticos, conscientes e preparados para atuar como protagonistas, ajudando a promover as mudanças que a sociedade tanto necessita. Uma escola lassalista se diferencia pela infraestrutura, acolhida, empatia, qualidade no ensino e tradição. (PPP, 2018, p. 5)

¹ Critérios e editais são publicados e atualizados anualmente.

A estrutura da escola está situada dentro do complexo da Fundação Pão dos Pobres, organização centenária conhecida pelo atendimento a crianças e adolescentes carentes². Essa característica se mantém na escola, que já completou 87 anos. Atualmente, a instituição de ensino é mantida pela Rede La Salle.

O currículo da escola nos anos finais, etapa que o projeto Paideia se desenvolve, divide-se em dez disciplinas, distribuídas em vinte e cinco períodos semanais. Os componentes curriculares das Ciências Humanas dividem 20% da carga horária semanal. Desse modo, são dois períodos para história e dois para geografia e um período para filosofia, sendo que cada período possui 50 minutos.

O espaço físico da escola possui limitações de ampliação devido a ser composto por prédios tombados, portanto todos os espaços da escola são otimizados. São, ao todo, nove salas de aula em um prédio e na outra construção ficam as estruturas administrativas. A escola conta com biblioteca, laboratório de informática (com vinte computadores), laboratório multidisciplinar, sala de projeção para exibição de vídeos e demais usos, além de uma sala de recursos para os alunos que precisam de apoio especial.

O La Salle Pão dos Pobres, segundo o Projeto Pedagógico, desenvolve inovadoras práticas através de projetos pedagógicos que são constantemente aperfeiçoados, acompanhando as profundas transformações da sociedade. “Nos diferenciamos pela acolhida, qualidade no ensino, promovendo projetos de formação e uma estrutura física enxuta, porém, adequada às necessidades escolares” (PPP, 2018, np). Logo, são desenvolvidas atividades extraclasse, que estão de acordo com a faixa etária dos estudantes e são sem custo.

A escola oferece as seguintes atividades no contraturno: Arteiros de Plantão, Grupo de Teatro, Futsal, Comunicação Integrada, Reforço Escolar, Hora do Conto, Projeto Paideia, Feira Literária, Educação Financeira, Projeto Científico Delfos, Grupo de Jovens, Grupo Escoteiro Laçador.

No ano de 2020, a escola através da Universidade La Salle fechou parceria com a Google For Education. A partir desse acordo, foi construída uma sala com equipamentos e ferramentas da Google. Assim, para o desenvolvimento das atividades, os estudantes

² PÃO DOS POBRES. Conheça nossa história. Disponível em: <<https://www.paodospobres.org.br/site/timeline/>>. Acesso em: 24 maio 2020.

possuem acesso a chromebooks, tablets e smartphones com os aplicativos que serão utilizados no projeto.

Diante dessa estrutura, a proposta da reescrita do projeto conta com a utilização de diversos espaços da escola. Além da sala de aula, a nova sala Google for education é uma ferramenta para desenvolver as atividades da metodologia de ensino. Portanto, embora seja uma escola assistencial de porte pequeno, garante uma estrutura suficiente para desenvolver as atividades propostas no projeto, suprimindo, quando necessário, o acesso a tecnologia educacional e a recursos digitais diversos.

2.2 Histórico do projeto - criação e reescritas

O projeto até o ano de 2020 teve três versões. Cada edição possuía características diferentes e coordenadores de áreas diversas. Os documentos criados para cada edição respeitavam as orientações que a escola estipulava para os projetos. Portanto, os itens e as partes dos documentos não foram iguais.

Na sequência, serão analisadas as três versões: 2017, 2018 e 2019. Em especial, será identificado elementos da educação política, da metodologia implementada, além de serem resgatadas as memórias das aplicações que foram vivenciadas ao longo do projeto. Para destacar as diferenças e semelhanças entre os documentos, seguem as informações no quadro abaixo:

Quadro 1: comparação entre as edições.

	2017	2018	2019
Título do Projeto	Paideia: ação política na Escola La Salle Pão Dos Pobres	Paideia – formação cidadã	PROJETO Paideia - formação de líderes e cidadãos
Coordenadores/autores	Alan Machado, Igor Gonçalves, Karen Rodrigues e Rafael Trindade.	Alan Machado, Milton Dalpiaz e Rafael Trindade	Rafael Trindade e Alan Machado
Quantidade de páginas	3	11	13
Público-alvo	Alunos do 9º ano da Escola de Ensino	Alunos do 9º ano da Escola de Ensino	Alunos do 9º ano da Escola de Ensino

	Fundamental	Fundamental La Salle Pão dos Pobres, líderes de turmas e demais estudantes dos Anos Finais interessados na temática.	Fundamental La Salle Pão dos Pobres, líderes de turmas e demais estudantes dos Anos Finais interessados na temática.
Tópicos do documento	Título do projeto, responsáveis, destinatários, justificativa, metodologia, orçamentária e referências. objetivos, previsão e	Título do projeto, coordenação, apresentação da escola, justificativa do projeto, objetivos, público de interesse e envolvimento, gestão do projeto, execução do projeto, previsão orçamentária, avaliação de resultados, anexos e referências	Título do projeto, coordenação e nome da escola, justificativa, objetivos, envolvimento, gestão do projeto, previsão orçamentária, avaliação de resultados, anexos e referências.

Fonte: elaborado pelo autor a partir dos documentos citados (2020)

Na versão de 2017, foi utilizado um documento interno da escola para registro da atividade, já nas versões de 2018 e 2019, o arquivo seguiu um modelo proposto pelo Sindicato das Escolas Privadas do Rio Grande do Sul (SINEPE/RS) nas premiações³ e concursos promovidos por essa entidade.

2.2.1. Edição de 2017: ano da ação política

Na versão de 2017, foi usado um modelo padrão proposto pela direção pedagógica da escola resumido com três páginas. O documento inclui título, responsáveis, destinatários, justificativa, metodologia (cronograma), previsão orçamentária e referências. Embora sejam muitos itens, em cada um deles há poucas linhas preenchidas.

O título dessa versão era “Paideia: ação política na Escola La Salle Pão Dos Pobres” e esse título conversa com a atividade inicial, que consistia na escolha do nome da biblioteca da Escola. O público-alvo era somente as duas turmas de nono ano da escola, e o objetivo geral do projeto era “problematizar sobre a temática da política na escola, refletindo sobre a participação e protagonismo dos jovens nessa área” (Paideia, 2017, p. 1).

³ SINEPE/RS. Disponível em: <<https://premios.sinepe-rs.org.br/>>. Acesso em 25 maio 2020.

O contexto de surgimento da proposta foi que em 2017, a biblioteca da escola foi reformada e seria batizada, já que até então não possuía nome. O nome seria escolhido através de um concurso promovido pela biblioteca em parceria com área das Ciências Humanas, com os alunos do nono ano. Esses estudantes realizaram uma campanha em cima de quatro autores indicados pela bibliotecária da escola e o autor mais votado por toda a comunidade escolar seria o homenageado. A autora vencedora do concurso foi Kiusam de Oliveira. O concurso teve um grande engajamento dos estudantes, e, para realizar a eleição, foram preparados encontros para se discutir como elaborar uma campanha, trazer o histórico de cada autor e as bandeiras defendidas por eles.

Após a visita da autora em julho de 2017, que mobilizou os estudantes e a escola, os professores, refletindo sobre o sucesso da iniciativa, decidiram transformar a experiência política vivida em um projeto sistemático para a formação de educação política com esses alunos no segundo semestre. Assim, o documento foi produzido nesse contexto.

A partir do segundo semestre de 2017, o projeto foi incorporado ao calendário da escola com encontros durante as aulas das disciplinas de ciências humanas e uma saída de estudos com os estudantes do nono ano. Nesse momento que o projeto foi nomeado Paideia, que, segundo o documento, exprime: “Paideia é uma palavra grega que exprime o sistema de educação grego-clássico, em que o objetivo do processo era a formação integral do cidadão. Preparando, assim, os jovens para a vida adulta” (Paideia, 2017, p.1). Assim, a atividade deixou de ser um concurso, tornando-se um espaço para educação política dos estudantes.

Os objetivos propostos nesta edição foram:

Geral: Problematizar sobre a temática da política na escola, refletindo sobre a participação e protagonismo dos jovens nessa área. Específicos: a) Conhecer as diferentes noções do conceito de democracia e a suas críticas. b) Debater as diferentes ideologias políticas no cenário político brasileiro e seus desdobramentos históricos. c) Compreender o cenário político brasileiro na atualidade, buscando alternativas em prol de uma sociedade democrática. (PAIDEIA, 2017)

Os objetivos dialogam com as atividades propostas na metodologia e são organizados em forma de cronograma. Mesmo nas edições anteriores, a sistematização do projeto ocorre, e a eleição do nome da biblioteca faz parte disso.

Quadro 2: cronograma das atividades.

Cronograma das atividades		
Atividade	Responsável	Data
Apresentação do Projeto nas turmas de 9º ano	Karen Rodrigues	02/08/2017
Democracia: exposição conceitual	Prof. Rafael Trindade	07/08/2017
A influência da mídia na construção da Democracia.	Convidado externo Juremir Machado	25/08/2017
Ideologia Política	Prof. Igor Gonçalves	11/ 09/2017
Ideologia Política	Convidado externo Andrews Bianchi	27/09/2017
Sistema Político: poderes, leis e coalizão	Prof. Alan Machado	16/10/2017
Sistema Político: poderes, leis e coalizão	Convidado externo Henrique Leites	25/10/2017
Visita à Câmara de Vereadores de Porto Alegre	Alan Machado, Igor Gonçalves, Karen Rodrigues e Rafael Trindade	02/12/2017

Fonte: adaptado de Paideia, 2017

A metodologia apresentada com oito encontros ocorreu em paralelo com as aulas das disciplinas de Ciências Humanas - filosofia e história. Os encontros aconteceram na biblioteca com os professores das disciplinas e convidados externos, com experiência no tema.

Portanto, conforme o quadro 2, os encontros eram intercalados entre os professores da escola e convidados externos. Os professores aproximavam o tema do currículo da escola e os externos realizavam uma abordagem a partir da vivência e experiência no seu campo.

O documento de 2017 encerra trazendo algumas referências do Guia das Escolas Lassalistas e legislações. No rodapé, o documento original foi assinado pelo Diretor da escola, pela Coordenação Pedagógica e Administrativa e foi assinalado como deferido.

2.2.2. Edição de 2018: formação de consciências.

Na versão de 2018, o projeto é incorporado no currículo escolar, incluindo carga horária fixa para professores da escola desenvolverem as atividades. No turno inverso de aula, foi criado um grupo para aprofundamento de temas e conceitos de educação política. Esse grupo, batizado como Grupo Célula, era acompanhado pelos professores Rafael Trindade, história e Milton Dalpiaz, filosofia, utilizando a carga horária criada para o projeto.

Ademais, os estudantes que participaram neste ano não haviam participado da edição anterior, já que a atividade do ano anterior incluía somente estudantes dos nonos anos, última série que a escola oferece. No documento do projeto, a intenção era incorporar alunos de outras séries que se destacavam ou se interessavam com a temática das ciências humanas, contudo a concentração das atividades ficaram somente com estudantes concluintes da escola novamente, salvo poucas exceções.

Nesse sentido, o perfil dos alunos em 2018, embora não seja possível recuperá-lo de forma quantitativa, mas sim da memória dos professores da escola que se envolveram com as atividades, também se destaca frente às outras edições. A maior parte desses estudantes já estava envolvida em alguma outra atividade escolar, em destaque o Grupo de Jovens Ubuntu. Esse grupo de jovens na escola é uma ação da pastoral lassalista e trabalha com a formação de jovens a partir do carisma de La Salle⁴. No grupo são realizadas formações humanas, religiosas e eventos com outras escolas da Rede La Salle. A participação dos jovens em ambos grupos, Célula e Ubuntu, facilitou a integração e supriu habilidades socioemocionais não propostas pelo projeto Paideia. Além disso, os estudantes durante o contraturno frequentavam e vivenciavam o espaço escolar.

⁴ O carisma da Rede La Salle “[...] remete ao final do século XVII francês, a São João Batista de La Salle e aos primeiros Irmãos das Escolas Cristãs que, impressionados pela situação de abandono dos filhos dos artesãos e dos pobres, consagraram-se a Deus e se associaram para manter, juntos e por associação, as escolas cristãs e gratuitas. Com fidelidade criativa ao carisma e à história do Instituto, os Educadores Lassalistas de todas as épocas souberam dialogar com o seu tempo, incorporar elementos teóricos, científicos, metodológicos, históricos e sociais que os auxiliaram a manter a capacidade de reinventar criativamente a forma de fazer educação e o modo de responder proativamente às necessidades que se apresentavam”. (PROVÍNCIA LA SALLE BRASIL-CHILE, 2014, p.8-9).

Portanto, percebe-se que a versão do projeto em 2018 é diferente da versão de 2017. A escrita do documento se aproximou no modelo proposto pelo SINEPE/RS⁵, sindicato patronal das escolas particulares do Rio Grande do Sul, pois o projeto seria apresentado em concursos e premiações de atividades escolares promovidos pelo sindicato.

No título do documento, é apresentado o novo nome do projeto: “Paideia - formação cidadã”, mas, ao longo do texto do documento, não se justifica a troca. Outrossim, aparece o nome de três professores da área das ciências humanas que assinam a escrita do projeto.

Na sequência, o documento está dividido em seções: apresentação, justificativa do projeto, objetivos, público de interesse e envolvimento, gestão do projeto, execução do projeto, previsão orçamentária, avaliação de resultados, anexos e referências. As seções estão dispostas ao longo de 11 páginas, e o documento inclui texto do projeto, um cronograma relacionado às atividades curriculares realizadas com o nono ano e nove fotos das práticas.

Na apresentação, está a descrição do espaço escolar, as atividades extracurriculares desenvolvidas na escola e o perfil dos estudantes. Na justificativa, o texto busca aproximar o projeto das diretrizes da Rede La Salle e da nova Base Nacional Comum Curricular, trazendo a necessidade de se trabalhar esses temas com os jovens para “consolidação das bases da nossa sociedade democrática” (PAIDEIA, 2018, p. 2).

Os objetivos do projeto em 2018 foram:

- a) Problematizar sobre a temática da política na escola, refletindo sobre a participação e o protagonismo dos jovens nessa área.
- b) Conhecer as diferentes noções do conceito de democracia e a suas críticas.
- c) Debater as diferentes ideologias políticas no cenário político brasileiro e seus desdobramentos históricos.
- d) Compreender o cenário político brasileiro na atualidade, buscando alternativas em prol de uma sociedade democrática.

Nessa seção é possível reconhecer a intencionalidade de se desenvolver uma educação política mais próxima de outras áreas das ciências humanas. Contudo, nessa edição, não percebe-se um papel claro do ensino de história, além daquele que traz contextualização dos conceitos.

⁵ O prêmio SINEPE/RS é entregue anualmente às escolas particulares do Rio Grande do Sul. O Projeto Paideia recebeu menção honrosa no ano de 2018 na categoria Inovação em Educação. Mais informações pelo site: <https://premios.sinepe-rs.org.br/> (disponível em 24/04/2020)

Nas seções “público de interesse e envolvimento” e “gestão do projeto”, são apresentados os grupos e os estudantes envolvidos com o projeto. Nessas seções, são descritas as atividades do grupo Célula e as práticas complementares ao currículo dos alunos do nono ano.

Na “execução do projeto”, existe uma tabela para descrever o primeiro bloco das atividades do ano, e as demais proposições estão descritas na forma de texto. No primeiro bloco, estão atividades de formação dos conceitos importantes para a educação política e o papel das instituições no cenário brasileiro. No segundo bloco é apresentada a eleição do “presidente da escola” (novidade desta edição) e é descrito o papel de cada grupo envolvido na atividade do projeto. Outrossim, o terceiro e último bloco apresentado refere-se à saída de estudos em prédios da administração pública.

Na seção de avaliação e resultados, existe uma memória da versão de 2017 e uma avaliação dos coordenadores sobre o projeto até então:

O projeto tem conseguido lançar um olhar positivo sobre relações de poder e os estudos da ciência política. Assim, separando, quando necessário, o saber político da prática político-partidária. O desafio de dar luz a uma perspectiva desacreditada na sociedade a cada escândalo público urge. Logo, o projeto Paideia nasceu nesse contexto e até então está alcançando seu objetivo. (Paideia, 2018, p. 6)

Além do documento escrito do projeto, para a candidatura ao prêmio do SINEPE/RS, foi produzido um vídeo⁶ protagonizado pelos estudantes. O vídeo de 2 minutos e 14 segundos é gravado nas dependências da escola e diferentes participantes do projeto contam as experiências vivenciadas e explicam o funcionamento dos grupos Célula e do trabalho com os nonos anos.

2.2.3 Edição de 2019: limites da institucionalização.

O projeto na versão de 2019 é parecido tanto na escrita quanto na estrutura da versão do ano anterior. O título do projeto foi trocado para “Paideia - formação de líderes e cidadãos”, já que desde 2018 foi incorporada a participação das lideranças de classe no grupo Célula.

⁶ Vídeo produzido disponível em: https://youtu.be/9_OllvHTx9A (acessado em 26/04/2020).

O principal ponto de divergência é a atualização das atividades na seção de “gestão do projeto”. O projeto apresenta uma proposta de mudança no bloco dois, que em 2018 refere-se a eleições para presidente da escola. O bloco pretende explorar a atividade legislativa, com a proposição de leis e com as explicações de como as instituições legislativas desempenham suas atividades.

No entanto, por diversos fatores, como pouca participação dos líderes de classe no grupo Célula e dificuldade de articulação entre os professores das ciências humanas, não foi possível executar o que estava planejado. As atividades desenvolvidas pela escola direcionaram a prática do grupo Célula para além do planejamento.

A direção da escola optou por orientar novas atividades e gincanas escolares e a atribuição foi entregue aos integrantes do Paideia. Esvaziando, por consequência, a intencionalidade da educação política. Como resultado, foi apresentado no documento o seguinte:

Com a reformulação do projeto e a sua ampliação no ano de 2019, o grupo Célula escolheu o Presidente da Escola, figura representativa dos estudantes e interlocutores entre alunos e equipe diretiva. As demandas dos estudantes são levadas pelos presidente e vice-presidente que retornam em ações. Foram criadas duas ações - a gincana da limpeza das salas (“Gincana Minha Sala Eu Cuido”) e os primeiros jogos interséries da escola. (Paideia, 2019, p. 6).

A experiência da edição de 2019 evidenciou o afastamento do ensino de história e até mesmo da educação política na execução do projeto. Isso, pois, além da característica do grupo de estudantes participantes, o projeto recebeu novas atribuições e influências de outros setores da escola.

Os objetivos descritos na edição são os mesmos de 2018. No documento, existe uma descrição das atividades e propostas para as atividades.

No primeiro bloco de formações, são trabalhadas as seguintes atividades/oficinas: Conceito de Democracia; Instituições Políticas e Sistema Político hoje; O que é ideologia? O papel da mídia no processo democrático. Os encontros são realizados em parceria com a Biblioteca da escola no espaço Arena com as duas turmas reunidas. Para cada atividade, foram convidados professores, jornalistas e outros profissionais especialistas nas áreas para um momento de formação e debate sobre os temas. (Paideia, 2019)

Essas atividades do primeiro bloco ocorreu conforme planejado. No entanto, as atividades do segundo bloco não foram postas em prática, seja pela opção da direção

pedagógica, seja por outros eventos escolares, como a falta de articulação entre os professores da área de humanidades.

O segundo bloco de atividade, nos meses de outubro e novembro, será a representação da atividade parlamentar. As turmas serão divididas em comissões e irão propor a criação de leis, visando a uma sociedade melhor. A redação da lei será avaliada nas comissões adequadas e votada em assembleia, respeitando os ritos e costumes da atividade legislativa. Após a aprovação das leis, elas serão levadas para sanção do presidente da escola - representando o grupo Célula - cabendo a ele aprovar ou não. (Paideia, 2019, p.5)

Mesmo não sendo executadas as tarefas propostas no segundo bloco, ocorreu a saída de estudos para a Câmara Municipal de Porto Alegre, para que parte do proposto no projeto, a atividade legislativa, fosse abordado e explorado com os estudantes.

2.3. Quatro edições: aproximações e afastamentos do Ensino de História e da Educação Política

A análise da prática de 2017 pode se resumir a algumas palavras-chave de ação e engajamento, que definem um novo alinhamento na formação política da escola, ou seja, trazem um novo entendimento sobre o ensino de História e de Educação Política.

A característica da escola, resgatando a memória dos professores, ligava a educação política, ao menos na intenção da direção da escola anterior a 2017, à dimensão da narrativa romântica-patriótica histórica. Para Sant (2015), essa narrativa era utilizada para compreender o passado e o presente, buscando elementos de verdade e identidade nacional. No entanto, como analisa a autora, existe uma omissão de outros elementos e narrativas mais próximas da realidade dos estudantes - como as narrativas de minorias políticas.

Portanto, a edição primeira de 2017, buscou romper com essa visão e direção até então posta na escola. A votação para o nome da biblioteca, atividade motivadora do projeto, buscou prestigiar autores ligados a questões de minorias políticas - de povos indígenas, afro-brasileiras, feministas, por exemplo - sugeridos pela bibliotecária da escola.

Essa perspectiva conversa com o objetivo principal do projeto em 2017, “Problematizar sobre a temática da política na escola, refletindo sobre a participação e protagonismo dos jovens nessa área” (Paideia, 2017, p. 1). Desse modo, estabeleceu-se uma mudança de narrativa, problematizando novos personagens sociais com uma atitude ativa como proposta por Pagès (2010).

A metodologia proposta no projeto em 2017 aproximou a educação política, explorando e desenvolvendo, nas oficinas e palestras, valores democráticos (Benevides, 1996). No entanto, tangencia o ensino de história, não sendo esse uma ferramenta explorada para relacionar a questão política. Contudo, a metodologia se propõe a romper, de acordo com Lucini (2018), a lógica da cronologia, esta que não contribui para o desenvolvimento da consciência cidadã e política, pois a cidadania e a política constituem-se em campos que necessitam do presente para se constituir.

Na edição de 2018 do projeto, pode-se perceber a instituição da ideia de participação dos estudantes na vida da escola e conscientização da comunidade escolar. Logo, nota-se que, segundo Siman (2018), relacionar os sentidos atribuídos à História pelos jovens com o seu agir no presente, com a sua leitura a respeito do passado e com a elaboração que constroem a respeito do futuro, é etapa fundamental para constituição do fazer político e do ensino de história. Assim, o projeto no ano de 2018, pela memória dos professores coordenadores, está ligado à consolidação da formação política na escola, já que foi aberto espaço no currículo e incorporado novos professores ao projeto.

A percepção da consciência, segundo crítica de Lucini (2018), que parece não se efetivar a partir da história ensinada, pois, como indicado a partir da questão analisada sobre o conteúdo ensinado, há um enfoque para as questões históricas, cuja intencionalidade centra-se no conhecimento escolar, não observando investimento no campo da ação. O projeto de 2018 teve como objetivo romper com essa ideia. Veja:

b) Conhecer as diferentes noções do conceito de democracia e a suas críticas. c) Debater as diferentes ideologias políticas no cenário político brasileiro e seus desdobramentos históricos. d) Compreender o cenário político brasileiro na atualidade, buscando alternativas em prol de uma sociedade democrática. (PAIDEIA, 2018, p.3)

A metodologia busca afastar o ensino de história cada vez mais da narrativa romântica-patriótica para aproximá-la da compreensão crítica que estamos entendendo como o desenvolvimento da capacidade de analisar os acontecimentos históricos no decurso do tempo e nele intervir para transformar a realidade (LUCINI, 2018).

Na percepção dos professores coordenadores, a edição foi a mais exitosa, por alguns fatores como perfil e engajamento dos estudantes na vida da escola. Porém, também nessa

edição houve uma ruptura com a problemática da educação política sem relação com o contexto de vivência dos estudantes (PAGÈS, 2010).

Como explicitado na Introdução, um problema na educação político-cívica está relacionado à irrelevância dos problemas tratados, à falta de temas controversos e a uma aprendizagem passiva. A metodologia proposta para essa edição caminha no sentido proposto por Pagès (2010). As dinâmicas dos encontros buscaram tratar temas relacionados à juventude, às relações entre estudantes, entre professores e alunos, para, em seguida, buscar uma dimensão mais global das relações políticas.

A edição de 2019 teve seus objetivos iguais aos propostos em 2018. No entanto, a metodologia não foi semelhante. Além disso, na percepção dos coordenadores, nessa edição houve um menor impacto no engajamento dos estudantes. Da edição de 2018 para a de 2019, poucos estudantes permaneceram, alterando o público que passou pela formação e causando diferenças entre as experiências de 2018 e 2019. Portanto, em resumo, na edição de 2019, encontram-se os limites da institucionalização do projeto na escola.

A institucionalização do projeto abriu uma porta para comunicação entre escola e estudantes, atribuindo ao projeto momentos para comunicados e cobranças por parte da direção, afastando-se, pelo menos, parcialmente, da proposta de formação política. A metodologia foi limitada, conforme crítica de Pagès (2010), ao conhecimento das instituições políticas, da sua história e do seu funcionamento. Já que o espaço da carga horária do projeto foi pensado para ações de controle da limpeza de sala e combinados da escola com representantes das turmas.

Para Isabel Barca e Maria Auxiliadora Schmidt (2013), a aprendizagem histórica só ocorre quando conseguimos processar a experiência da mudança temporal do mundo humano, produzindo o sentido histórico. Para que isso aconteça, alguns desafios devem ser assumidos, porque o processo de passar por essa experiência inclui as dimensões da interpretação, ou seja, o que se aprende tem que fazer sentido para o aprendiz. A edição de 2019, não alcançou essa dimensão de experiência. Para Zamboni (2003), os educadores devem fornecer elementos para que os alunos pensem historicamente, esse é desafio da reescrita do projeto para 2020, é a dimensão-chave para a continuidade desse trabalho.

Para a edição de 2020, portanto, é necessário repensar o projeto, desde a sua concepção até a execução. A dimensão propositiva deste trabalho é justamente a reescrita do Projeto Paideia na escola La Salle Pão dos Pobres. Outro aspecto será a análise das interações e aprendizagens dos estudantes. O desafio é a aproximação do ensino de história para refletir qual o lugar do pensar historicamente para a educação política de jovens estudantes do ensino fundamental.

O projeto até 2019 complementava a matriz de história dos nonos anos. Entretanto, a partir de 2020, a formação ocorreu somente com o grupo de líderes no contraturno escolar. Mantendo, no entanto, a educação política através do pensar historicamente os conceitos de democracia, república e política. Os conceitos de democracia e república são trabalhados na concepção da educação para democracia (BENEVIDES, 1996). Os valores democráticos, estreitamente ligados aos republicanos, e também interdependentes entre si, são entendidos como o reconhecimento da igualdade, o respeito aos direitos humanos e à vontade da maioria, legitimamente formada. Os valores republicanos buscados no projeto são o respeito às leis, o respeito ao bem público e o sentido de responsabilidade no exercício do poder.

Os capítulos seguintes tratam desses pontos: a reescrita do projeto Paideia e a análise da sua aplicação na escola no segundo semestre de 2020 em um novo formato.

CAPÍTULO 3: UMA REESCRITA DO PROJETO NA ESCOLA EM TEMPOS DE PANDEMIA

O projeto desenvolvido com os estudantes desde 2017 sempre manteve a característica dos encontros presenciais, dos espaços de debate em locais da escola, na troca entre os estudantes no pátio e na biblioteca. Entretanto, o ano de 2020 fez com que não somente o projeto, mas toda a escola tivesse que ser repensada para um contexto virtual.

A pandemia causada pelo coronavírus (SARS-COV-2) e a consequente suspensão das aulas presenciais desde março de 2020 apanharam todos os educadores e estudantes de surpresa. Os projetos, planejamentos de aula e a rotina escolar dos alunos foram assolados por uma interrupção sem aviso. Em um contexto de incertezas, cada instituição buscou formas de retomar as rotinas escolares. A sequência de atividades para o projeto Paideia não foi diferente desse contexto global.

Em vista disso, para Xiao e Li (2020), a modalidade de ensinar on-line é diferente do ensino tradicional. Muitos fatores passaram a impactar no processo de ensino, como os sistemas de rede e a distância física na relação professor-aluno. O modelo implementado pela maioria das escolas em 2020 evidencia que não é possível assumir uma classe de forma igual no presencial e no virtual.

A edição de 2020 do projeto Paideia, a ser reestruturado neste trabalho, precisou se adequar a esse contexto de excepcionalidade. A rotina escolar em 2020 foi marcada por aulas síncronas, utilização de ferramentas educativas digitais e desafios de comunicação entre os agentes da escola. O contato e as experiências pessoais tornaram-se um desafio em uma realidade de câmaras fechadas, pouca interação nas aulas e dificuldades de acesso e conexão à internet.

Sobre a temática da educação à distância,

A educação à distância (EAD) e a educação semipresencial se caracterizam pelo processo de ensino-aprendizagem, no qual o professor e o aprendiz estão separados espacial e/ou temporalmente durante a maior parte do tempo. Nesta situação, é necessária a mediação de ferramentas de comunicação para manter a interação entre professor e aluno, tais como o correio, o rádio, a televisão, o vídeo, o Cd-Rom, o telefone, o fax, a Internet ou a videoconferência. (MORAN, 1994, np).

A citação do José Moran dos anos 90 evidencia que a temática da educação à distância não é um problema atual no Brasil, é um tema presente há algumas décadas. Esse objeto de pesquisa já se reflete em muitos trabalhos nas diferentes áreas relacionadas à educação e ao ensino. No entanto, o ineditismo do momento desse trabalho é a adoção desse modelo por imposição de um contexto sanitário.

As reflexões sobre a utilização ou não e os benefícios ou prejuízos da prática do EAD ou aula à distância foi posto de lado, por um contexto maior, mas, em contrapartida, essa prática pôs em evidência as desigualdades de acesso à internet e alfabetização digital. Professor e alunos tiveram que, em poucas semanas, se adequar ao modelo proposto pelas redes privadas de educação, que optaram por, ao longo da pandemia, manter os estudos remotamente⁷, encontros formativos foram criados às pressas, tanto pelas redes de ensino quanto pelos sindicatos das escolas.

Para Janice Lopes (2010), o cenário dos cursos de formação de professores na modalidade à distância não tem conseguido superar essas deficiências: “Tem-se configurado em uma caricatura mais ou menos modernizada dos velhos e conhecidos, e também já inadequados, processos de formação de professores tacitamente perpetuados.” (LOPES, 2010, p. 287).

De igual forma, a utilização dessas ferramentas educacionais, pelo menos na rede privada de educação, se apresentaram como um meio de continuidade dos vínculos, cabendo ao universo que circunda a escola se adaptar ao contexto excepcional.

Para Eucídio Arruda (2020), a maioria das instituições privadas buscaram implementar educação remota, de maneira a diferenciar-se da modalidade EaD. Neste formato, as aulas são transmitidas em tempo instantâneo, que permitem que professores e alunos tenham condições de realizar interações e organizarem seus tempos de aprendizagem da forma mais próxima à educação presencial.

Podemos afirmar, portanto, que a educação remota é um princípio importante para manter o vínculo entre estudantes, professores e demais profissionais da Educação. A resposta em contrário pode representar o afastamento por muitos meses dos

⁷ O Sindicato das Escolas Privadas do Rio Grande do Sul, propôs encontros com a finalidade de ensinar os professores modelos e tutoriais de como organizar as salas de aula virtuais. Um exemplo de evento foi disponibilizado no perfil do Facebook do sindicato. <https://www.sinepe-rs.org.br/noticias/ensino-remoto-como-preparar-aulas-sincronas-e-assincronas> (disponível em 08/09/2020).

estudantes dos espaços escolares (físicos e virtuais), o que pode comprometer a qualidade da educação, possivelmente mais do que a implementação de iniciativas que mantenham tais vínculos, apesar das limitações que venham a conferir. (ARRUDA, 2020, p. 266)

O planejamento das atividades, no final de 2019 e início de 2020, levava em consideração encontros presenciais, rotinas escolares mais usuais nos planejamentos dos professores, das instituições e das pesquisas. Portanto, a adoção de encontros síncronos, facilitou a adequação das propostas dos planos para o contexto a distância.

Desse modo, para a utilização de ferramentas interativas, temos o seguinte:

Não há um modelo único de educação à distância. A riqueza de possibilidades que a moderna tecnologia proporciona ao educador cria, muitas das vezes, um conflito entre o seu potencial de utilização e os limites impostos pela realidade das instituições e dos alunos. Esta diversidade torna mais desafiador o processo e muitos ficam indecisos ao tentarem elaborar um projeto de educação à distância bem sucedido. (LINS; MOITA, 2006, p. 2)

A diferenciação que é preciso realizar é entre atividades síncronas e assíncronas, de acordo com o proposto pelo professor, cada modelo pode se adequar melhor à cada tipo de metodologia. Para Rubevan Lins e Márcia Helena Moita (2006), as ferramentas de comunicação que exigem a participação dos estudantes e professores em eventos marcados, com horários específicos, para que ocorram, são classificadas como síncronas e as ferramentas que independem de tempo e lugar, como por exemplo, listas de discussão por correio eletrônico, news-group e as trocas de trabalhos através da rede, são classificadas como assíncronas.

A prática híbrida, como aborda María Paula González (2018), já representa a internet como elemento chave. No contexto do processo de 2020, de atividades à distância, síncronas e assíncronas, a sua utilização introduz outras referências e fontes de pesquisas para os alunos. Além disso, a internet serve como espaço de troca entre os participantes do projeto.

Para a realização dessa sequência, foi pensado em atividades síncronas e assíncronas. Os encontros com data e horário determinado pela escola são atividades síncronas, buscando explorar ferramentas adequadas para essa metodologia. Já as atividades que os estudantes realizam entre as etapas, como a campanha eleitoral (explicitada na 4ª etapa) podemos definir como assíncrona, já que não necessita estarem todos conectados no mesmo local e na mesma hora.

A escola La Salle Pão dos Pobres, como já apresentada, é uma instituição assistencial da Rede La Salle, possui estudantes de baixa renda e classe média da região central de Porto Alegre. Contudo, felizmente, os participantes do grupo Célula possuíam acesso a internet, assim podendo participar de todos os encontros.

Um dos desafios para a proposta de 2020, conforme Xiao e Li (2020), é manter a motivação nos estudantes no meio virtual. Como conseguir manter a atenção necessária para o processo de ensino-aprendizagem, sem a supervisão física do professor, a interação entre eles de forma clara e com a rivalidade dos encontros virtuais com diferentes distratores que a internet proporciona - redes sociais, plataformas de streaming e jogos, entre outros.

O roteiro de atividades proposto para o projeto em 2020 necessitou ser adaptado à realidade dos encontros a distância. As formações e as ferramentas pedagógicas foram adaptadas para sites e aplicativos virtuais. Ao longo da sequência descrita, exploro cada ferramenta e o uso proposto para ela.

As ferramentas utilizadas, levando em consideração o contexto socioeconômico dos estudantes, são de acesso gratuito, mediante um simples cadastro. Essa opção também foi importante para que, no futuro, a questão financeira não viesse impedir a continuidade das práticas e inviabilizar a sua utilização em outras realidades.

Ainda sobre as ferramentas utilizadas, muitas outras tecnologias digitais foram testadas pelos professores do projeto e muitas outras surgiram conforme avançou a escrita deste trabalho. Portanto, as opções de sites ou aplicativos foram critérios para a adequação das práticas pensadas de modo físico para as digitais. Não são de nenhum modo, as únicas opções. Cada professor pode explorar, cada vez mais, as diversas possibilidades de ferramentas para alcançar o que propõe em sua prática.

3.1 Sequência de atividades

A sequência baseia-se no modelo de aula-oficina proposto por Isabel Barca (2004). Desse modo, tendo por base a proposta da tarefa, optou-se por construir, nessa perspectiva da autora, aulas para abordar os conceitos de democracia e cidadania, em especial, evidenciando os seus desdobramentos nas esferas políticas e republicanas. Portanto, essa metodologia possibilita:

uma compreensão contextualizada do passado com base na evidência disponível e pelo desenvolvimento de uma orientação temporal que se traduz na interiorização de relações entre o passado compreendido, o presente problematizado e o futuro perspectivado. (BARCA, 2004).

A sequência propõe levar os estudantes a conhecer a história de luta que compõe a trajetória brasileira rumo à democracia, passando pelas instituições políticas e movimentos sociais. Portanto, é fundamental a construção de encontros que contribuam na educação política, através da exploração de dois conceitos norteadores: Democracia e Cidadania. Dessa forma, a intenção é relacionar o acontecido histórico com os problemas de hoje, propondo ações e reflexões dos estudantes sobre a problemática em questão.

O projeto reescrito para 2020, como anteriormente abordado no capítulo 2, busca aproximar o Ensino de História e a Educação Política, retomando características de espaço para educação política e não somente de avisos e recados institucionais.

González (2018) se utiliza de Viñao para abordar o conceito de cultura escolar e pensar as resistências e trocas propostas dentro do Ensino de História. Para a autora, as disciplinas ou componentes escolares possuem um poder criativo, uma história própria. Elas não são estáticas, portanto, modificam-se ao longo do tempo, reestruturando-se. São, na perspectiva de González, organismos vivos, com espaços de poder e tensões, em que se entrelaçam interesses e atores. Portanto, o Projeto Paideia na escola é repensado e ajustado aos interesses para educação política e não é mais utilizado para comunicação institucional.

Para Sebastián Plá (2012), o ensino de história e, em destaque, o seu uso público são uma ação política. O ensino de história, para o autor, é um objeto de investigação que faz referência a complexas relações de significado sobre o passado e esse processo ocorre dentro da escola. Portanto, deixar de fora a investigação do que se faz nas escolas é deixar lacunas na reflexão historiográfica, justamente no espaço de maior socialização do conhecimento histórico.

Evidente que o contexto excepcional do ano de 2020 tornou ainda mais forte o Projeto como elo entre direção escolar e alunos, agora distantes, ponto que foi levantado como um obstáculo na edição de 2019. Todavia, em especial, nessa sequência de atividades a ser desenvolvida, o objetivo é retomar e avançar nos objetivos traçados nas primeiras edições do projeto na escola.

Os objetivos do projeto Paideia 2020 na escola são:

- Identificar o conhecimento prévio dos estudantes sobre a democracia e as instituições políticas no Brasil.
- Analisar os conceitos de política, cidadania e democracia temporalmente.
- Relacionar as violações dos direitos e a luta de diferentes agentes sociais ao longo da história brasileira.
- Produzir materiais para campanha eleitoral na escola
- Debater sobre a situação escolar e propor melhorias na escola.

Para realizar as atividades e atingir os objetivos, foram propostos oito encontros de duas horas. O grupo-alvo da sequência reúne-se semanalmente no turno inverso das aulas, possibilitando maior flexibilidade de horários e datas. A plataforma utilizada para as atividades síncronas foi o Google Meet⁸, já que, além do acesso gratuito, os estudantes da escola já utilizam as ferramentas do Google for Education regularmente.

Na semana anterior ao início da prática, foi realizado um encontro com todos estudantes, a orientadora educacional da escola e o professor coordenador, para apresentação dos termos e autorizações para a pesquisa. Esses termos foram produzidos digitalmente e preenchidos através de formulário virtual.

As ferramentas utilizadas nos termos foram diferentes. No termo de assentimento dos estudantes e no de consentimento dos pais, optou-se por utilizar o *Google Forms*⁹, com a descrição dos termos, um espaço para completar com dados dos estudantes e dos responsáveis. Além disso, havia um espaço para confirmação de aceite dos termos e condições da pesquisa. Já no termo de autorização da instituição, optou-se por produzir um documento impresso em pdf para constar a assinatura física da coordenadora pedagógica da escola.

⁸ O Google Meet (ou Hangouts Meet) é um aplicativo de videoconferência que permite criar reuniões por vídeo com até 256 pessoas.

⁹ O Google Forms, segundo o site da empresa americana, é um aplicativo de gerenciamento de pesquisas gratuito lançado pelo Google. Os usuários podem usar o Google Forms para pesquisar e coletar informações sobre outras pessoas e também podem ser usados para questionários e formulários de registro.

3.1.1 Etapas do projeto

O Ensino de História, conforme apresenta González (2018), no fim do século XIX, se configurou como espaço de estudo e disciplina escolar com a finalidade de contar uma biografia nacional. Após, ao longo do século XX, tratava-se de uma educação política, não obstante, sem tensões e campos de disputas entre indivíduos e grupos de interesses.

Para González, o ensino de história hoje

está planteando otras ideas y sentidos: la jerarquización de los tiempos contemporáneos, la democracia, la identidad nacional plural en un contexto regional más amplio; una historia para formar ciudadanos democráticos, críticos y participativos; una historia más conceptual y explicativa; una historia que apela a diversos materiales, textos, lecturas, saberes, referencias, lenguajes y soportes; una historia que solicita a los estudiantes que narren, expliquen, justifiquen, argumenten, opinen y manifiesten sus sensibilidades y sentimientos. (GONZÁLEZ, 2018, p. 138)

Portanto, o Ensino de História e, em especial as temáticas relacionadas à educação política, tem entendimento diverso, como já debatido na Introdução desta dissertação. Por isso, é fundamental tentar identificar qual a percepção prévia dos estudantes sobre alguns conceitos que são transversais, não somente trabalhados pelo ensino de história, para poder avançar no processo.

O planejamento para as atividades foi realizado em seis etapas.

1º etapa: Sondagem.

- a) Explicitação do trabalho e engajamento no projeto.
- b) Debate e explosão de ideias questionando:
 - i) O que é democracia?
 - ii) O que é política?
 - iii) O que é cidadania?
 - iv) O que são direitos e deveres e quais são os fundamentais para você?
 - v) Como se participa da democracia?
 - vi) Você se considera um agente político?

- vii) Quais instituições políticas você conhece?
- viii) Existe política na escola?
- c) Registro no site *mentimeter.com*.
- d) Exposição das respostas anônimas na projeção e debater as respostas.

O *mentimeter*¹⁰ é um site para compartilhamento das respostas de um número ilimitado de participantes. O apresentador monitora as sequências de perguntas ou interações que são disponibilizadas na tela do participante. Conforme o participante envia as respostas, elas são projetadas de modo público, respeitando (caso seja a opção do apresentador) o anonimato.

A proposta da startup sueca para a ferramenta é para uso empresarial, para atividades coletivas e reuniões de trabalho. Porém, no contexto de pandemia, em que as interações foram reduzidas, a utilização dessa plataforma foi ampliada para o meio escolar, assim possibilitou a troca coletiva das respostas entre os colegas.

A simplicidade do design gráfico da plataforma com um comando simples, acessado por link ou pelo *QR Code*¹¹, possibilitou a tarefa ser realizada em qualquer dispositivo, seja smartphone ou computador, com sistemas operacionais mais atualizados ou mais antigos, necessitando somente acesso a internet.

Outro ponto determinante para a escolha dessa plataforma foi o relatório das respostas. Após a finalização das perguntas, foi gerado um relatório em pdf para futura análise. No relatório, estão demonstradas as respostas, na mesma disposição que foram projetadas, um elemento interessante para a futura descrição dos acontecimentos no diário de campo.

¹⁰ Segundo o site da empresa desenvolvedora sueca, o uso do Mentimeter para trabalho remoto permite que as empresas continuem a realizar reuniões, workshops, sessões de treinamento ou cobrir qualquer situação em um ambiente online remoto. O mentimeter é facilmente acessível onde quer que seus colegas ou equipe estejam. Você também pode controlar quantos membros da equipe estão conectados a uma apresentação. (MENTIMETER, 2021)

¹¹ QR Code é um código de barras bidimensional que pode ser facilmente escaneado usando a maioria dos telefones celulares equipados com câmera. Esse código é convertido em texto ou hipertexto.

2ª etapa: Exposição de conceitos

- a) Atividade expositiva com apresentação de slides explorando os conceitos de Política, Democracia e Cidadania.
- b) Apresentação da evolução do conceito de cidadania e a sua ampliação ao longo do tempo, explorando, em especial, os conceitos em contexto históricos e regimes diversos.

Essa etapa tem um caráter mais expositivo, no entanto, quer trazer os conceitos para debate com os estudantes, conceitos esses que já foram sondados na etapa anterior. A apresentação está nos anexos do trabalho.

Ao longo da exposição do professor, retoma-se o conceito de cidadania proposto pela Benevides.

A noção de Cidadania ou dos ‘direitos da cidadania’ dizem respeito a um determinado contexto: social, econômico, político e jurídico de um país ou de um Estado, no qual uma Constituição define e garante quem é cidadão, que direitos e deveres ele terá em função de uma série de variáveis tais como a idade, o estado civil, a condição de sanidade física e mental, o fato de estar ou não em dívida com a justiça penal (BENEVIDES, 2012, p. 4)

Após a discussão sob a perspectiva de que o conceito de cidadania não é universal e respeita as particularidades locais, há uma retomada da origem do conceito de democracia e seu uso na história: origem ateniense; discursos políticos em diferentes regimes - repúblicas, monarquias e ditaduras -; revoluções liberais; contexto de guerra fria; e uma retomada do processo democrático no Brasil após a ditadura civil-militar.

A política trata da convivência entre diferentes. As pessoas organizam-se politicamente para certas coisas em comum, essenciais num caos absoluto, ou a partir do caos absoluto das diferenças. Para Fábio Faturi (2018), a prática reflexiva do professor de História faz-se, portanto, fundamental, mas é somente um dos elementos para sustentar o potencial formativo e crítico, que possibilita a compreensão, interpretação e transformação da sociedade, visto que, para o autor, o ensino de História comprometido com a análise crítica da diversidade da experiência humana pode contribuir para a luta permanente e fundamental da sociedade.

Abowitz e Mamlok (2019) argumentam que uma democracia robusta consiste em quatro fundamentos: participação pública ativa e deliberativa; liberdade, justiça e oportunidades iguais; uma cidadania educada e informada e estruturas governamentais eficazes.

Sobre o contexto histórico da democracia brasileira, os movimentos sociais são entendidos sob a perspectiva de Gomes (2017). A autora aborda os movimentos sociais como os produtores e articuladores dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra os hegemônicos da nossa sociedade e, nesse sentido, ela se propõe a mostrar que o que conhecemos hoje no Brasil, seja sobre a diáspora negra, seja sobre o conhecimento construído por pessoas negras, que fazem parte de importantes questões teóricas nas áreas do conhecimento das humanidades e das ciências sociais, são devidas à atuação política, pedagógica, educacional e libertadora do Movimento Negro.

Nilton Pereira et al (2020), explora que os critérios para selecionar esses conteúdos - e que questionam, de uma só vez, a organização por círculos concêntricos e a organização cronológica - deveriam ser os seguintes: permitir uma visão ampla dos assuntos, incluir protagonistas diversos e estar localizados no tempo e no espaço. Do ponto de vista metodológico, é necessário estratégias para organizar e tornar complexo paulatinamente o pensamento dos estudantes.

Diena Hess e Paula McAvoy (2015), no seu trabalho repelem o poderoso mito de que a educação para a cidadania deve permanecer cuidadosamente “neutra” para ser aceitável e eficaz nas escolas. Elas argumentaram que as salas de aula devem ser políticas se pretendem educar os alunos para uma vida democrática. As salas de aula, por serem políticas, não significam ser partidárias, mas sim que defendem um currículo e um ensino que ajude os alunos a desenvolver sua capacidade de deliberar questões políticas.

3ª etapa: Jogo/oficina função das instituições políticas

- a) Organizar um esquema no quadro na forma de jogo da velha (#) com os três poderes (executivo, legislativo e judiciário) e os entes federados (união, estados, municípios).
- b) Aplicar o jogo de associação entre o nome da instituição e a sua definição.

- c) Conversar sobre as descobertas e dificuldades na execução do jogo no coletivo.

Para realizar a etapa A, optou-se por usar uma ferramenta da plataforma Google *Jamboard*¹². Essa ferramenta simula a lousa da sala de aula e é possível interagir coletivamente nela. O acesso ao quadro da plataforma é mediante envio de link pelo professor. Com a autorização do educador, os estudantes podem escrever no quadro, adicionar ou movimentar objetos (fotos, caixas de texto, notas autoadesivas).

A construção do *Jamboard* foi buscando aproximar as características de um quadro branco desenhado, com marcas manuais e rabiscos feitos a mão. Para completar os espaços do jogo da velha (#) utilizei notas autoadesivas, com o nome das instituições para que pudessem ser movidas pelo quadro para associar com o poder correspondente e o ente da federação adequado.

Já para a construção do jogo da etapa B, foi utilizado outro site *wordwall.net*¹³. Nesse site é possível desenvolver jogos dos mais diversos. A opção foi por um jogo de associação, algo semelhante ao jogo da memória. O aluno recebe uma lista de instituições políticas que ficam à esquerda da tela, do lado direito tem definições para cada uma delas. Ele precisa arrastar o nome da instituição no espaço adequado, ao lado da definição. Após isso, ele envia as respostas e pode conferir o resultado que é gerado automaticamente.

A ideia é o estudante jogar até conseguir acertar todas, cada rodada ele tem até 5 minutos (tempo definido pelo professor) e pode começar novamente. A cada nova rodada, a lista é embaralhada. Todas as tentativas registradas na plataforma são emitidas na forma de um relatório em .pdf.

4ª etapa: Oficina: Campanha eleitoral

- a) Organização das chapas da campanha para presidência da escola.

¹² Pelo site da desenvolvedora, “o Jamboard é uma tela inteligente. Veja rapidamente as imagens de uma pesquisa no Google, salve os trabalhos na nuvem automaticamente, use a ferramenta de reconhecimento de formas e de escrita à mão fácil de ler e desenhe com uma caneta stylus, mas apague com o dedo, como se estivesse usando um quadro branco. (...) Os professores podem incluir todos os alunos no processo de aprendizagem, seja para trabalhos na sala de aula tradicional, para seminários em grupo ou pelo ensino à distância”. (GOOGLE JAMBOARD, 2021)

¹³ Segundo o site da desenvolvedora do site, “a plataforma é a maneira mais fácil de criar seus próprios recursos didáticos. Prepare atividades personalizadas para sua sala de aula: quizzes, competições, jogos de palavras e muito mais. A plataforma já possui tradução para a língua portuguesa”. (WORDWALL, 2021)

- b) Antes de cada tarefa, apresentação de exemplos históricos de cartazes, slogans, vídeos de campanha e estratégias de campanhas:
 - i) Identificar que pautas são importantes para a escola.
 - ii) Elaborar materiais para campanha, propondo slogans e cartazes digitais para divulgação.
 - iii) Discutir ideias e registrar perguntas para um debate entre as chapas.
- c) Criação de canais de divulgação das ideias com a comunidade escolar.

Entre as etapas 4 e 5 existe um intervalo de quatro semanas para o desenvolvimento da campanha e da confecção de materiais de propaganda. Os grupos/partidos criados são acompanhados pelos professores em diferentes plataformas, como grupos de *whatsapp*, perfis em redes sociais como *instagram* e outras que os grupos optaram por criar.

Ambas as etapas, 4 e 5, buscam trazer o caráter ativo do pensar a democracia e a cidadania, como trazido pelo Pagés (2015). Para ele, é fundamental levar o cidadão a pensar por si próprio, analisando, escolhendo, discutindo e comprometendo-se com o coletivo. A escola tem, não obstante, um papel fundamental no desenvolvimento dessas habilidades. O ambiente escolar é assim um espaço onde, pensando historicamente, o estudante deve buscar agir sobre o presente.

O processo eleitoral para representante dos estudantes traz à tona situações pertinentes aos interesses deles. Desse modo, essa ação cria espaços para trocas e suporte, ainda mais no contexto de 2020, em que muitos lidaram com situações tensas e ansiosas. Logo, a campanha eleitoral visa aproximar o estudo e a vivência da experiência democrática.

Para acompanhamento dos estudantes nessa etapa, foi criado um formulário no *Google Documentos*¹⁴, editor de texto da plataforma Google, para que os estudantes pudessem preencher dados sobre os integrantes, nome dos partidos, código eleitoral e sigla.

¹⁴ Pelo site da desenvolvedora, “ Documentos Google dá vida aos seus documentos com ferramentas de edição e estilo para facilitar a formatação de textos e parágrafos. Escolha entre centenas de fontes e adicione links, imagens e desenhos. E todos esses recursos são gratuitos. A plataforma é possível de ser acessada, criando e editando seus documentos no smartphone, tablet ou computador em qualquer lugar, mesmo sem uma conexão. Um diferencial para a adoção é a possibilidade de trabalhar simultaneamente e em parceria, convertendo e salvando automaticamente qualquer outro modo de edição de texto”. (GOOGLE DOCUMENTOS, 2021)

Além disso, foram feitos os registros dos candidatos, dos slogans utilizados na propaganda e dos links das redes criadas pelos partidos.

Os grupos mantêm o encontro semanal no contraturno como um momento de atividade síncrona com os professores, embora a maior parte do trabalho nessa etapa seja assíncrona, com o monitoramento e registro do professor do material criado e da interação dos grupos com a comunidade escolar.

5ª etapa: Eleição para presidente da Escola

- a) Debate online entre as chapas da escola pela plataforma Google Meet.
- b) Votação entre toda a comunidade escolar da chapa via Google Forms.

O debate entre as chapas foi realizado através do Google Meet com os estudantes da escola. A capacidade da sala virtual é de 256 pessoas, portanto será realizada uma em cada turno, para conseguir atingir o maior número de estudantes da escola.

O debate foi organizado em cinco blocos: um para apresentação, dois para perguntas entre os partidos, um para perguntas da comunidade escolar e outro para conclusão e considerações finais. O tempo para cada pergunta e as respostas são de um minuto. O professor mediador controla o tempo e organiza quem começa em cada rodada.

Todos os estudantes, professores e técnicos administrativos votam na eleição. A escolha foi realizada via Google Forms com a necessidade de login no e-mail institucional da escola, para evitar que tenha mais de um voto por eleitor. A apuração foi instantânea e acompanhada pelos partidos. Após o final da votação, o resultado foi divulgado no site e nas redes sociais da escola.

6ª etapa: Avaliação

- a) Roda de conversa sobre as atividades.
- b) Aplicação de questionário no *Google Forms* para avaliar as atividades, o professor pesquisador e demais comentários pertinentes por parte da turma.

A última etapa visa um feedback dos estudantes sobre as práticas desenvolvidas no projeto, abrindo espaços para a construção e adequação das práticas para 2021. Além do

espaço de conversa no último encontro, foi realizado um formulário para avaliação do professor pesquisador e impressões gerais do projeto.

No capítulo seguinte, discorre-se sobre a aplicação da sequência das atividades e os desafios de executá-la em um contexto novo e excepcional. Nesse capítulo também, irei analisar quais os usos do ensino de história no desenvolvimento do trabalho e na educação política dos estudantes, relacionando o que foi produzido pelos estudantes com o referencial teórico deste trabalho.

CAPÍTULO 4: REALIZAÇÃO DO PROJETO E ANÁLISE DOS ENCONTROS

A versão do projeto de 2020 precisou ser adaptada para o contexto da pandemia. Com isso, utilizou-se de encontros à distância e exploração de ferramentas digitais, além de sofrer uma menor interação com os estudantes. Embora os alunos participantes do projeto possuam a conexão de internet necessária para acompanhar os encontros, a falta de participação efetiva, câmeras desligadas e pouca interação por áudio, dificultou a percepção direta - contato olho no olho - entre os professores e os alunos envolvidos.

Os encontros contaram com participação e engajamento, tendo poucas faltas durante o desenrolar das atividades, todos os encontros tiveram pelo menos 75% do público-alvo em cada tarefa. Esse, inegavelmente, um ponto positivo dos encontros remotos. O perfil da escola, já explorado nos capítulos anteriores, demonstra que ser uma escola numa região central de Porto Alegre, facilita o acesso a uma rede de infraestrutura mínima para participar dos encontros.

Durante o contexto da pandemia em 2020, a escola adotou três modelos de participação dos estudantes nas aulas. A primeira, em destaque no segundo semestre de 2020, com a participação síncrona dos estudantes de casa com os professores na escola. A segunda, com poucos estudantes (respeitando o limite de 25% da capacidade da sala) presenciais na escola. Por fim, a terceira, em que estudantes, que não possuíam a possibilidade de acompanhar as atividades remotas - seja por falta de equipamentos, seja por falta de rede de internet - nem conseguiam participar das aulas presencialmente, buscavam materiais na escola semanalmente. Essa última modalidade foi apelidada pelos professores da escola de alunos *offline*. Todos os participantes do projeto Paideia possuíam alguma forma de participação nas aulas, sendo predominante a opção por encontros remotos.

A realização do projeto se desenvolveu ao longo de 12 semanas e em encontros de uma hora e trinta minutos, conforme horário combinado previamente para a realização dos encontros - terças-feiras, a partir das 14 horas. Não obstante, algumas vezes, os encontros excederam esse tempo, em especial, para comunicados e avisos da escola - seja da Equipe Diretiva, seja de demais projetos desenvolvidos - com os líderes de turma. Como no contexto de pandemia a comunicação com os representantes das turmas se tornou mais difícil, o

projeto era o momento que reunia alunos de diferentes turmas para transmitir os comunicados da escola.

A participação dos encontros contava com o professor pesquisador, o professor coordenador do projeto na escola (também professor de história), os estudantes líderes de turma que aceitaram participar da pesquisa (conforme termos respondidos e aceitos disponibilizado nos anexos 6, 7 e 8), e, geralmente, a orientadora educacional da escola. Os dois debates para a presidência da escola contaram com a participação dos estudantes dos turnos da manhã e da tarde, além dos demais professores da escola. No entanto, os estudantes no formato offline não conseguiram acompanhar o debate.

Quadro 3: participantes do projeto Paideia 2020:

Ano/série	Nº participantes
6º	3
7º	2
8º	3
9º	4
TOTAL	12

Fonte: dados da pesquisa organizados pelo autor.

A seguir, serão detalhados os encontros, relatando as atividades e demais interações entre os participantes. Todos os encontros online foram gravados, e os participantes estavam cientes disso. No entanto, os participantes não serão identificados, respeitando o combinado sobre o anonimato dos participantes. Cabem, na análise desse projeto, as respostas coletivas. Caso haja alguma associação necessária entre as respostas em momentos diferentes, será contextualizado, porém, cuidando para manter o combinado entre o professor e os participantes - a confidencialidade.

O roteiro das atividades e as ferramentas utilizadas foram exploradas no capítulo dois deste trabalho. Para evitar qualquer redundância, será necessário descrever mais as interações do que detalhar as ferramentas.

No final do relato dos encontros, será observado a percepção dos estudantes sobre democracia e cidadania. Sob essa perspectiva, será posto em destaque qual o lugar ou a

ausência do pensar historicamente para a educação política, no contexto da aplicação do projeto. Seria a história um fator relevante para a educação política? Os estudantes fazem uso da história para agir politicamente?

4.1 Bloco 1 - Apresentação dos termos e sondagem

a. Encontro um: 04/08/2020 - Apresentação dos termos

O primeiro encontro teve a finalidade de apresentar os professores e introduzir o projeto para os estudantes. Essa foi a primeira atividade do grupo no segundo semestre. O início da reunião teve avisos gerais da escola, até a apresentação do professor pesquisador. Neste momento, foi retomada a memória do projeto, já que somente dois dos treze participantes já haviam participado das edições anteriores. Nesse primeiro encontro, estavam presentes 13 estudantes e 3 docentes.

No segundo momento do encontro, foi apresentado para os estudantes e lido com eles os termos de assentimento, de consentimento e explicado os termos técnicos e a importância desses para a continuidade do projeto. Nesse momento, um dos estudantes perguntou se seria obrigado e o que ocorreria se ele não quisesse participar. No entanto, esse estudante acabou participando do projeto.

Os formulários contendo os termos foram disponibilizados para eles através do whatsapp, no grupo do projeto. Essa via foi uma escolha pela rápida comunicação e a opção de um hiperlink direto para o formulário.

Na sequência, os alunos perguntaram como seriam as atividades futuras, em especial, a eleição para presidente da escola no contexto de pandemia. Três alunos questionaram os professores sobre isso, inquiriram sobre como seria a participação dos demais e como atingir os estudantes, comparando a edição de 2020 com as edições anteriores, que contavam com uma interação pessoal.

Na memória de duas alunas, havia sempre um debate em quem votar, quais critérios para a escolha - amizade ou boas ideias. Para uma aluna do 6º ano, o debate acabou decidindo em quem ela votaria.

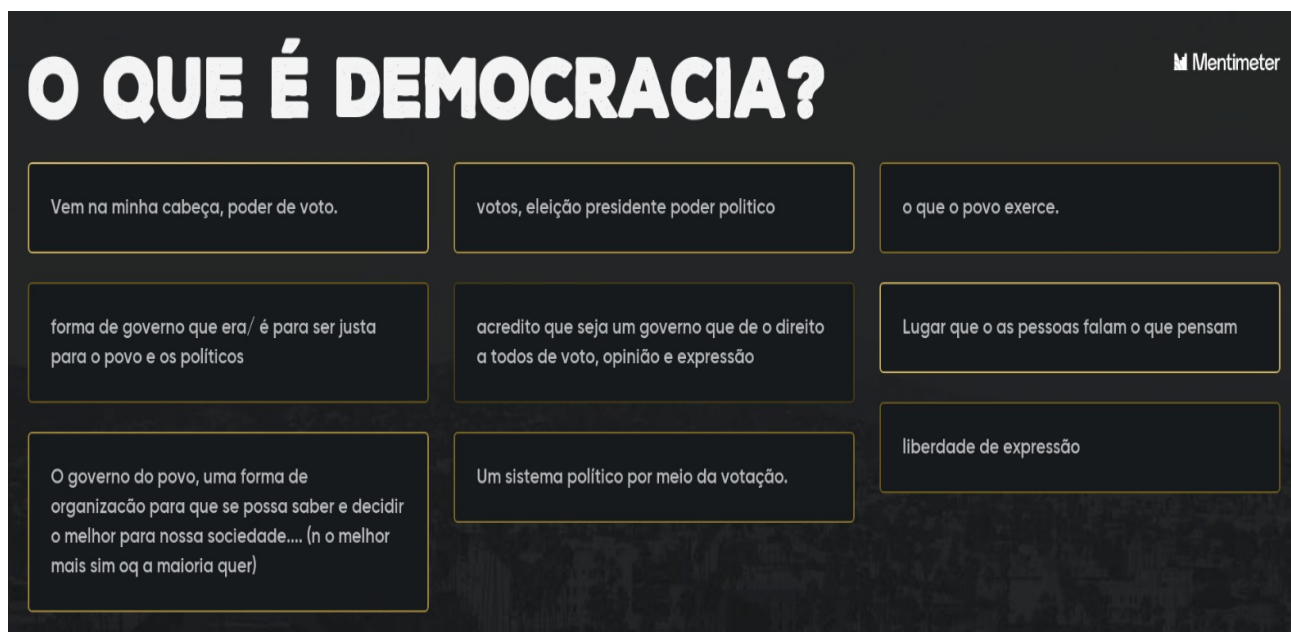
No final do encontro, houve uma conversa sobre como a pandemia estava impactando a rotina deles. Uma aluna do 9º ano estava lamentando que não teria formatura e não teria uma despedida da escola que ela estudou ao longo de todo o Ensino Fundamental. Depois se comentou sobre afastamento entre professores e alunos e como isso atrapalhou algumas atividades escolares. Destarte, a percepção que ficou, neste primeiro encontro, foi de que o projeto seria um espaço para reencontrar os colegas e trocar experiências que eles estavam vivendo no contexto da pandemia, constatação que, nos encontros posteriores, em diversos momentos, evidenciou-se.

b. Encontro dois: 11/08/2020 - Sondagem

O segundo encontro tinha o objetivo de sondar o conhecimento dos alunos sobre os conceitos. A escolha para coletar as respostas foi a ferramenta Mentimeter. Esse encontro contou com a participação de nove estudantes.

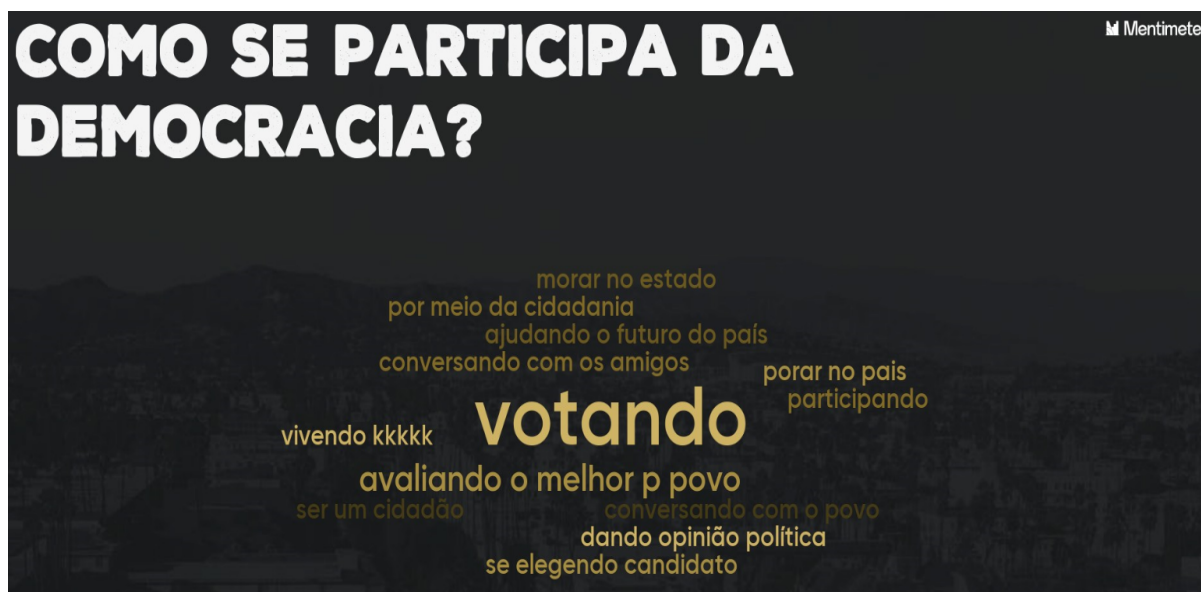
A percepção geral, no início, era de que os estudantes consideravam a atividade como uma avaliação, buscando respostas mais complexas e pesquisando sobre o assunto. Com o avançar das perguntas, as respostas se tornaram mais rápidas e mais espontâneas - como esperado para a sondagem.

Figura 1: O que é democracia?



Fonte: atividade realizada no Mentimeter.

Figura 2: Como se participa da democracia?



Fonte: atividade realizada no Mentimeter.

A primeira percepção é a relação direta entre democracia e voto. Seguido por direitos fundamentais como a liberdade de expressão e direito a ter opinião.

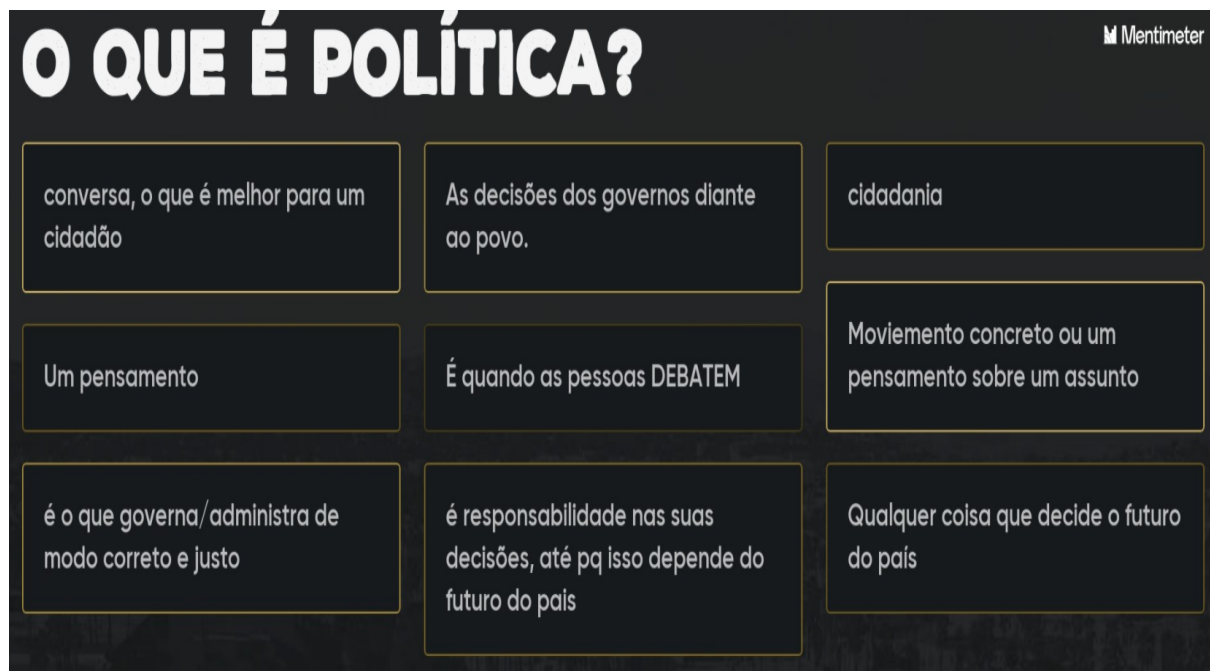
A Teoria Política discute as diferentes interpretações do conceito de democracia. Para Juliana Grigoli (2014), a disputa sobre o sentido e o significado contemporâneo da democracia gerou um intenso debate entre intelectuais dos campos da Teoria e da Ciência Política e uma diversidade de modelos democráticos: desde concepções tecnocráticas de governo até visões de sociedades de ampla participação política. Do debate, percebe-se que a divisão entre quatro vertentes é muito sutil, e, em alguma medida, imprecisa.

Para a autora, a fronteira entre a democracia elitista de Weber e a democracia concorrencial de Schumpeter é tênue, assim como os limites entre a democracia deliberativa e a democracia participativa quase imperceptível. Afinal, deliberar implica participar ativamente dos processos decisórios na esfera pública. Contudo, a crítica comum é que a democracia, tanto dos teóricos da linha deliberativa quanto participativa, não se resume ao voto. Isso posto, a percepção do entendimento dos alunos sobre a democracia na sondagem ainda estava intimamente ligada à participação nos pleitos eleitorais. A discussão desta perspectiva será realizada no último capítulo.

Um estudante escreveu que a democracia é: *o governo do povo, uma forma de organização para que se possa saber e decidir o melhor para a nossa sociedade... (não o melhor, mas o que a maioria quer)*¹⁵. O entendimento da democracia como a vontade da maioria também apareceu na redação de outro aluno: *as pessoas não sabem como é o voto como justificativa para aceitar a vontade do governo que foi eleito por uma maioria*.

Segunda rodada de perguntas:

Figura 3: O que é política?



Fonte: atividade realizada no Mentimeter.

¹⁵ Alterou-se algumas frases para corrigir a escrita, sem, no entanto, alterar o sentido do texto. Abreviações utilizadas nas plataformas virtuais (“q”, “vc”, “tb”) foram substituídas por seus significados.

Figura 4: Você se considera um agente político?



Fonte: atividade realizada no Mentimeter.

Figura 5: Existe política na escola?



Fonte: atividade realizada no Mentimeter.

O entendimento prévio, no geral, é a política como decisão de governo ou uma ação - seja um diálogo seja uma tomada de decisões. Não ficou evidente a percepção da política como relação de poder entre indivíduos e também não houve nenhuma referência aos partidos políticos ou a política partidária.

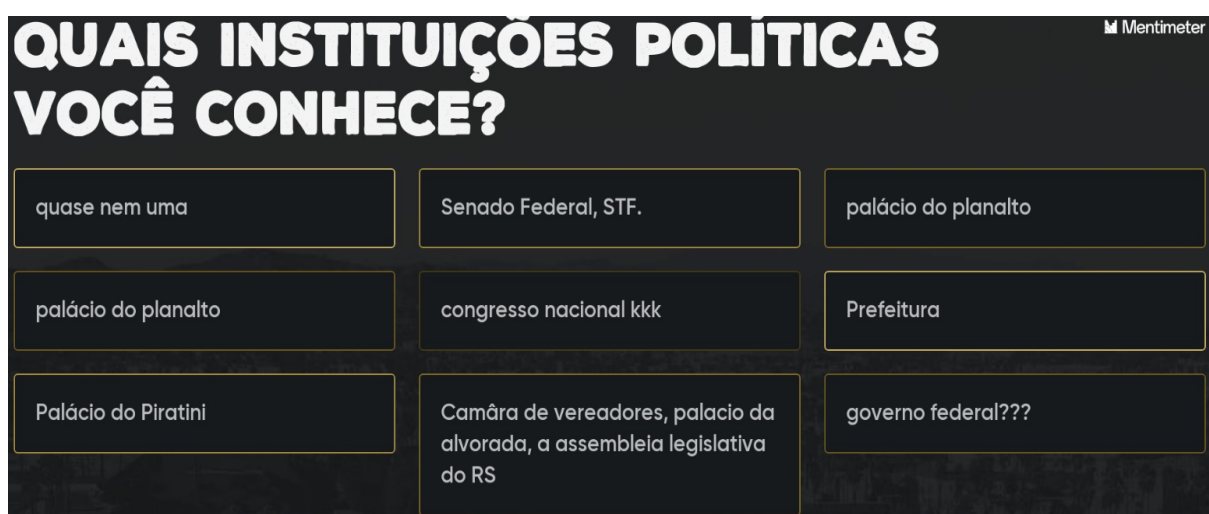
Conforme Norberto Bobbio (1995), o poder pode ser entendido, entre outras definições, como "poder social". Este tipo de poder diz respeito à vida dos seres humanos em sociedade, ou seja, trata-se das relações sociais estabelecidas entre estes. Dentro dessas relações, cabe não só a capacidade de ação, como a determinação de um indivíduo sobre outro. Isto implica dizer que os indivíduos não são só "sujeitos", mas também "objetos" do "poder social". Logo, o aluno participante percebe a política como ação de governo e não percebe nas relações entre indivíduos.

A maioria dos estudantes consideram-se agentes políticos. Essa abordagem aproxima-se do trabalho anterior ao projeto da representação de classe, em que explora-se a participação deles como agentes de liderança/representação da classe frente à escola. Eles também reconhecem que existe política na escola.

Uma estudante, entretanto, respondeu no chat: *Sim, tudo que a gente faz hoje vai influenciar de algum modo nas pessoas que vão cuidar do nosso futuro, seja votando, seja influenciando alguém a representar um cargo político.* Fica claro aqui a percepção de que as ações fundamentais deles serão no futuro, não fica evidente a participação deles hoje. Demonstra sempre ser uma ação de outros, cenário em que eles não são protagonistas, embora possam, de alguma forma, influenciar.

Terceira rodada de perguntas:

Figura 6: Quais instituições políticas você conhece?

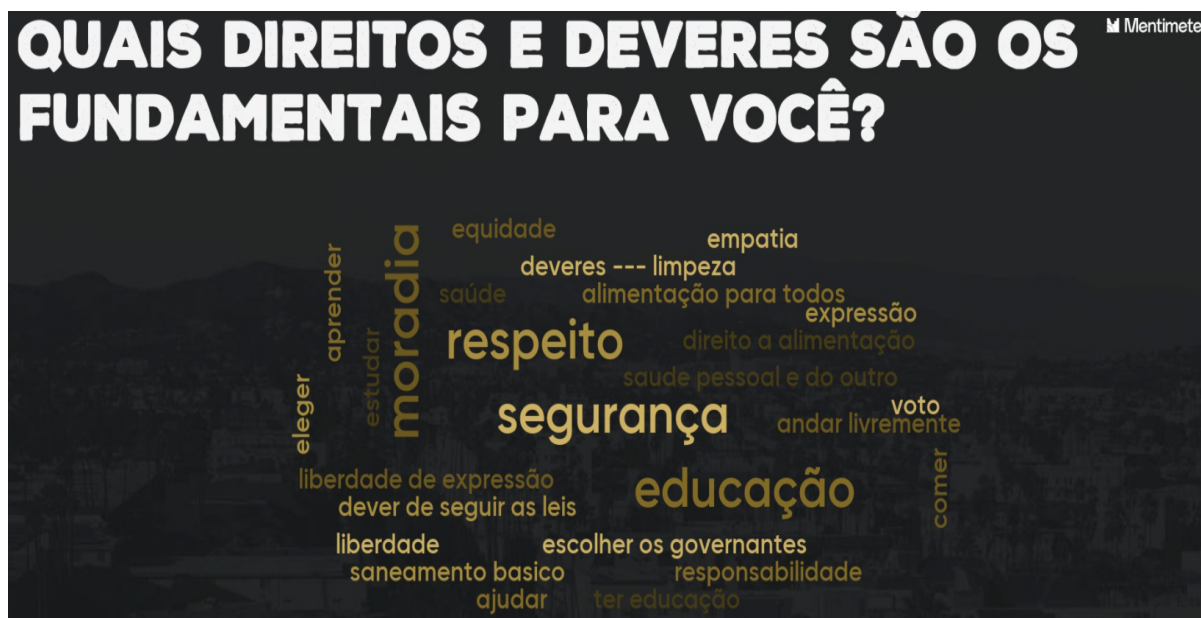


Fonte: atividade realizada no Mentimeter.

As instituições políticas mais citadas estão relacionadas à União e sua aparição na imprensa. Ademais, percebe-se como o local sede da instituição é uma referência forte. Outrossim, a expectativa aqui era de que os alunos enumerassem instituições, sejam elas escolares, sejam da política tradicional, tais como Senado Federal, sistema judiciário, entre outros. Uma outra hipótese é o desconhecimento do significado do conceito de instituição, embora essa percepção se dê mais pela análise das respostas, do que no momento da atividade, já que nenhum estudante questionou sobre isso.

Última rodada de perguntas:

Figura 7: Quais direitos e deveres são fundamentais para você?¹⁶



Fonte: atividade realizada no Mentimeter.

¹⁶ Cada aluno, na plataforma, tinha a possibilidade de citar até três respostas diferentes.

Figura 8: Você acha que os direitos na sociedade são respeitados?



Fonte: atividade realizada no Mentimeter.

Sobre os direitos fundamentais, destacam-se: segurança, moradia e respeito. O mais interessante é o pouco destaque para educação e saúde, assuntos que em 2020 ficaram em evidência seja pelo impacto direto deles na rotina da escola, seja por todo o contexto de pandemia. Uma aluna do 9º ano colocou no chat: *Como não ganhou a educação???????*. Outra falou no microfone, *nossa achei que ganharia saúde*.

Depois da visualização das respostas, os professores perguntaram qual o motivo das opções escolhidas e da ausência da prioridade da educação ou saúde (conforme duas estudantes falaram). A questão da segurança eles observaram que é algo que eles observam muito quando andam na rua. Um exemplo seria o medo de ficar nas paradas de ônibus. Os estudantes entendem que isso é mais importante que a saúde, que, segundo um aluno, somente torna-se objeto de preocupação quando tem alguém doente na família. Diante disso, é interessante perceber essas respostas em um contexto de pandemia, em que a saúde foi duramente atingida e a rotina escolar alterada. Conclui-se que, como nenhum aluno ali, até o momento da tarefa, havia tido um familiar acometido da Covid-19, a questão da saúde não foi evidenciada.

No final da sondagem, ficou a percepção de que houve pouca participação durante o encontro. Somente três alunos conversavam durante as respostas. Os demais apenas depositaram as respostas na plataforma, sem nenhuma outra forma de interação no encontro.

4.2 Bloco 2: Exposição dos conceitos e jogos

c. Encontro três: 18/08/2020

Nesse encontro, foram trabalhados conceitos como democracia e cidadania, e houve uma retomada da história da democracia no Brasil. Os slides utilizados estão no anexo 9 deste trabalho.

A atividade foi bem expositiva, com a exploração inicial do conceito de democracia e a utilização desse termo desde a Grécia Antiga. Dessa forma, o conceito foi explorado exemplificando-o e apontando as diferenças da democracia direta de Atenas para o modelo representativo atual.

A noção de Cidadania ou dos ‘direitos da cidadania’ dizem respeito a um determinado contexto: social, econômico, político e jurídico de um país ou de um Estado, no qual uma Constituição define e garante quem é cidadão, que direitos e deveres ele terá em função de uma série de variáveis tais como a idade, o estado civil, a condição de sanidade física e mental, o fato de estar ou não em dívida com a justiça penal. (BENEVIDES, 2004, p. 4)

O conceito de Benevides reforça a autonomia de cada Estado e a legitimidade da Constituição para definir os direitos e deveres do cidadão. A autora reforça o entendimento que a ideia de direitos e deveres não são idéias universais, entretanto existe uma aproximação com a Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU, em pressupostos da garantia dos direitos políticos, civis e sociais.

Em seguida, foi abordado o uso dos discursos democráticos em diferentes regimes ou sistemas políticos - monarquia, república, autoritarismo. Para representar os regimes políticos, foram utilizadas figuras históricas marcantes - Getúlio Vargas, Hitler, Elizabeth II e Dom Pedro. A escolha dessas figuras se dá pela familiaridade e popularidade dos indivíduos. Sob essa perspectiva, é importante reforçar aqui que a associação dessas figuras é para poder associá-las aos modelos de regimes políticos, utilizando personagens mais populares - seja na internet e cinema, seja até mesmo em nome de ruas. Ademais, foi exposto como certos discursos falados em nome da nação - sejam eles de teor patriótico, sejam em nome do povo - ganharam respaldo até mesmo em regimes autoritários, sendo o líder, o nome que representa a vontade deste povo.

No momento seguinte, houve uma retomada dos ideais democráticos na Revolução Francesa. O destaque foi dado ao ideal da liberdade e da igualdade. Como exemplo histórico,

foi abordada a Guerra Fria, aproximando os discursos gerais dos blocos econômicos (capitalista e socialistas) com a liberdade e a igualdade.

Ao retomar a discussão dos modelos de democracia, é abordado as diferenças entre democracia direta, indireta e participativa. A democracia direta foi utilizada como exemplo histórico da Atenas Clássica novamente. Para a democracia indireta, empregou-se o modelo representativo vigente no Brasil (eleições diretas) e nos Estados Unidos da América (eleições indiretas). Já para abordar a democracia participativa, foi lembrado o Orçamento Participativo de Porto Alegre¹⁷.

Na sequência, foram exploradas as diferenças do presidencialismo com o parlamentarismo. Como anteriormente, foi utilizado o modelo brasileiro e estadunidense para exemplificar historicamente, já o modelo parlamentarista foi utilizado no sistema britânico. Além disso, enumerou-se diferentes países que adotam cada modelo.

A busca em historicizar a democracia brasileira inicia com a luta pelo fim da ditadura civil-militar - a campanha das diretas já, a anistia dos exilados políticos pelo regime e a vitória da oposição nas eleições presidenciais de 1985. Evidente que não foram esgotadas as ações e a luta pela volta da democracia no Brasil, a opção foi manter uma narrativa próxima do currículo de história da Matriz Curricular da Rede La Salle. O fim do primeiro momento de contextualização foi a promulgação e a conquista da Constituição de 1988 - reforçando a alcunha “Constituição Cidadã”¹⁸.

¹⁷ Para conhecer mais sobre o Orçamento Participativo de Porto Alegre, ler Fedozzi e Martins (2015). Os autores retomam a trajetória do sistema em Porto Alegre e a hipótese da elitização política no sistema atual.

¹⁸ Sobre a Constituição, ela ficou conhecida como “Constituição Cidadã” pelos direitos que passou a garantir para os brasileiros e pela retomada plena do processo democrático em nosso País. Pela primeira vez, um texto constitucional brasileiro não partiu de anteprojeto prévio. Deputados e Senadores de 13 partidos, eleitos democraticamente em 1986, iniciaram seus trabalhos em fevereiro de 1987. Propostas de cidadãos, associações dos diversos setores da sociedade, Câmaras de Vereadores, Assembleias Legislativas, Tribunais e dos parlamentares foram convertidas em um anteprojeto de mais de 500 artigos, em junho de 1987. Somente em emendas, foram 65.809 propostas. Mais de um ano e meio depois, foi promulgada em 5 de outubro de 1988. A Constituinte teve intensa participação popular e resultou em um texto que abrigou demandas diversas e os consensos necessários para se construir a ordem e o progresso de nossa sociedade. É um patrimônio a ser preservado e instrumento de exercício da cidadania pelo qual cada cidadão é responsável e beneficiário direto. (disponível em <https://www2.camara.leg.br/a-camara/visiteacamara/cultura-na-camara/atividades-anteriores/exposicoes-2018/o-brasil-em-construcao-30-anos-da-constituicao-cidada>) (acessado em 26/01/2020)

Posteriormente, para seguir com a história da democracia brasileira atual, relatou-se exemplos da participação de muitas figuras de oposição da ditadura, além de exemplos da implementação das eleições diretas para presidente e o início da ação dos movimentos sociais e da sociedade civil organizada. Ademais, referiu-se à criação do Plano Real, ao crescimento econômico e ao controle da inflação.

O conceito de sociedade civil, conforme Carolina Andion e Maurício Serva (2004), é motivo de atrito na Ciência Política, e, muitas vezes, o conceito é definido de forma negativa. Para os autores, a sociedade civil, na visão mais contemporânea, se define como uma esfera social particular, com um papel específico, diferenciado do Estado e do mercado, mas que mantém relações de interface com essas duas esferas. Para abordar a ação da sociedade civil e dos movimentos sociais no Brasil, utilizei Penteadó, Santos e Araújo (2014). Para os autores, dentro da atual configuração social do mundo globalizado, a sociedade civil organizada tende a agir no formato de rede. Assim, articula-se com redes de movimentos sociais e atua por meio da formação de parcerias entre as esferas pública, privada e estatal, promovendo uma maior participação dos cidadãos na governança urbana.

Valnei Araújo (2017) faz um balanço da democracia recente brasileira. Para o autor, desde 2013, presencia-se o questionamento progressivo do alcance da democracia no Brasil. Isso foi comprovado quando um contingente muito diverso de sujeitos sociais insatisfeitos com a representação política e o papel do Estado brasileiro em seus diferentes níveis foi para as ruas.

Parte das forças sociais liberadas em 2013 são conduzidas e ressignificadas de modo a serem usadas como legitimação social para o golpe político-jurídico de 2016, que abriu a conjuntura de incertezas que vivemos e o alçamento ao poder de forças políticas e sociais que conjugam velhas oligarquias corruptas e parte da elite econômica que vê no enfraquecimento da democracia uma oportunidade para implementar sua agenda de reformas e uma concepção de sociedade desigual. (ARAÚJO, 2017, p. 213)

A politização crescente, para Araújo (2017), dessa bandeira do esvaziamento e ataque às Humanidades se revela com todo o seu risco no movimento "Escola Sem Partido". Seu objetivo, para o autor, é nada menos do que dissolver qualquer vestígio de autonomia docente, mas certamente é a Historiografia o alvo preferencial dessas iniciativas. Como destacou, para a direita identitária, as Humanidades são um aparelho doutrinador de esquerda e, para a direita liberal, representam um gasto inútil de desempenho duvidoso. Nesse sentido, as exposições dos conceitos e das dinâmicas, sempre tiveram o receio dos professores, visto a

exposição on-line e o ataque de grupos em redes. No entanto, não foi percebido nenhuma ação neste sentido na pesquisa.

Antes da exposição de um quadro com os presidentes do período atual da Nova República, o professor perguntou quantos presidentes eles conheciam. Através do chat, a resposta média foi quatro - todos os mais recentes. Depois disso, foi exposto um quadro com os últimos nove presidentes de 1985 até 2020.

Para finalizar, explicou-se o sistema eleitoral brasileiro, as diferenças do sistema majoritário e do sistema proporcional de lista aberta. Esse último nenhum participante tinha conhecimento do seu funcionamento e que existiam diferenças na eleição para cargos representativos. O exemplo utilizado foi a eleição do Tiririca em 2010 e seus desdobramentos na composição da Câmara dos Deputados¹⁹.

O desafio desse encontro foi trazer exemplos do currículo de história levando em consideração as diferenças de seriação dos estudantes, já que estudantes do sexto ano, ainda não estudaram sobre Iluminismo, a Revolução Francesa, nem Guerra Fria, por exemplo. Por tal motivo, apostei na opção do uso de figuras mais consagradas na mídia, filmes e internet, para possibilitar um entendimento melhor, mais acessível, já que a finalidade da atividade foi analisar os conceitos de cidadania e democracia temporalmente. Acredito que, com os exemplos, foi possível caracterizar os regimes, modelos e sistemas políticos, já que a maior interação nessa aula expositiva, se deu no comentário dos personagens históricos.

Um limite da prática foi a pequena interação com os estudantes. Nessa perspectiva, as câmaras fechadas nos encontros virtuais impossibilitaram uma maior observação do entendimento dos estudantes. Houve pouca interação no encontro, cabendo, a maior parte da fala, aos professores do projeto. Outro ponto a destacar foi a falta de dúvidas sobre os conceitos e uma sensação de acerto na escolha das figuras históricas escolhidas, mas como descrito anteriormente, são percepções por conhecer o grupo, sem outro elemento definidor.

d. Encontro quatro: 25/08/2020

¹⁹ Câmara dos deputados: <https://www.camara.leg.br/tv/205588-famosos-nas-urnas-tiririca-e-o-deputado-mais-votado-no-pais-e-netinho-fracassa-para-o-senado/> (disponível em 26/01/2020)

O quarto encontro com os estudantes foi o mais desafiador para o contexto de educação vivido em 2020. O objetivo dessa atividade era apresentar instituições políticas e a sua atribuição. Como explorado anteriormente, a escola possui uma larga tradição de se aprofundar em pautas sociais, tanto nas atividades interdisciplinares, quanto pelos grupos extraclasse. No entanto, conforme percebeu-se na sondagem, a falta de conhecimento das esferas públicas de poder - saber atribuir qual a responsabilidade de cada instituição em uma sociedade democrática - foi, mais uma vez, posta em evidência.

Ademais, aconteceu um evento interdisciplinar, denominado “fundador do Paideia no ano de 2017”, em que outros temas foram explorados - como já retomado no capítulo 1 deste trabalho. Lá na eleição para definição do nome da nova biblioteca da escola, foram elencados quatro autores representando diferentes pautas - movimento negro, indígenas, movimento LGBTQIA+ e mulheres. Os estudantes foram divididos em grupos e realizaram campanhas para que os demais estudantes da escola conhecessem a trajetória do autor e a pauta de suas obras. Na ocasião, foi escolhida a autora Kiusam de Oliveira.

A opção pela abordagem sobre as instituições políticas também se deu em decorrência da ausência desse tema na matriz curricular, sendo apenas explorado transversalmente pela iniciativa de um professor ou outro. Desse modo, conhecer as instituições políticas demonstrou-se necessário, como percebido na sondagem, poucas foram citadas, e o desconhecimento se evidenciou nas falas.

Para explorar essa temática, dois jogos foram utilizados. Primeiramente, um jogo de associação na plataforma Wordwall, buscando relacionar a definição da instituição ao seu nome. O segundo buscava a identificação da instituição com a entidade federativa adequada. Ou seja, reconhecer que a Câmara de Vereadores está relacionada com o legislativo do município, por exemplo.

O primeiro jogo, no projeto inicial seria realizado com cartões, em que teriam a definição da função da instituição e no verso o seu nome. Uma forma de jogo de adivinhação e de eliminação, conforme o aluno acertava a resposta. A adequação da atividade para a plataforma mostrou-se excelente para captar os erros e os acertos em cada instituição.

Figura 9: Jogo sobre Instituições Políticas.



Fonte: atividade realizada no Wordwall.

Após um tempo de cinco minutos, foram captados os acertos e os erros. Os índice de acertos por cada instituição foi:

Quadro 4: Resultados da atividade no Wordwall.

Governador do Estado	88%
Prefeitura Municipal	88%
Presidente da República	75%
Câmara dos Deputados	75%
Justiça Estadual	75%
Senado Federal	62%
Câmara dos Vereadores	62%
Superior Tribunal Federal	62%
Assembleia Legislativa	50%

Fonte: atividade realizada no Wordwall.

Cabe destacar que a atividade era sobre a função exercida por cada instituição, não o conhecimento dos estudantes sobre as instituições. Percebeu-se que a grande maioria (mais de 75%) do alunado conhece a função da maior parte das instituições utilizadas no jogo - cinco de nove -, cabendo um destaque para o reconhecimento maior da função do executivo nas três esferas federativas. Por outro lado, o legislativo teve um índice maior de erros.

No segundo momento, a ideia era que, espontaneamente, os estudantes associassem as instituições vistas no jogo anterior com o ente federativo e os três poderes. A tarefa no projeto inicial seria a escrita no quadro negro e foi adaptada para o jamboard.

Figura 10: Atividade sobre Instituições Políticas.



Fonte: atividade realizada no Google Jamboard

Os alunos, após o login anônimo na plataforma, podiam mexer nos *boxes* amarelos com o nome das instituições e arrastá-los até o espaço indicado. Os primeiros a serem “encaixados” foram o executivo e seguidamente os demais eram dispostos nos locais equivocados. Entretanto, como a tarefa era colaborativa, outro colega poderia arrastar o *box* até o local correto.

Figura 11: Atividade sobre Instituições Políticas.



Fonte: atividade realizada no Google Jamboard

A resolução do quadro levou três minutos, entre um rápido debate sobre se estava correto o local e quem iria arrastar o *box* até o local. Já que na plataforma colaborativa online, somente um poderia arrastar sem o outro retirar do local. Conforme solicitado, cada estudante mexeu em pelo menos um *box*, não necessariamente colocando no lugar correto. A tarefa só se deu como concluída quando o professor confirmou que todos os *boxes* estavam no local correto.

A percepção do encontro foi uma interação maior dos estudantes na atividade. Em especial, a utilização de plataformas digitais facilitaram o registro do momento e o controle do índice de acertos e erros nos jogos.

4.3 Bloco 3: Eleições para presidente da escola

4.3.1. Oficina e organização da campanha eleitoral: 01/09/2020

O encontro foi o marco inicial da campanha para presidente da escola. A oficina proposta utilizou-se de exemplos históricos e concluiu com uma dinâmica para criação das chapas. Os slides utilizados na atividade estão no anexo 10 do trabalho.

Inicialmente foi retomado o exemplo da eleição de Barack Obama, refletindo como uma candidatura pode representar o resultado de lutas e de movimentos sociais, em especial pelos direitos civis dos afroamericanos. A partir do exemplo, foram exploradas as plataformas de campanha e os objetivos de cada chapa em prol dos estudantes.

Para demonstrar um modelo de campanha, apesar das críticas da época, utilizou-se a candidatura do Tiririca para deputado federal em 2010. A partir dos vídeos, foi pensado no slogan de campanha, e como utilizá-lo para engajar os eleitores. Junto do slogan do Tiririca - “Pior que tá não fica!” -, foi apresentado dois pôsteres, um da ditadura militar - “Brasil: ame-o ou deixe-o” e um da candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva em 1989 - “Sem medo de ser feliz”, para que os estudantes refletissem como esses slogans, ou imagens, representaram o sentimento ou ações de governo ou dos eleitores. Exibindo os pôsteres das candidaturas do segundo turno da eleição presidencial de 2014 - Dilma Rousseff e Aécio Neves, com as frases em destaque “Para o Brasil seguir mudando” e “Muda Brasil”, foram explorados, por meio do jogo de palavras muda, o sentido da campanha e o direcionamento do eleitorado.

A opção por exemplos mais recentes, da primeira eleição após a redemocratização e ainda de atores políticos que foram avaliados como mais conhecidos de diferentes públicos, foi uma opção estratégica. Durante a exibição dos cartazes, não houve, por parte dos estudantes, nenhum comentário, mesmo que opinativo, sobre os candidatos, somente confirmações de entendimento da ideia da composição de slogans e como demonstraram ser marcantes.

O encontro encerrou com dicas para campanha - língua correta, buscar engajamento dos colegas e ética na campanha. Após isso, foi aberto um espaço para a organização das chapas. Para isso, foram criadas duas salas virtuais (*meets*) e cada um entrou na sala que desejava formar grupo. Dentro da sala, o grupo escolheu os candidatos a presidente e vice, além de tentar delimitar algumas pautas. Nesse momento, não teve condução dos professores, apenas acompanhamos com câmera fechada e foi um momento rico de trocas e da composição de forma espontânea das chapas. Inicialmente, os alunos ficaram trocando de grupo/chapa e, por critérios pessoais, foram escolhendo qual grupo queriam pertencer.

4.3.2. Encontros das chapas e organização da divulgação:

Essa etapa foi realizada em três encontros síncronos com os estudantes - 15/09, 29/09 e 27/10/2020. No intervalo entre os encontros, houve a criação dos partidos, o início das campanhas, a divulgação nas turmas durante as aulas, preparação e ensaio para o debate, além da própria realização da eleição.

Após o encontro de organização, durante a semana de intervalo entre os encontros, foram definidas duas candidaturas, com o nome dos partidos e uma legenda, com o preenchimento de uma ficha de inscrição:

Quadro 5: Partidos formados e composição por série dos integrantes da chapa.

15 - Partido Social de Estudantes (PSE)	Presidente	Menina - 9º ano
	Vice-presidente	Menino - 6º ano
45 - Povo pelo Povo (PPP)	Presidente	Menino - 8º ano
	Vice-presidente	Menina - 9º ano (substituída por menina - 6º ano)

Fonte: dados coletados pelo autor.

No encontro das chapas, vieram à tona alguns temas. Logo, foram elencadas algumas percepções, após observação da reunião dos grupos:

- Críticas ao currículo escolar;
- Metodologia das aulas remotas desenvolvida pela escola;
- Poucos espaços de participação dos alunos na escola;
- Dificuldades da adolescência - saúde mental, depressão, autoconhecimento.

Ambas as chapas perceberam falhas na rotina da escola, sinalizando dificuldades nas disciplinas, na condução dos professores e na metodologia das aulas. Não chegaram a questionar a quantidade de períodos e a matriz curricular da escola, pois, não evidenciou-se que, para eles, isso seja passível de mudança. Por fim, a crítica se sentou mais sobre a metodologia e a distribuição dos conteúdos nos trimestres.

Cada chapa criou um grupo no whatsapp para comunicação interna e um perfil em uma rede social para divulgação. Os primeiros momentos dos encontros, embora fossem de estudantes já pertencentes à escola, foram de busca de identificação e conhecimento dos integrantes, já que as chapas eram compostas por alunos de séries diferentes e que não se encontram pessoalmente.

Para explorar as diferenças das campanhas e as escolhas de cada chapa, será detalhada cada uma a seguir:

- Candidatura do PSE:

A primeira discussão do grupo foi a definição do código eleitoral. A estratégia pensada era uma numeração simples, que todos os alunos conhecessem, lembrando que a votação envolvia desde estudantes do 1º ano dos Anos Iniciais a Equipe Diretiva. Interessante foi a rejeição ao número 17, que, durante a eleição presidencial de 2018, serviu como código do presidente eleito Jair Bolsonaro²⁰. Essa rejeição não veio com nenhuma explicação, da mesma forma que não houve contestação por parte dos outros. Para tentar entender esse movimento, resgata-se o perfil da escola, que já foi explorado no capítulo 1, de estar localizada em um bairro central de Porto Alegre, com perfil de estudantes engajados em pautas sociais.

A segunda pauta do grupo foi a definição do nome, foram levantadas algumas hipóteses - Partido Social de Estudantes, Partido Social dos Estudantes Brasileiros, Renovação Partidária Estudantil, Partido Democrático dos Estudantes. O nome escolhido por consenso foi Partido Social de Estudantes e a legenda criada foi PSE. A facilidade de divulgação do nome figurou como principal justificativa. Não foi excluída a expressão “partido” do início do nome da chapa, não adotando novos termos sem incluir a palavra partido no nome. Interessante perceber, a não adoção de siglas nos moldes de novos partidos nacionais como REDE, SOLIDARIEDADE, por exemplo.

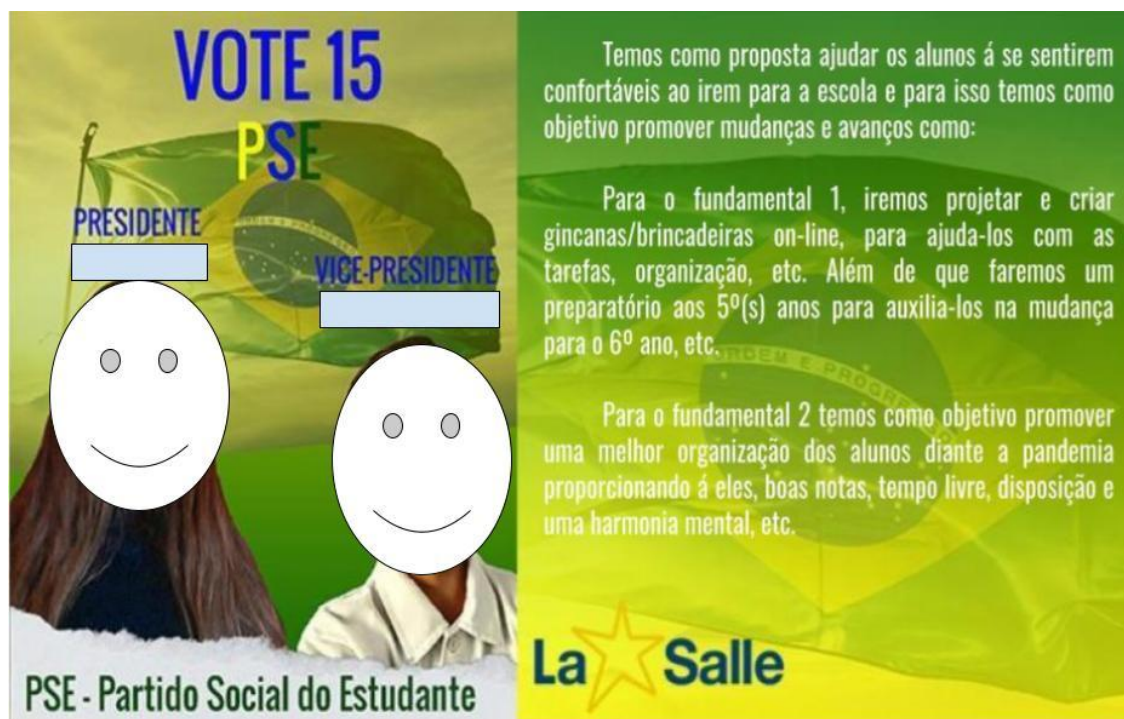
Pensando sobre o direcionamento da candidatura, uma estudante do nono ano escreveu: “eu quero que as pessoas entendam pelo lema que estamos resolvendo os problemas do presente para não dar problemas maiores no futuro”; “para que no futuro façamos coisas melhores”.

²⁰ O presidente Jair Bolsonaro menos de um ano depois de assumir a presidência se desfilou do Partido Social Liberal, que tem o código eleitoral 17.

Esse posicionamento foi aceito por todos os membros da chapa e direcionou as pautas criadas para os diferentes níveis de ensino na escola. Na sequência, foi criado um perfil na rede social Instagram²¹ e para manter a representatividade, uma estudante colocou “Gente... nossa foto do perfil tem que ter homens e mulheres!”. Isso mostra como os trabalhos anteriores desenvolvidos, seja pela matriz, seja nos projetos da escola sobre a participação e luta política de diferentes grupos sociais e políticos, já foi percebido e incorporado nas pautas dos estudantes.

O partido construiu uma campanha sólida em cima de diferentes pautas, eles se adequaram aos diferentes níveis, conforme a necessidade que eles acreditavam ser mais pertinente. Na campanha para os Anos Iniciais, os estudantes colocaram como direcionamento dois pontos: hábitos de estudos e gincanas on-line. Já para os Anos Finais, público de 6º a 9º ano, também tinha como pauta o hábito de estudos, mas incluíram a ideia de construir um espaço para conversas e apoio para colegas que estivessem com dificuldades decorrentes da pandemia.

Figura 12: Campanha PPP.



Fonte: imagem coletada pelo autor do slide de campanha²²

²¹ Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais.

²² A imagem foi alterada para preservar o anonimato dos participantes.

A razão da escolha da imagem da bandeira do Brasil não foi muito explicitada. Nenhum estudante fez referência sobre as escolhas, dos símbolos, em especial da opção pela bandeira nacional. A apropriação de grupos de extrema-direita da bandeira nacional se fortaleceu após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Muitas imagens e montagens circulam pela internet fazendo o uso do pavilhão nacional para vender um discurso patriótico alinhado ao apoio ao governo de Jair Bolsonaro.

Para José Antônio Pinho (1999), retomando o contexto da criação da bandeira nacional, conclui-se que hoje temos uma bandeira que remete ao positivismo, à ditadura, ao autoritarismo, ao elitismo, à despolitização e à ojeriza ao cidadão. Já Zamboni (2003), refletindo sobre a identidade nacional, coloca a bandeira como símbolo maior de um momento,

cito os acontecimentos que envolveram o povo brasileiro, em 2002, na final da Copa do Mundo de Futebol; foi a vitória do pentacampeonato do Brasil. O grande símbolo da festa foi a bandeira nacional, que expressava a união, a identidade e o povo vitorioso. A bandeira estava nas roupas, nas janelas, nos carros e o verde, o amarelo e o azul coloriam os rostos, o corpo do povo brasileiro. (...) A bandeira nacional flutuava nos ares, o povo cobria-se com ela, chorava, ria e identificava-se com os jogadores, de origem pobre como ele. Os jogadores são heróis circunstanciais, passageiros que, naquele momento, representavam a identidade nacional, a nação. (ZAMBONI, 2003, s.n)

Na apresentação da chapa, no entanto, não foi possível captar a motivação da escolha pela bandeira. Após algumas perguntas, os estudantes justificaram que ficou bonito assim e que ficou mais interessante para os outros alunos. Uma possibilidade seria a banalização dessas imagens em campanhas políticas, naturalizando do seu uso, sem necessariamente refletir sobre seus significados.

- **Candidatura do PPP:**

O partido fez campanha em cima da possibilidade de retorno ao ensino presencial. A primeira pauta defendida foi a criação de uma enfermagem para ministrar medicamentos. Essa proposta precisou da intervenção dos professores já que isso não está na alçada da candidatura, nem dá possibilidades da proposta se concretizar na escola, seja por recursos humanos, seja por legislação, que proíbe medicação sem prescrição médica.

O partido apresentou outro foco: a aproximação entre alunos e professores. Diminuir a distância entre eles, pois, para o grupo, isso é prejudicial ao processo de ensino e

aprendizagem. Uma das formas disso acontecer e concretizar a proposta seria a retomada de jogos escolares, com professores participando das equipes.

A campanha não diferenciou as propostas para os diferentes níveis de ensino. O partido apresentou pautas mais gerais, com propostas de interação, como gincana e ações no recreio; formação, como palestras, desafios escolares e entretenimento; shows e passeios.

Figura 13: Campanha PSE.



Fonte: Imagem produzida pelos alunos.

A razão pela escolha dessa definição de nome e legenda não foi explicada pelos integrantes do grupo. Como o outro partido, a definição de se deu pela sonoridade e pela facilidade de guardar o nome, assim como o código ser um número sequencial - 45. Perguntado se houve alguma inspiração ou influência, categoricamente foi respondido que não. O nome foi o único sugerido e já acatado por todos.

3.3.2.1. Preparação para o debate entre as chapas

No encontro às vésperas do debate, foi apresentado para os alunos o rito de debate. O modelo definido para o debate foi dividido em rodadas com a mesma quantidade de perguntas e respostas para cada chapa e um tempo determinado. Ficou definido que somente os candidatos a presidente e vice-presidente poderiam responder as perguntas. Essas

características foram acordadas entre os professores do projeto, respeitando as características dos debates dos anos anteriores, somente adequando ao contexto virtual.

- Primeira rodada de apresentação das chapas;
- Uma pergunta inicial realizada pelo mediador para cada chapa;
- Duas rodadas de perguntas livres entre as chapas com direito a réplica e tréplica;
- Duas rodadas de perguntas da plateia virtual;
- Considerações finais.

Para exemplificar modelos de retóricas e estratégias, foi selecionado trechos do debate dos presidencialistas em 1989 - em destaque pela troca de acusações entre os candidatos Paulo Maluf e Leonel de Moura Brizola. Depois, foram exibidos trechos do primeiro debate entre os candidatos à Prefeitura de Porto Alegre em 2020²³. Por fim, para mostrar um outro estilo de debate, sem um tempo definido para perguntas e respostas, sendo permitido interrupções, foi exibido um trecho do primeiro debate entre Joe Biden x Donald Trump²⁴.

Na segunda parte do encontro, as chapas ensaiaram o rito e simularam algumas rodadas de perguntas. “Mas não usa nenhuma nossa para não queimar”, combinaram os alunos nos seus grupos de whatsapp durante a simulação. O ensaio mostrou-se importante para que os alunos pudessem calcular o tempo, vencer a ansiedade de se expor aos colegas e também para criar estratégias para demonstrar que as suas ideias são mais concretas e que merecem a confiança do eleitorado.

Como traz Berg e Christou (2020), e é muito comentado por observadores culturais, esses jovens ativistas estão imersos nas redes como forma de vida adolescente, portanto, estão bem preparados para usar as habilidades técnicas de produção de conteúdo em locais que acolhem seu sarcasmo, irreverência e recusa aberta a tolerar a hipocrisia adulta. A técnica do ensaio foi importante para o desenrolar das atividades.

3.3.2.2. Debates entre as chapas: 03/11/2020 nos dois turnos de aula

Os debates ocorreram nos dois turnos de aula, no turno da manhã, com os alunos dos Anos Finais, e, no turno da tarde, com os alunos dos Anos Iniciais. O debate ocorreu no

²³ A campanha eleitoral na escola ocorreu concomitantemente com as eleições municipais de 2020.

²⁴ Debate ocorrido em 29/09/2020 exibido no Brasil pela emissora CNN Brasil. O trecho selecionado foi uma pergunta sobre a questão étnica nos Estados Unidos da América e o posicionamento de cada candidato na questão.

horário de aula e contou com a participação dos estudantes que estavam presentes na escola e na modalidade remota. O professor do período iniciou a aula e convidou os alunos a entrarem no link da sala virtual do debate. Já, no ambiente da sala de aula, o professor exibiu o debate no projetor da sala. Segundo o relato de uma das professoras: “Quem estava na sala não estava prestando atenção, mas quando viram que eram os alunos falando, pararam de fazer outras coisas e focaram no debate, com a maior atenção. Acredito que seja algo de se sentir representado”²⁵

Esse relato sobre a experiência do debate, evidencia a importância da representatividade na escola. A atividade foi protagonizada pelos colegas, seus pares, não foi momento de formação ou aulas propostas por professores.

Os quadros a seguir (6 e 7) representam as temáticas/assuntos dos dois debates.

- Temas abordados pelos candidatos e o número de respostas envolvendo essa temática:

Quadro 6: temáticas dos debates.

Críticas a metodologia dos professores	6
Críticas ao currículo da escola	2
Atividades que envolvam os interesses dos alunos	3
Momentos de convivência (recreio)	4
Críticas às propostas da outra chapa	5
Espaço de comunicação entre alunos	2

Fonte: dados coletados pelo autor.

O debate trouxe alguns temas pertinentes à rotina escolar, como atividades durante o recreio e críticas à metodologia dos professores. Ambas as chapas gostariam de criar espaço de troca com os professores para tentar transformar as aulas em momentos mais atrativos, “mais divertidos”, como citado várias vezes no debate.

O partido PSE trouxe as duas propostas de comunicação entre alunos e a transição do quinto ano para o sexto, esses foram temas recorrentes na fala, já o PPP focou as suas falas

²⁵ O relato de outros professores não estava previsto no projeto, contudo pela relevância da fala relatada pela professora diretamente para nós professores envolvidos no projeto, resolvi inserir após o consentimento da mesma.

em transformar a escola em um local mais “divertido”, criticando as atividades propostas pela escola, que, para a chapa, não representam o interesse dos alunos.

Ambos partidos defendiam a ideia do protagonismo dos presidentes em serem exemplos ou guias para os outros colegas, quando questionados sobre o que isso representa, indicaram que o representante dos alunos tem que ser um elo entre os alunos e criar espaços de diálogo entre os outros participantes da comunidade escolar. Ainda, alguém que vai indicar à escola a vontade dos estudantes.

- Temas das perguntas da plateia e o número de vezes que essa temática aparece:

Quadro 7: temáticas apresentadas pela plateia aos debatedores.

Música no recreio	10
Jogos durante o distanciamento social	5
Escola “divertida”	3
Metodologia das aulas	3
Responsabilidade dos alunos no ensino remoto	1
Representatividade	1

Fonte: dados coletados pelo autor.

A plateia trouxe à tona diferentes temas: rotina da escola, críticas às propostas, como eles pensam que deveria ser a metodologia das aulas e a responsabilidade dos estudantes frente ao ensino remoto.

Uma estudante do nono ano trouxe uma questão importante para a escola. Como já explorado anteriormente, já se realizou diferentes trabalhos de educação política e a construção de espaços para debater questões sociais na escola.

Vocês sentem o peso de estarem sendo a continuação de uma presidência de antecessoras negras e mulheres? Vocês tem alguma proposta que elevem o movimento negro como a da nossa biblioteca que recebeu o nome da Kiussam de Oliveira? E também algo relacionado a conscientização do que realmente é o feminismo?

A questão foi respondida pelos dois partidos. O PPP argumentou sobre a importância de trazer essas pautas para o debate na escola e a importância de os estudantes promoverem campanhas para defender pautas políticas e sociais. O PSE expôs que não sente o peso da

continuação, mas sente orgulho pela trajetória, utilizando até mesmo a obra e a história da Kiusam de Oliveira para demonstrar a importância dessa temática na escola.

O desenvolvimento dos debates foi diferente: os estudantes se mostraram mais à vontade durante o segundo debate, em relação ao primeiro. Portanto, um aprendizado desse trabalho é a importância de criar mais de um momento de debate público para desenvolver nos estudantes habilidades importantes para discutir esses temas publicamente. Um único debate acaba por dificultar a apreensão das ideias, já que, pelo ineditismo, questões emocionais interferem na experiência.

Dewey citado por Abowitz e Mamlok (2019) aborda que o conflito, no que diz respeito à democracia com a qual nossa história nos compromete, está dentro de nossas próprias instituições e atitudes. A democracia só pode ser ganha estendendo a aplicação de métodos democráticos, métodos de consulta, persuasão, negociação, comunicação e de inteligência cooperativa, à tarefa de fazer nossa própria política, nossa indústria, nossa educação, nossa cultura em geral.

O segundo debate, ocorrido no turno da tarde para os alunos dos Anos Iniciais, ocorreu de forma mais fluida. Os candidatos demonstraram estar mais tranquilos e articularam melhor as respostas. Uma diferença perceptível na fala dos estudantes foi a linguagem, os candidatos utilizaram termos mais simples e relacionaram os espaços de diversão com a importância dos estudos. O debate da tarde também contou com a participação de pais e responsáveis que acompanhavam os alunos menores nas aulas remotas, tendo algumas perguntas pelo chat sendo feitas pelos pais.

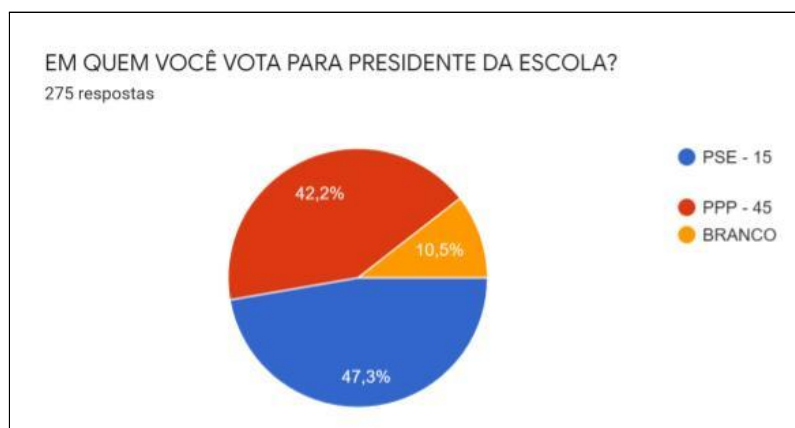
A conclusão é que, para trabalhos escolares que se propõe a realizar debates e interações entre os alunos, é fundamental a boa preparação. Logo, é importante promover encontros de ensaio, realizá-los em ambiente amigável à rotina dos estudantes e, fundamentalmente, ser possível repeti-los. O ineditismo da situação vivida pelos participantes traz mais tranquilidade e segurança, conforme o número de vezes que aquela prática é realizada. Se isso não for possível, corre-se o risco de não atingir o objetivo proposto, por limitação de habilidades comunicativas necessárias para um debate, não pela falta de conhecimento de conceitos.

4.4. Bloco 4: avaliação do processo eleitoral e do Projeto em 2020

No dia 04/11/2020, ocorreu a eleição para presidente da escola. O voto foi estimulado pelos professores, pelas chapas, e o formulário da votação, nos portais da escola, também foi divulgado por meio de link. Para votar, o eleitor precisava realizar o login com a sua conta institucional da escola e era permitido somente um voto por login. Estavam habilitados para votar: estudantes de todas as séries, professores, técnicos da escola e Equipe Diretiva. O formulário utilizado pelos eleitores para a votação está em anexo neste trabalho.

No total, foram 275 votos totais, sendo: 47,3% dos votos para o PSE e 42,2% dos votos para o PPP. O número de votos em branco ficou em 10,5% do total. O total de possíveis eleitores era de 620 pessoas - dentre todos os grupos de eleitores. Portanto, a votação contou com a participação de 44,4% da comunidade escolar.

Figura 14: Apuração da eleição.



Fonte: dados coletados do Google Formulários

As eleições presidenciais ocorridas entre 2017 e 2019, tiveram mais de 90% de participação da comunidade escolar, a eleição remota em 2020 contou com 44,3%. Essa diferença está no poder de engajar os colegas a votar. Nas eleições anteriores, a votação ocorria em horário de aula e todas as turmas eram conduzidas até o local.

Um ponto que chama atenção é o número de votos em branco (10,5%). Esses alunos acessaram o formulário de votação e não escolheram nenhuma chapa. Não foi feito um levantamento do motivo da ocorrência desse número de votos em branco, mas uma das hipóteses, levantadas pelos alunos no encontro, é a vontade de ter a sua voz levada em consideração e de garantir o direito de ser ouvido. Além disso, os estudantes acham que

alguns eleitores abriram mão de votar por amizade e por não gostarem de nenhuma das chapas.

3.4.1. Discussão sobre o resultado da eleição: 11/11/2020

O encontro pós-eleição foi de debate do resultado, foi gerado pelo professor tabelas com os totais por série e os participantes levantaram hipóteses para o resultado. O quadro exprime a votação de cada partido por segmento: alunos separados por séries, professores e técnicos da escola nomeados “colaboradores”:

Quadro 8: distribuição dos votos pelos segmentos.

Segmento	PSE - 15	PPP - 45	Branco
1º ano	1	0	0
2º ano	6	12	0
3º ano	14	13	03
4º ano	9	26	1
5º ano	9	10	2
6º ano	22	8	3
7º ano	15	23	4
8º ano	16	20	6
9º ano	20	2	9
Colaboradores	18	2	1
Totais	130	116	29

Fonte: dados coletados pelo autor

Os participantes levantaram hipóteses das razões da vitória por segmento. Eles atribuíram mais votos para a PPP nos Anos Iniciais pela pauta da brincadeira no recreio e a “diversão”. Para o professor coordenador do projeto, foi uma surpresa que o maior número de votos foram do 6º e do 7º anos, as turmas, ao longo do ano, tiveram muita dificuldade de cumprir entregas e de participação nas aulas. Já na eleição, essas turmas tiveram um bom engajamento. Sobre a votação, alguns eleitores disseram: “se não tivessem tantos votos em

branco, os dados podiam mudar drasticamente.” (aluna do 6º ano) Outro estudante completou: “o nono empatou e os colaboradores desempatarem.” (aluna do 9º ano).

Para os alunos, o diferencial para a vitória do PSE foi a expressiva vitória nos 9º anos e nos professores. Não foi feito levantamento com os professores da escola para confirmar a hipótese, mas o PPP fez fortes críticas no debate sobre a metodologia dos professores e classificaram as aulas como chatas, isso pode ter impactado na escolha. A vitória expressiva nesse segmento surpreendeu a todos os participantes.

3.4.2. Avaliação do Projeto em 2020: 01/12/2020

O último encontro foi uma avaliação geral do projeto e despedida do grupo. Esse foi o encontro com a menor participação, dos 12 estudantes recorrentes nos encontros, somente oito participaram. Os demais justificaram que estavam fazendo os trabalhos avaliativos finais do ano.

No encontro, foi aplicado um formulário para avaliação (anexo 11). Inicialmente, foi feita a leitura do formulário e foi sanada possíveis dúvidas.

A nota geral do Projeto foi 9, em uma escala de 1 a 10. Os alunos comentaram que o que atrapalhou foi a pandemia e que não foi possível fazer as visitas aos órgãos públicos, nem outras saídas para formação dos líderes.

Na segunda questão, quando apresentado o projeto em três blocos para eles avaliarem - Jogos sobre as instituições, oficinas sobre democracia e a Eleição. 66% citou a eleição como principal e a segunda citada foram as oficinas. A justificativa para as escolhas:

“Gostei das oficinas sobre democracia, pois exercitou minha visão política”;

“As eleições foram uma forma muito boa para nós aprendermos na pratica como funciona a política aqui no Brasi”;

“Deu para ter uma ideia em como as pessoas pensam e o fato de nós lutarmos pelo que nós achamos mais correto”;

“Gostei mais das atividades sobre democracia, pois, me faz rever/repensar o seu conceito e me fez perceber que a democracia não existe todo tempo, as vezes, só é "bem-vinda" quando convém certas pessoas”.

Na sequência, foi questionado aos estudantes se a campanha teve inspiração em algum modelo visto no projeto. 83% dos alunos disseram que não e 16% disse que sim. Contudo, somente um apresentou uma justificativa,

“Não busquei nenhum modelo político. Minha ideia não era se espelhar em alguém específico, e sim participar da campanha eleitoral expressando minhas próprias opiniões”.

As perguntas “Você julga importante a educação política na escola?” e “Você acredita ter desenvolvido habilidades importantes para a sua formação como cidadão?”. Todos os participantes disseram que sim. Veja:

“Sim, pois incentiva as pessoas à política que é uma assunto que merece um fundamento”.

“Sim, pois nós crianças conhecemos a campanha política”.

“Essa educação não fica somente na escola, mas sim fora dela, fazendo assim com que tenhamos escolhas de votos melhores”.

“Para que os alunos tenham ao menos uma pequena ideia de como será quando os alunos forem maiores, pois nós somos o futuro do país”.

“Sim, para nos preparar para o futuro”.

“É importante, pois, somos os próximos eleitores e entender como funciona o meio político é muito importante”.

“Sim, pois é essencial para a formação da pessoa”.

“Tivemos a oportunidade de compreender a democracia, pudemos entender melhor uma eleição fazendo ela, isso me fez pensar melhor como pessoa e me posicionar como futura eleitora”.

“Desenvolvi o diálogo em grupo e o debate para que nós lutemos pelo que acreditamos ser melhor. Exemplo: A eleição da escola deste ano”.

“Sim, aprendi muita coisa sobre a campanha política que não sabia, e que gostaria de usar essas habilidades no futuro”.

“Todo momento eu acredito que estamos nos habilitando cada vez mais para nos tornarmos um cidadão melhor ou não, mas desde aprender sobre a democracia e sobre as instituições às eleições da

nossa escola, tudo isso agregou para nossa "formação" como cidadão”.

As falas foram positivas frente ao projeto, uma ressalva interessante foi que em seis falas a visão de que a cidadania ou o exercício da mesma se dá no futuro. Pelas frases, o projeto serve como formação para que, no futuro, esses jovens tenham que tomar decisões. O projeto serve para preparar para votar, tomar decisões no futuro, algo que para eles é bom, mas não evidencia o possível engajamento da juventude.

As críticas comentadas no encontro foi o fato do projeto ter sido realizado de forma online. A estrutura do projeto pelo *meet*, comparada à rotina da sala de aula, comentou um estudante, foi muito mais protagonizada pelos professores, a plataforma não é convidativa para a participação dos alunos, seja por não estarem se vendo, seja por estarem com os microfones fechados, além de existirem muitos elementos para dispersar durante os encontros.

Os alunos sugeriram outras plataformas, onde eles estão mais habituados, em destaque o *Discord*²⁶, plataforma que se usa para bate-papo em jogos online. A maior participação ficou como um grande desafio para superar em 2020, até porque a perspectiva é de retorno no ano letivo de 2021, no mesmo modelo híbrido que encerrou em 2020.

Inevitavelmente, a pandemia afetou a interação nos encontros. Superar as dificuldades decorrentes do ensino híbrido, não surge como um objetivo para a educação política, exclusivamente. A educação necessita tentar se ressignificar, superar os obstáculos que o ensino híbrido emergencial provocou em 2020, como distanciamento entre professores e alunos, falta de foco nas atividades, pouco acompanhamento do professor do processo de aprendizagem do aluno, interação entre colegas e vivência do espaço escolar.

4.5. Leituras do (não) lugar da história na educação política

Os alunos, em diferentes momentos, demonstraram protagonismo nas ações, seja nas tarefas mais práticas, seja nos grupos de comunicação entre os partidos, cabendo ao professor o lugar de criar os espaços para essas trocas. No entanto, mesmo com avanços neste quesito,

²⁶ A plataforma Discord é um aplicativo versátil, seja para auxiliar na comunicação durante uma sessão de games, para gravar um podcast ou simplesmente trocar mensagens. Segundo o site do aplicativo, são mais de 100 milhões de usuários ativos por mês. (DISCORD, 2021)

as atividades encontraram barreiras para o seu desenvolvimento - em especial ligadas a práticas mais expositivas.

Para Caroline Pacievitch e Amanda Oliveira (2020)

ensinar e aprender História é mostrar possibilidades, transmitir conhecimentos e valorizar o estudante, aprender sobre si ao mesmo tempo que se ensina com os jovens. Em articulação com a compreensão de didática, trata-se de transformar o conhecimento de forma que atinja os estudantes, jogando com linguagens distintas e compreensíveis, que mostram caminhos para os estudantes e que os ajudem a lidar com os valores e com as consequências de questões candentes para a formação cidadã. (Pacievitch; Oliveira, 2020, p. 22 e 23)

Para Maximiliano Tham Testa (2015), outra forma frequente de falar sobre educação para a cidadania em professores encontra-se em um discurso que promove o desenvolvimento da participação discente nas esferas política e civil. Esta dimensão do discurso contém enunciados que falam de uma educação para a cidadania que permite ao aluno assumir a sua posição em relação à participação cidadã, propondo uma noção ampla de participação, que considera não só a participação eleitoral, mas também qualquer envolvimento público com um problema coletivo.

Villa (2021) explora que a educação política para a participação política pode ser realizada em contextos educacionais tanto na escola como fora dela. Entretanto, acima de tudo, essa formação realiza-se no campo dos processos coletivos. A escola é o primeiro espaço público ao qual os jovens têm acesso para uma educação política. Antes da escola, sua vida era focada nas esferas íntimas e privadas. A segunda razão pela qual os professores devem estimular os processos organizacionais do corpo discente é que esses processos levam à participação. O que permite, portanto, que cada aluno aprenda a participar.

Esse elemento de problema coletivo ficou perceptível nos diversos problemas apontados pelos estudantes do cotidiano escolar, que foram expostos nos debates e nas campanhas políticas. Claro que alguns elementos precisaram da intervenção dos professores, em especial quando foge do âmbito escolar a solução. Como o exemplo da ministração de remédio na escola. Portanto, reforça o papel do professor, não necessariamente de história, mas do adulto responsável para alinhar limites e definir espaços para avançar as pautas.

Tham Testa (2015) avança

De todas maneras, mostramos cómo esta configuración de la sala de clase - de nulo protagonismo estudiantil- no nos lleva a decir que los estudiantes aceptan pasivamente estas dinámicas. Al analizar cómo ellos se vinculan con los contenidos y expresan sus aprendizajes en la asignatura de Historia y Ciencias Sociales, mostramos el trabajo progresivo que llevan a cabo en el aula. En esta tarea la noción de “comunidad de prácticas” constituyó una herramienta conceptual importante, pues puso en primer plano el carácter colectivo de la tarea educativa, visibilizando la idea de que los estudiantes no son sólo receptores o beneficiarios de una determinada innovación curricular, sino que son actores que participan activamente en los procesos de su implementación: juzgándola, evaluándola, participando de ella, dudando, resistiéndose a ella. De este modo, quedó claro que aunque las decisiones y acciones del profesor tienen un efecto claro y significativo sobre la naturaleza y el curso del aprendizaje, por sí solas ellas no son suficientes. (THAM TESTA, 2015, p. 135)

O alunado não aceita passivamente as demandas dos professores, enquanto estes precisam sim justificar as decisões e delimitar os espaços. Os alunos, mesmo em contexto pandêmico, demonstraram-se críticos aos problemas da escola, demandando da direção e dos professores mudanças que julgavam necessárias.

Porém, onde está o Ensino de História? A educação política como propõe Pagès demonstrou-se presente? Seria o Ensino de História fundamental para a consolidação da Educação Política?

Analisar o lugar do Ensino de História transpassa por refletir o lugar do professor e os limites do projeto proposto. Para Flávia Caimi (2006), as discussões em torno da formação de professores-reflexivos são debates muito presentes na produção da área da educação, em congressos e simpósios e “nos documentos oriundos das políticas públicas da educação superior, tais como pareceres, resoluções e diretrizes” (CAIMI, 2006, p. 28). Nesse campo de pesquisas, compreende-se como professor-reflexivo aquele capaz de investigar a sua própria ação e, por meio da reflexão, dar conta da complexidade de seu ofício, intervindo de forma crítica e qualificada no processo de aprendizagem de seus alunos; ou seja, aquele que é o produtor de um saber próprio a partir da sua prática, não um mero transmissor de saberes que são construídos em outros espaços.

O professor-reflexivo estaria em oposição àquele professor mecanicista, que transfere de forma acrítica o conhecimento, que não privilegia o aluno como sujeito central do processo educativo e não entende as circunstâncias que o cercam. Refletindo sobre a sua prática, o professor-reflexivo “seria capaz de inovar, de participar das decisões, de interagir com seus pares, de dialogar com a produção teórica metodológica pertinente ao seu campo de conhecimento e, sobretudo, de produzir conhecimentos sobre o seu trabalho” (CAIMI, 2006,

p. 29). Entretanto, para ser um professor faz-se essencial uma postura profissional que perpassa a formação e prescinde de constantes questionamentos e reflexões sobre a própria prática, além de uma constante atenção às demandas das alunas e dos alunos, da instituição escolar e da sociedade.

Primeiramente, faz-se necessário uma defesa da história, em um momento de ataque como a disciplina vive, para Arthur Lima Ávila (2018), uma “defesa da história” efetiva deveria, deste modo, se preocupar menos com os limites disciplinares, como se imutáveis fossem, do que com sua abertura a outras formas de historicização não só do passado, mas do presente.

Reduzir a historiografia a uma simples busca pela verdade do pretérito, com a devida naturalização da pesquisa empírica e do modelo positivista-documental, como o chamou LaCapra, equivale a sua imobilização enquanto um instrumento crítico e a um apagamento de suas próprias tensões internas. (ÁVILA, 2018, P. 257).

Porém, como mostram Nilton Pereira e Fernando Seffner (2008), o que se ensina na escola não é o mesmo que se ensina na academia, e nem poderia ser. Isso explica-se por duas ordens de fatores: os processos de mediação didática que buscam construir o conhecimento escolar, a partir de várias fontes, sendo uma delas o conhecimento produzido pela pesquisa histórica; e os interesses, circunstâncias socioculturais específicas e o contexto político específicos daqueles que são os receptores da história ensinada na escola, como alunos e comunidade de pais e professores. Portanto, os ataques são os mesmos, no entanto os contextos de defesa e de resistência se mostram diferentes.

Logo, conforme Pacievitch *et al* (2019), citando a resistência em Freire, tal prática se configura como um movimento de valorização da fala do aluno e da escuta do professor, com a construção de práticas educacionais que possibilitem a autonomia, a liberdade e a valorização dos saberes subalternizados. Suas ideias ajudaram a construir uma pedagogia mais crítica, que percebe a educação como instrumento de transformação social. Portanto: “Do ponto de vista de uma aula de História que se abre a formas de vida e existência plurais e múltiplas, pensar a resistência é contestar tanto a ideia de um sujeito universal quanto uma temporalidade unívoca e eurocêntrica.” (Pacievitch *et al*, 2019, p. 7).

Embora as práticas realizadas pelos professores no projeto tenham encontrado limites na parte da exposição e da rotina on-line, os espaços de fala e protagonismo estudantil

estiveram presentes, como se evidenciou nas diferentes falas dos estudantes citadas neste trabalho.

Christopher Berg e Theodore Christou (2020) descrevem três orientações básicas para o ensino de história. O primeiro, a história como memória coletiva que busca fornecer uma narrativa abrangente para o passado que serve para definir quem somos no presente, nossas relações com os outros, relações na sociedade civil - nação e estado, certo e errado, bom e mau - e parâmetros amplos para ação no futuro. A segunda orientação, adota uma abordagem disciplinar ao ensino de história, apresentando várias versões do passado e ensinando os alunos a determinar qual versão é mais adequada com base em sua avaliação utilizando ferramentas disciplinares. A terceira orientação é uma abordagem pós-moderna da história que questiona a relação entre conhecimento histórico e poder e vê as fontes históricas com um olhar crítico em relação à linguagem e à convenção cultural. Para além das três orientações traçadas, os autores adicionaram uma quarta orientação, a abordagem sociocultural, que incide na prática social e no modo como as pessoas funcionam em contextos da vida real.

A atividade expositiva tentou se aproximar desta perspectiva, o levantamento da narrativa tradicional do currículo de história da Rede La Salle, confirmada pelas falas dos estudantes ao perceberem a temporalidade da ação política, embora ainda com limitações. A apresentação de noções diferentes de conceitos também mostrou-se exitosa, conduzindo a escolha dos alunos pela percepção de suas preferências. A utilização de fontes diversas e recursos diversos, tenta aproximar o ensino de história à linguagem da juventude. Por fim, todo o projeto é direcionado para uma intervenção no meio social, uma ação prática no meio escolar, após uma crítica e uma deliberação de prioridades.

Araújo (2017) retoma a ideia da curadoria de histórias como um espaço de promoção, seleção, edição e apresentação de histórias socialmente distribuídas e compartilhadas, entretanto, deve responder ao desafio de decidir que histórias curar.

A premissa da democratização e do acolhimento da diversidade não poderia nos levar ao risco de silenciar frente aos relatos fundados no preconceito, no ódio e na manipulação? Mesmo aqui devemos nos perguntar quais as aporias do discurso histórico disciplinar comprometido com o direito à história? Quais são seus valores incontornáveis? Aqui listamos apenas três que consideramos incontornáveis. A pergunta pela verdade do acontecimento, a defesa da democracia e o respeito à diversidade. Celebrar e amplificar a diversidade que celebre a diversidade, que saiba se alimentar do outro ao mesmo tempo em que o edifica, e condenar a diversidade

autorreferida, que para se afirmar precise reduzir o outro a si mesmo. Certamente que não poderemos contar com uma prescrição teórica que nos garanta uma fórmula para guiar nossas decisões concretas, mas como historiadores sabemos que a sabedoria prática, a que vem da experiência, é capaz de nos guiar nas decisões, ao mesmo tempo em que nos mantém aberto à contínua reflexão. (Araújo, 2017, p. 213)

A democracia e a verdade, como concepção do Projeto, são valores “aporéticos e condição para a universalização do direito à história” (Araújo, 2017, p. 213) que devem orientar o historiador em sua função social de curador de histórias. Isto nos permitiria desqualificar qualquer discurso histórico que tenha como pressuposto a negação desses valores.

Retomando Pacievitch *et al* (2019), os autores reforçam que é por isso que a sala de aula de História e seu currículo se voltam à resistência. Logo, pois, se consideramos a escola como lugar de criação, é ali mesmo o lugar de toda insubordinação: contra os poderes que nos fazem dizer, ver, ouvir por dentro de normas, de padrões e de uma colonialidade que define o modo de existir. A aula de história deve ser esse espaço de resistência, propondo um lugar diferente, um mundo onde não tenha que somente aceitar e acatar, mas propor e ser protagonista da própria história

As práticas esbarram nos limites impostos pelas normativas das escolas, seja legislação nacional, seja a Base Nacional Comum Curricular, seja a Matriz Curricular da Escola (no caso da Rede La Salle), cabendo ao professor de História encontrar brechas para a atuação e explorar temas sensíveis ou tangenciados encontrados nos currículos.

Os currículos de História, na escola básica, têm sido sacudidos constantemente, nos últimos anos, por aberturas para inserção de novos sujeitos, novos temas e novas questões que ajudem não só a produzir a crítica historiográfica e o pensar historicamente, mas também a dar visibilidade a modos de vida, temporalidades e identidades antes destituídas de historicidade e de lugar (PACIEVITCH *et al*, 2019). Assim, propor atividades que rompam com a lógica da transmissão, do currículo “pronto”, definido pelo uso do livro didático, é dos mais importantes desafios para o ensino de história, que não será alcançado enquanto a escola permanecer como um lugar de transmissão. (MÉNDEZ; MONTEIRO, 2012)

Por exemplo, retomando a fala de uma participante da plateia no segundo debate para a presidência,

Vocês sentem o peso de estarem sendo a continuação de uma presidência de antecessoras negras e mulheres? Vocês tem alguma proposta que elevem o movimento negro como a da nossa biblioteca que recebeu o nome da Kiussam de Oliveira? E também algo relacionado a conscientização do que realmente é o feminismo?

Além de um movimento social, o feminismo pode ser definido como uma corrente de pensamento que tem por objetivo discutir a produção do conhecimento dentro de uma ótica das relações de poder. Ou seja, mostrar que os saberes não são isentos (MÉNDEZ e MONTEIRO, 2012). O resultado de diferentes trabalhos vão além da aula de história, é uma construção coletiva, de professores (FATURI, 2018) e resistentes (PACIEVITCH et al, 2019). Isso é uma marca que se evidencia na escola em que foi aplicada a proposta.

Então, pensando na perspectiva do trabalho em diferentes espaços da escola, cabe ao Ensino de História o local de protagonismo na educação política? Para Pereira et al (2020), poucos são os docentes ou pesquisadores do ensino de história que deixariam o tempo presente fora do seu trabalho. Tornou-se esta uma obviedade tal que quase não se pensa sobre ela. De certo ponto de vista, isso significa a aproximação do papel do professor de história de seu compromisso com a legislação educacional produzida após a Constituição Federal de 1988, na qual a formação para a cidadania recebe destaque, no processo de educação política nas escolas.

Pagès (2015) propõe ensinar história com problemas do presente. O autor discute a necessidade de relacionar a formação política dos jovens com o ensino da atualidade, contribuindo para aplicá-la nos problemas da vida pública. Trata-se de construir um projeto pedagógico de escola, cuja práxis cotidiana se assente no trabalho cooperativo, na construção de conhecimento e menos na transmissão repetitiva ou em conteúdos. Assim, o autor indica a importância do currículo se constituir, também, na abordagem dos problemas do presente, que dizem respeito aos debates públicos e políticos da atualidade. Portanto, uma aula de história não crítica, voltada somente para a verdade do passado, perde seu significado para a educação política, distanciando-se da realidade dos alunos e dos problemas da contemporaneidade.

A abordagem das instituições políticas não deve substituir os outros trabalhos e discussões de ocupações do espaço público. Entretanto, como aborda Marcelo Baquero (2018), a crença nas instituições é essencial para a construção de uma cultura democrática. Uma sociedade sem regras está “fadada ao autoritarismo e a vícios deletérios” (p. 87) para a

democracia. No entanto, atribuir um peso exclusivo a regras, instituições e procedimentos, em detrimento da compreensão do papel que a história e a cultura política exercem na configuração das representações políticas dos cidadãos, pode subestimar os obstáculos existentes para uma plena consolidação da democracia.

A construção do sistema política brasileiro,

foi, neste caso, profundamente marcada pela interferência do Estado e pela proibição de circulação de ideias progressistas. O primeiro partido de esquerda do país, o Partido Comunista Brasileiro (PCB), foi intermitentemente posto na clandestinidade. As greves de operários foram constantemente sufocadas pelas armas do Estado. O ápice dessa cultura autoritária implementada desde o Estado se manifesta em golpes. Durante o século XX, o Brasil sofreu diversos golpes de Estado: em 1930 com a subida do político Getúlio Vargas; em 1937, o mesmo presidente realiza o chamado golpe branco, fechando o Parlamento e governando em estado de exceção por oito anos, saindo apenas pelas pressões internacionais e nacionais, num contexto de fim da II Guerra Mundial. Este período ficou conhecido na história brasileira como Estado Novo. De inspiração fascista, tanto as ações do Estado quanto o pensamento dominante foram se consolidando. Em 1955, há novamente uma tentativa de golpe em relação ao presidente eleito Juscelino Kubistchek. E, finalmente, em 1964, as forças autoritárias impõem um golpe de Estado militar que durará 20 anos. Neste período de ditadura militar, funcionam algumas das instituições assim chamadas democráticas, como eleições para alguns cargos políticos (exceto para presidente da República e governadores de Estado). O funcionamento destas instituições, no entanto, não corresponde à ideia ou à realidade de uma democracia. Novamente a cultura autoritária se impõe à política brasileira. (BAQUERO; RANINCHESKI; DE CASTRO, 2018, p. 91)

Para os autores, não é a pura existência de processos eleitorais que irá garantir uma cultura política participativa em que a cidadania confie nas instituições políticas e se sinta por elas representada. A confiança nas instituições, por parte da cidadania, é dependente da qualificação do debate político e vai se refletir na cultura política. A compreensão de debate político, nos termos deste artigo, vai além do debate eleitoral entre os candidatos, embora este (particularmente a cargos majoritários) seja elemento fundamental, envolvendo o debate sobre temas político-eleitorais pela sociedade (cidadania, políticos profissionais, ativistas, meios de comunicação). Nesse sentido, historicamente foi formando-se no Brasil condições para uma democracia inercial. Os dados analisados e o seu confronto com a literatura pertinente, portanto, não permitem uma visão otimista em relação à democracia brasileira. (BAQUERO, RANINCHESKI, DE CASTRO, 2018)

A proposta deste trabalho foi apresentar as estruturas políticas e as instituições para os estudantes, algo que na sondagem surgiu como uma limitação. Para vencer a democracia

inercial, conforme defendido neste trabalho, é necessário conhecer as instituições e ter experiências político-democráticas.

A principal arena das experiências políticas se deu no virtual, seja pela pandemia, seja por perceber o protagonismo juvenil neste espaço. Ao aumentar a comunicação, além de unir grupos e indivíduos diferentes que nunca haviam tido contato anteriormente, a internet possibilitou aos jovens assumirem comportamentos e causas de natureza social e política de seu interesse, constituindo-se como uma tentativa de conduzir a tecnologia para fins mais democráticos. (BAQUERO, BAQUERO, MORAIS, 2016). O uso de redes sociais via internet se constitui como uma parte da subcultura da jovem geração contemporânea. Esse canal tem sido utilizado pela juventude que, descrente das organizações tradicionais de mediação política, passou a buscar novas formas de engajamento político.

Como escrito no grupo de interação do PSE durante a campanha: *Agora nós somos os adm*. A internet serve, então, como agente que consolida as bases de um contexto interativo no qual ocorrem a socialização e o desenvolvimento da identidade. A ausência dos agentes convencionais de socialização adulta nesse contexto desafia a perspectiva tradicional de socialização, resultando em um processo de autosocialização.

Nas diferentes falas dos estudantes,

“Não busquei nenhum modelo político. Minha ideia não era se espelhar em alguém específico, e sim participar da campanha eleitoral expressando minhas próprias opiniões”.

“Desenvolvi o diálogo em grupo e o debate é para que nós lutemos pelo que acreditamos ser melhor. Exemplo: A eleição da escola deste ano”.

“Sim, aprendi muita coisa sobre a campanha política que não sabia, e que gostaria de usar essas habilidades no futuro”.

Continua a se observar que a juventude manifesta, em relação à política, atitudes e comportamentos contraditórios. Por um lado, os jovens demandam mais espaços de participação; por outro lado, são cada vez mais cínicos a respeito das instituições políticas-democráticas representativas. (BAQUERO, BAQUERO, MORAIS, 2016). Essa atitude é uma consequência do processo de construção democrática, no qual a institucionalização da democracia eleitoral ocorre, simultaneamente, com um crescimento do

distanciamento da juventude da arena política convencional. Sob essas circunstâncias, aumenta a probabilidade de emergir uma cultura política híbrida. Nesse sentido, os jovens manifestam, em um senso difuso, um forte apoio à democracia e, simultaneamente, há um crescimento de protestos, da desconfiança com a política e da busca por outras formas de engajamento político, que não as formas de participação convencionais.

Olhando a atuação dos partidos e refletindo sobre a cultura cívica proposta por Abowitz e Mamlok (2019), os elementos cognitivos, afetivos e avaliativos da cultura cívica nos lembram que a cidadania ativa não é uma questão de saber o suficiente sobre o governo para participar de seu principal ritual passivo de votação, mas é uma questão de saber ativamente, por meio do pensamento, do sentimento e da avaliação dos eventos e das interações que constituem nossas vidas públicas. A cultura cívica é formada pela ação instigada por um senso de propriedade, e de envolvimento experiencial usando os elementos cognitivos, afetivos e avaliativos por meio do trabalho criativo e produtivo na vida cívica e política.

Não tem como dissociar a educação política em Pagès e cultura cívica em Abowitz e Dan Mamlok da ação prática. Além disso, não se pode dissociar a experiência de agir, de refletir, de lutar, de debater, de criticar e de ser agente ativo do processo de descoberta do que é ser cidadão.

Uma das conquistas e dos sucessos da proposta deste trabalho foi criar meios de refletir temporalmente, relacionando o passado da democracia do Brasil aos problemas de hoje, proporcionando uma experiência de colocar em prática os conceitos e questionar o seu espaço de vivência. Nessa perspectiva, buscando agir politicamente para democraticamente transformar a escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi resultado também de uma reflexão sobre a prática docente. Caimi (2006) concebe um professor que pode estudar seu próprio comportamento, explicar a complexidade de sua profissão, por meio da reflexão, e interferir no processo de aprendizagem de seus alunos de forma crítica e qualificada, ou seja, ele cria conhecimentos a partir de sua própria prática. Pessoas, não apenas disseminadores de conhecimentos acumulados em outros espaços.

Para Pacievitch e Oliveira (2020), estamos em um momento em que se percebe a fragilidade da democracia e as constantes ameaças à educação de modo geral e, principalmente, à educação pública no Brasil. As autoras defendem o uso do conceito de intelectual para designar aqueles que exercem a profissão docente para radicalizar a afirmação de que toda decisão pedagógica é também uma decisão política.

De igual forma, Zavala (2015) pensa que todas as aulas têm um plano, mas elas vão além do plano. Todas as aulas que aconteceram estão intimamente relacionadas à biografia do professor e a sala de aula onde se encontra a atividade. Essa construção de aula diz sobre o perfil da escola e do professor. O que aconteceu em sala de aula relaciona-se ao tipo de aluno, de professor, ao tipo de professor que esse estudante teve contato, ao referencial teórico e à leitura que este fez, aos materiais que escolheu e aos caminhos que escolheu para o plano de aula. Além disso, é claro que existem ideologias e conjuntos de conhecimentos que fazem os professores pensarem.

Na reflexão de Araújo (2017) sobre a conjuntura atual do campo da História e do Ensino de História, vivemos uma fase de retrocessos dos valores e estruturas da democracia. O cenário atual não parece apontar movimentos de superfície, mas um novo status quo. Portanto, é urgente entender como podemos não apenas nos adaptar a ele, mas trabalhar para extrair dessa nova situação suas potencialidades emancipadoras. Logo, “Como poderemos defender e ampliar nossa democracia? Como refundar o pacto entre historiografia e democratização que tem marcado a história moderna, mesmo sem ignorarmos as ambivalências e retrocessos nessa relação?” (Araújo, 2017, np)

Uma avaliação da educação para a cidadania "no papel" - na prática cotidiana - se dá por outras forças que parecem determinar o que acontece ali: a ênfase no conhecimento e no conteúdo e a demanda por evidências. Nesse sentido, o pano de fundo, os objetivos mais atitudinais e as habilidades sobre a educação para a cidadania, são determinantes para essa avaliação.

O Projeto Paideia busca refletir sobre o presente, sobre os espaços de poder dentro da escola. À vista disso, pensando o local do Ensino de História evidenciado no projeto, retoma a ideia de Pereira *et al* (2020) de que a tematização do presente se constitui num processo pelo qual a história problematiza o presente e abre-se aos futuros.

Tudo se passa como se, ao problematizar o racismo, o etnocentrismo ou o lugar das mulheres como um passado que não passa e que coexiste com o presente, a aula de história pudesse abrir o passado para o escrutínio da experiência. Trata-se não apenas de pensar a historicidade das práticas racistas e do caráter estrutural do racismo em nossa sociedade, mas também de aprender sobre experiências humanas do passado em que o racismo não teve lugar, em que os problemas tiveram modos diferentes de resolução que ainda não conhecemos. Ora, dessa maneira, criamos uma indiscernibilidade do próprio passado com o futuro, já que o futuro deixa de ser o desdobramento da historicidade do presente e se torna a abertura imaginária de novas possibilidades de vida, nesse caso sem o racismo e sem a injustiça. (Pereira *et al*, 2020, np)

Eis o elemento ético do Ensino de História, que consiste no que Pagès (2018) chama de ensinar para a utopia, ensinar para o futuro. Por essa perspectiva, escolher aprofundar a educação política para estudantes da escola básica é uma decisão política. É acreditar que a cidadania e a democracia são um caminho inegável para a justiça. Como evidenciado no trabalho, esse ato não pode partir somente do docente, precisa do engajamento e do protagonismo estudantil.

Pagès (2019) reconhece que democracia e cidadania têm essa característica dinâmica. Para ele, é fundamental que o cidadão pense, analise, escolha, discuta e se comprometa coletivamente. No entanto, as escolas ainda podem desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento dessas habilidades. Portanto, o ambiente escolar é um espaço para isso, e, do ponto de vista histórico, os alunos devem tentar agir de acordo com a situação atual. Por isso, a proposta desenvolvida no Paideia foi essa, criar um espaço de reflexão, mas, ao mesmo tempo, com um caráter ativo.

A ideia de educação para a democracia de Benevides (1996) que foi explorada no trabalho tem como objetivo formar política por meio do pensamento histórico sobre os

conceitos de democracia e cidadania. Ademais, os conceitos de democracia e república foram desenvolvidos no conceito de educação democrática. Por isso, os valores democráticos intimamente ligados e interdependentes com os republicanos são entendidos como igualdade, respeito pelos direitos humanos e vontade da maioria legalmente formada. Já, os valores republicanos perseguidos pelo projeto são o respeito à lei, o respeito ao interesse público e o senso de responsabilidade no exercício do poder. Além de valores de transformação social, algo imprescindível para a educação do cidadão e para a mudança da situação social vigente.

Portanto, o Paideia buscou aproximar o Ensino de História da Educação Política. Algo que, ao longo da consolidação do campo do Ensino de História, demonstrou-se uma oportunidade para formar o cidadão, seja pelo caráter militante da disciplina, seja por ser um espaço de resistência no currículo nas diferentes reformas experienciadas no século XX. Não obstante, para que a proposta se concretize, foi necessário pensar o estudo sobre o passado com o tempo presente. Como trouxe Siman (2018), relacionando os sentidos atribuídos à História pelos jovens com o seu agir no presente, com a sua leitura a respeito do passado e com a elaboração que constroem a respeito do futuro.

Esses elementos foram possíveis de ser perceber nas falas dos estudantes, em especial, na avaliação do projeto. Nesta perspectiva, o projeto foi exitoso.

Como apresentado, os objetivos do projeto Paideia na escola eram:

- Identificar o conhecimento prévio dos estudantes sobre a democracia e as instituições políticas no Brasil.
- Analisar os conceitos de política, cidadania e democracia temporalmente.
- Relacionar as violações dos direitos à luta de diferentes agentes sociais ao longo da história brasileira.
- Produzir materiais para campanha eleitoral na escola.
- Debater sobre a situação escolar e propor melhorias na escola.

A sondagem do conhecimento prévio dos estudantes sobre as instituições políticas demonstrou, como previsto, um desconhecimento por parte desses jovens. Um dos fatores poderia ser a diversidade de idades dos alunos, de 12 a 15 anos, que estão em diferentes etapas da formação escolar, algumas habilidades propostas pelo currículo da escola, ou mesmo pela falta de abordagem do tema por parte da BNCC.

A primeira parte dos encontros encontrou barreiras da rotina on-line, encontrar câmeras fechadas e dificuldades de interação foi uma marca não só das atividades do projeto, mas da crise provocada pela pandemia em 2020. Os alunos demonstraram interesse pelos eventos e a abordagem, mas não demonstraram utilizar diretamente os conceitos na parte prática, agindo essa parte de forma mais subliminar.

As diversas fragilidades apontadas na etapa são a baixa interação provocada pela rotina on-line. A primeira etapa foi planejada num cenário de encontros presenciais, impossibilitando a percepção de excesso de temas ou conceitos. Os questionamentos, ao longo da tarefa, vinham sempre com respostas de confirmação de entendimento, o que, sem ter o contato olho no olho, pode não ser verdade. Outra crítica é a apresentação de uma gama de conceitos para estudantes de séries diferentes, sem buscar adaptá-los para realidades escolares diversas, pois um aluno de 6º ano e de 9º ano têm trajetórias escolares diferentes. Por fim, a crítica para uma melhor análise foi não ter pensado em alguma forma de feedback, pois, ao final do encontro, não foi possível mensurar o real entendimento, fazendo com que as análises deste encontro se dessem de forma mais subjetiva. No entanto, a parte expositiva foi fundamental para ensinar conceitos históricos e políticos, que foram valorizados em falas de alguns estudantes na avaliação final.

A parte da campanha eleitoral e dos debates foram as partes avaliadas pelo docente e pelos estudantes como a mais exitosa. A dimensão prática, preparação para o debate e a campanha eleitoral, fez vir à tona críticas à escola e a metodologia dos professores. Os alunos como um todo, demonstraram criticidade e posicionamento sobre a escola. Muito se explica, pelos diferentes trabalhos e projetos elaborados pela escola: grupos de jovens, projetos interdisciplinares e projetos de pesquisa. Nestes espaços, muitas questões sensíveis a juventude, ao movimento negro, ao feminismo, ao movimento LGBTQIA+ são exploradas e incentivadas pelos professores da escola.

Os limites do projeto estabeleceram-se em não terem sido realizadas algumas adaptações para o contexto virtual. Como exposto, não havia em algumas etapas uma previsão de participação dos estudantes. Por exemplo, sem ter nenhuma questão que direcionasse a relação entre presente e passado prevista no roteiro. Não obstante, durante a prática dos alunos, foram utilizados diferentes elementos históricos para construir as propostas - como a bandeira nacional, por exemplo.

Os alunos, porém, quando questionados do significado, ou modelos que serviram de inspiração, para escolha de símbolos, foram categóricos em dizer que não havia relação com o passado, como se houvesse uma negação de uma herança política e eles construíram algo original pensando no futuro deles. Essa relação também se apresentou quando os estudantes foram questionados na avaliação sobre o Projeto. Logo, tal perspectiva faz-se pensar: o Projeto Paideia trata de algo que vai servir para o seu futuro. Isso significa que o Ensino de História dentro do Projeto Paideia não afetou os alunos de alguma forma? Não podemos fazer essa afirmação.

A aprendizagem histórica, como retomo de Barca e Schmidt (2013), somente acontece quando é processada a experiência de mudança temporal, produzindo sentido histórico para as ações humanas. Articular no tempo, ter entendimento do passado, indagar e criticar o presente, como as coisas são e estão, planejar e propor transformações do futuro, foram metas e objetivos alcançados do projeto. Embora, nem todas as relações se apresentem de forma consciente nem imediata. A aprendizagem histórica está presente em exemplos, experiências e especialmente em quem eles não querem se inspirar como modelo de sociedade.²⁷

A educação política na escola com estudantes do Ensino Fundamental precisa da dimensão temporal, embora os alunos não a vejam. A relação da história para a construção da democracia pode não ser evidente aos alunos, no entanto, é possível perceber que operam com passado, presente e futuro, tanto nas propostas quanto nos questionamentos direcionados às chapas concorrentes e na avaliação que fizeram sobre o projeto. Consequentemente, resume-se a dimensão temporal nesses três tempos: passado, presente e futuro.

O passado/História como apresentado por Cerri (2003) tem a função consagrada de formar o cidadão, já Ferro (1981) mostrou como controlar esse passado é fundamental para dominar o presente. Sant (2015), utilizando o exemplo catalão, ressaltou o uso da narrativa histórica para que haja o conhecimento da sociedade que se vive, no entanto, Lucini (2018) questiona os limites do Ensino de História para formar esse cidadão. Por fim, o projeto segue a ideia de Barca (2003), o que se aprende tem que fazer sentido para o aprendiz, ou seja, de nada adianta o Ensino de História pelo passado por si só, tem que ter significado.

²⁷ Relembrando a chapa que categoricamente rejeitou a associação do número 17 por fazer memória da legenda utilizada pelo Presidente da República eleito em 2018.

Por isso, o projeto propôs, seguindo a linha trabalhada por Westheimer e Kahne (2004), um trabalho voltado para a justiça que resolve problemas sociais e melhora a sociedade, mas adota uma abordagem diferente: que questiona, debate e desafia sistemas e estruturas estabelecidos que reproduzem padrões de injustiça ao longo do tempo. Desse modo, concordando com Gomes (2017), precisamos, nós professores de história bem como a escola como um todo, construir uma nova pedagogia.

Muito disso passa por mudanças metodológicas, mesmo que não previstas em um currículo fechado de educação em Rede. Pagès (2019) bem como Abowitz e Mamlok (2019) argumentam que uma democracia robusta consiste em participação pública ativa e deliberativa, assim, não podendo nos limitar a “vencer habilidades do currículo”. Como trouxe Tham Testa (2015), outra forma frequente de falar sobre educação para a cidadania em professores encontra-se em um discurso que promove o desenvolvimento da participação discente nas esferas política e civil. Por conseguinte, não somente citar ou identificar nos planos as esferas públicas, mas ter uma formação que estimule a participação do alunado nestes campos.

Portanto, mais uma vez, havia a demonstração de um alunado com perfil crítico, contudo desconhecendo sobre as instituições políticas e as esferas de poder. Esses locais são palco de luta e resistência e seu desconhecimento afasta e provoca um sentimento de não resultado, de que suas ações são inócuas ou de que o espaço institucional deve ser ignorado, pois lá se concentraria apenas a politicagem e não há possibilidade de mudança. Para que o projeto seja “além dos muros da escola”, não se pode perder o seu caráter complementar ao currículo da escola, justamente para que após a vida escolar, o jovem, com habilidades desenvolvidas, conheça os palcos por onde agir.

O grande sucesso do projeto, sem dúvida, avaliado pelo corpo docente e pelo alunado foi a eleição para Presidente da Escola. Não somente a votação, mas a campanha, debate, além do pleito por si só. A dimensão ativa e deliberativa, como retoma Pagès em seus diversos trabalhos, se destacou na formação política dos estudantes. Uma prática escolar que propõe uma ação direta dos estudantes, criticando a escola e apontando soluções para seu espaço de socialização, é fundamental para a formação do cidadão.

Outrossim, o Projeto Paideia 2020 foi avaliado pela escola e pelos estudantes. O retorno foi positivo, permanecendo o projeto reestruturado como atividade extracurricular da escola. Entretanto, a pandemia que ainda perdurou ao longo de 2021, fez com que os trabalhos fossem adiados para o segundo semestre de 2021. As falas dos estudantes sobre as plataformas digitais a serem utilizadas, foram acatadas pela coordenação do projeto na escola e pela direção pedagógica, e o projeto será adaptado conforme essas sugestões em edições futuras.

Por fim, é proposto a reflexão sobre o que torna um trabalho ou uma inovação algo relevante? Ser relevante não é somente a aplicabilidade no momento, mas sim o que faz um trabalho ser importante pelos próximos anos. Essa reflexão é transposta para o campo da educação política e do ensino de história e em especial para este trabalho. A partir deste projeto, há uma contribuição para a educação dos estudantes participantes da Escola La Salle Pão do Pobres? A dimensão reflexiva e ativa da cidadania afetou-os de que forma? Acredita-se que sim.

Os movimentos sociais, coletivos e associações vêm se transformando, as esferas de disputas também. A permanência está nos palcos das decisões. A estrutura política da democracia liberal, baseada no iluminismo, perdura e condiciona a ação de agentes que se propõem a modificar o campo político. Se queremos viver a utopia ou ensinar a utopia precisamos vencer barreiras do desconhecimento das instituições e aprender sobre o sistema para que possamos então superá-lo. A dimensão ativa da educação para a democracia não pode ser iniciativa particular de um ou outro docente. Por isso, para ser duradouro dentro de uma comunidade escolar é necessário ser uma política de escola, inserida no currículo e instigada por toda comunidade.

Sendo assim, concluo com uma citação dos professores Caroline Pacievitch, Carmem Zeli de Vargas Gil, Fernando Seffner, Nilton Mullet Pereira, do PROFHISTÓRIA/UFRGS, sobre o significado da resistência na aula de história contra os poderes que nos fazem dizer, ver e ouvir por dentro de normas: “Se aceitarmos isso tudo, o mundo nunca será diferente do que é, e essa é a mais justa razão de uma aula de História: tornar o mundo o que ele ainda não é”. (Pacievitch et al, 2019, p. 9)

REFERÊNCIAS

ABOWITZ, K. K, MANLOK, D. The case of #NeverAgainMSD: When proceduralist civics becomes public work by way of political emotion. **Theory & Research in Social Education**, 47:2, 155-175. 2019.

ANDION, Carolina; SERVA, Mauricio. Por uma visão positiva da sociedade civil: uma análise histórica da sociedade civil organizada no Brasil. Cayapa. **Revista Venezolana de Economía Social**, v. 4, n. 7, p. 7-24, 2004.

ARAUJO, V. L. O direito à história: o(a) historiador(a) como curador(a) de uma experiência histórica socialmente distribuída. In: OLIVEIRA, Rodrigo Perez; GUIMARÃES, Gêssica e BRUNO, Leonardo (Orgs.). **Conversas sobre o Brasil: ensaios de crítica histórica**. Salvador: Provisória, 2017, pp. 191-216.

ARRUDA, E. P. (2020). EDUCAÇÃO REMOTA EMERGENCIAL: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede - Revista De Educação a Distância**, 7(1), 257-275

AVILA, Arthur Lima. **O fim da história e o fardo da temporalidade**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 25, p. 243 - 266, jul./set. 2018.

BAQUERO, Marcello; BAQUERO, Rute Vivian Angelo; MORAIS, Jennifer Azambuja de. SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA E INTERNET NA CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA POLÍTICA JUVENIL NO SUL DO BRASIL. **Educ. Soc.**, Campinas , v. 37, n. 137, p. 989-1008, Dec. 2016

BAQUERO, Marcello; RANINCHESKI, Sonia; DE CASTRO, Henrique Carlos de O. A formação política do Brasil e o processo de democracia inercial. **Revista Debates**, v. 12, n. 1, p. 87-106, 2018.

BARCA, Isabel; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. La conciencia histórica de los jóvenes brasileños y portugueses y su relación con la creación de identidades nacionales. **Educación Siglo XXI**. Murcia, v.31, n.1, p.25-46, 2013.

BENEVIDES, Maria Victoria. **Cidadania e direitos humanos**. Cadernos de Pesquisa, 2004.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Educação para a democracia. **Lua Nova**, São Paulo , n. 38, p. 223-237, Dec. 1996 .

BERG, Christopher W.; CHRISTOU, Theodore Michael (Ed.). **The Palgrave Handbook of History and Social Studies Education**. Palgrave Macmillan, 2020.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BOBBIO, N. et al. **Dicionário de política**. Brasília - DF: Editora da Universidade de Brasília, 1995.

BOTERO, T. A. LÓPEZ, M. L. Reflexiones sobre la implementación del Sistema de Formación para la Participación Ciudadana en Medellín 2017-2019. **FORUM. Revista Departamento Ciencia Política**, 20, 179-205. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão revista. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>.

BRASIL (1996). LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Portal da Legislação. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>.

CAIMI, Flávia. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. **Revista Tempos**. v.11.n.21, 2006.

CAIMI, Flávia Eloísa. **Conversas e controvérsias: o ensino de História no Brasil (1980-1998)**. Passo Fundo: UPF, 2001.

CERRI, Luis Fernando. Ensino de história e cidadania no regime militar: características e um caso característico. In: CERRI, Luis Fernando(org). **O Ensino de História e a Ditadura Militar**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003, 2ª ed.

CERRI, Luís Fernando (org.). **Os jovens e a história: Brasil e América do Sul**. Ponta Grossa, UEPG, 2018, p. 85-114.

CIAMPI, H e CABRINI, C. Ensino de história: histórias e vivências. In: CERRI, Luis Fernando(org). **O Ensino de História e a Ditadura Militar**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003,2ª ed.

DAGNINO, Evelina (2004) “¿Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando?” En Daniel Mato (coord.), **Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización**. Caracas: FACES, Universidad Central de Venezuela, pp. 95-110

DE JESUS GRIGOLI, Juliana. **Quatro modelos normativos de democracia representativa: as versões elitista, liberal, pluralista, participativa e deliberativa**. Pensamento Plural, n. 14, p. 113-126, 2014.

FATURI, Fábio Rosa. **Cidadania: da reflexão à prática: contribuições do ensino de história**. UFRGS, 2018.

FEDOZZI, Luciano Joel; MARTINS, André Luis Borges. Trajetória do orçamento participativo de Porto Alegre: representação e elitização política. **Lua Nova**, São Paulo , n. 95, p. 181-224, Aug. 2015 .

FERRO, Marc. **A Manipulação da História no Ensino e nos Meios de Comunicação**. Tradução de Wladimir Araujo. São Paulo: IBRASA. 1981.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: RJ, Vozes, 2017

GONZÁLEZ, María Paula. **La enseñanza de la historia en el siglo XXI. Saberes y prácticas**. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2018, livro digital.

LOPES, JANICE PEREIRA. Educação a distância e constituição da docência: formação para ou com as tecnologias?. **Revista Inter Ação**, v. 35, n. 2, p. 275-292, 2010.

LUCINI, Marizete. Ensino de História e formação para a cidadania: reflexões sobre a intencionalidade no ensino de História como elemento de formação histórica, política e cidadã. In: CERRI, Luís Fernando (org.). **Os jovens e a história: Brasil e América do Sul**. Ponta Grossa, UEPG, 2018, p. 63-84.

MCGREW, Sarah et al. Can Students Evaluate Online Sources? Learning From Assessments of Civic Online Reasoning. **Theory & Research in Social Education**, New York, n. 46, v. 2, p. 165-193, 2018.

MONTEIRO, Katani Maria Nascimento; MÉNDEZ, Natalia Pietra. Gênero, biografia e ensino de História. **AEDOS**, v. 4, n. 11, 2012.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectivas. **Revista Brasileira de História**, v. 13, n.25/26, pp. 143-160, set. 1992/ago. 1993.

PACIEVITCH, C., DE VARGAS GIL, C. Z., SEFFNER, F., PEREIRA, N. M. A vida como ela foi: Produzindo resistência nas aulas de história. **Revista e-Curriculum**, 17(4), 1626-1647, 2019.

PACIEVITCH, C., OLIVEIRA, A. G. R. Professores como intelectuais e a construção coletiva de conhecimentos didáticos. **Ensino Em Revista**, 27(1), 279-301, 2020.

PAGÈS, J, 2015. La educación política y la enseñanza de la actualidad en una sociedad democrática. MIRANDA, S. R./CASTRO SIMAN, L. M. (org.). **Consciência do Mundo Histórico Social: caminhos investigativos**. Educação em Foco., vol. 19, nº 3, nov. 2014-fevr. 2015, 17-37.

PAGÈS, J. Los retos de la enseñanza de las ciencias sociales, la geografía y la historia: Qué profesorado, qué ciudadanía, qué futuro? **Reseñas**, Córdoba, n. 16, p. 15-46, 2018.

PAGÈS, Joan; SANTISTEBAN, Antoni; GONZÁLEZ, Gustavo. La educación política de los jóvenes: una investigación en didáctica de las ciencias sociales. In: PAGÈS, Joan;

GONZÁLEZ, Neus (orgs.). **La construcció de les identitats i l'ensenyament de les Ciències Socials, de la Geografia i de la Història**. Bellaterra: UAB, 2010, p. 159-170.

PAGÈS, Joan. La educación para la ciudadanía y la enseñanza de la historia: cuando el futuro es la finalidad de la enseñanza del pasado. In: ÁVILA, Rosa María; LÓPEZ, Rafael; FERNÁNDEZ, Estibaliz (orgs.). **Las competencias profesionales para la enseñanza-aprendizaje de las Ciencias Sociales ante el reto europeo y la globalización**. Bilbao: AUPDCS, 2007, p. 205-215.

PENTEADO, CLAUDIO LUIS DE CAMARGO; SANTOS, Marcelo Burgos Pimentel; ARAÚJO, Rafael de Paula Aguiar. Democracia, sociedade civil organizada e internet: estratégias de articulação online da Rede Nossa São Paulo. **Sociologias**, v. 16, n. 36, p. 206-235, 2014.

PEREIRA, Nilton M. & SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. **Revista Anos 90**. Porto Alegre, v. 15, n. 28, dez. 2008.

PEREIRA, Nilton Mullet et al . Ensinar história [entre]laçando futuros. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro , v. 25, e250002, 2020

PINHO, José Antonio Gomes de. A herança da bandeira Brasileira: problemas de identidade e auto estima para a construção da nação. **Organ. Soc.**, Salvador , v. 6, n. 15, p. 159-175, Aug. 1999 .

PLÁ, Sebastián. La enseñanza de historia como objeto de investigación. **Secuencia**, n. 84, p. 163-184, set./dez. 2012.

SANT, Edda et al. How do catalan students narrate the history of Catalonia when they finish primary education? **McGill Journal of Education**. Montréal, v.50, n.2/3, p.341-362, 2015.

SCHMITZ, Maira E. Cidadania e História: as políticas públicas e sua influência no ensino da disciplina escolar histórica. **Historiæ**, Rio Grande, 3 (1): 105-120, 2012.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - História**. Brasília: MEC / SEF, 1998.

SILVA, C. A. R. ; GALUCH, Maria Terezinha Bellanda . Por quê e para quê ensinar história? **HISTÓRIA & ENSINO** (UEL) , 2019.

SIMAN, Lana Mara et al. Sentidos da História atribuídos por jovens em diálogo com aspectos de uma cultura política e histórica emergentes na cultura escolar. In: CERRI, Luís Fernando (org.). **Os jovens e a história: Brasil e América do Sul**. Ponta Grossa, UEPG, 2018,

THAM TESTA, Maximiliano. **La implementación del currículum escolar de Formación Ciudadana**. 2015.

VILLA, M. E. Por una educación política que cualifique la capacidad de las personas para participar como ciudadanas en el campo político. **FORUM. Revista Departamento Ciencia Política**, 20, 5-35. 2021.

WESTHEIMER, J., KAHNE, J. What Kind of Citizen? The Politics of Educating for Democracy. **American Educational Research Journal**, 41(2), 237–269, 2004.

XIAO, Chunchen and Yi Li. Analysis on the Influence of Epidemic on Education in China. In: DAS, Veena; KHAN, Naveeda (ed.). **Covid-19 and Student Focused Concerns: Threats and Possibilities**. American Ethnologist website, 2020.

ZAMBONI, Ernesta. **Projeto pedagógico dos parâmetros curriculares nacionais: identidade nacional e consciência histórica**. **Cad. CEDES**, Campinas , v. 23, n. 61, p. 367-377, Dec. 2003.

ZAVALA, Ana. Pensar ‘teóricamente ’la práctica de la enseñanza de la historia. **Revista História Hoje**, v. 4, n. 8, p. 174-196, 2015.

ANEXOS

Anexo 1: Projeto Paideia 2017

PROJETO

TÍTULO DO PROJETO: Paideia: AÇÃO POLÍTICA NA ESCOLA LA SALLE PÃO DOS POBRES

RESPONSÁVEL(IS): Alan Machado, Igor Gonçalves, Karen Rodrigues e Rafael Trindade

DESTINATÁRIO(S): Alunos do 9º ano da Escola de Ensino Fundamental La Salle Pão dos Pobres.

JUSTIFICATIVA:

Paideia é uma palavra grega que exprime o sistema de educação grego-clássico, onde o objetivo do processo era a formação integral do cidadão. Preparando, assim, os jovens para a vida adulta.

O projeto Paideia pretende auxiliar na reflexão dos estudantes da escola que estão chegando a idade de participação nos processos eleitorais. Para o Observatório da Sociedade Civil (2015, p.1) “no Brasil, essa questão ganhou contornos especiais com as manifestações de junho de 2013, quando milhares de pessoas, na maioria jovens, foram às ruas numa explosão social que há muito não se via”. Por isso se torna urgente a discussão em sala de aula e nos espaços escolares desse tema. A formação política não pode ser confundida com debate partidário, contudo deve cumprir a diretriz da Lei nº 9394/96 - LDBEN (1996, p.7) que estabelece a educação nacional nos seguintes princípios: “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas”.

Os diferentes temas e debates propostos estão de acordo com a matriz curricular estabelecida pela Rede La Salle, que no Guia das Escolas Lassalistas (2010, p. 9) defende que a escola seja capaz de “capacitar o aluno a se relacionar com o mundo, consigo mesmo, com os outros e com Deus, de forma que sempre saiba amar, pensar, refletir, criar, optar, decidir e agir à luz do Evangelho”. Por conseguinte, as atividades propostas estão também em sintonia com a discussão da Base Nacional Comum - BNC (p.15) que sugere uma educação voltada à formação cidadã e a sua aplicabilidade na vida do estudante: “os resultados das aprendizagens precisam se expressar e se apresentar como sendo a possibilidade de utilizar o conhecimento em situações que requerem aplicá-lo para tomar decisões pertinentes”.

OBJETIVO(S):

Geral: Problematicar sobre a temática da política na escola, refletindo sobre a participação e protagonismo dos jovens nessa área.

Específicos:

- a) Conhecer as diferentes noções do conceito de democracia e as suas críticas.
- b) Debater as diferentes ideologias políticas no cenário político brasileiro e seus desdobramentos históricos.

c) Compreender o cenário político brasileiro na atualidade, buscando alternativas em prol de uma sociedade democrática.

METODOLOGIA:

CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES			
ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	DATA	CUSTO
Apresentação do Projeto nas turmas de 9º ano	Karen Rodrigues	02/08/2017	0,00
Democracia: exposição conceitual - Parte 1	Rafael Trindade	07/08/2017	0,00
A influência da mídia na construção da Democracia. Parte 2	Convidado Juremir Machado	23, 24 ou 25 de agosto (conforme disponibilidade do convidado)	0,00
Ideologia Política - Parte 1	Igor Gonçalves	11/ 09/2017	0,00
Ideologia Política - Parte 2	Convidada Patrícia Moreira	Semana de 25 a 29 de setembro (conforme disponibilidade da convidada)	0,00
Sistema Político: poderes, leis e coalizão - Parte 1	Alan Machado	16/10/2017	0,00
Sistema Político: poderes, leis e coalizão - Parte 2	Convidado Henrique Leites	Semana de 23 a 27 de outubro (conforme disponibilidade do convidado)	0,00
Culminância do projeto: visita à Câmara de Vereadores de Porto Alegre	Alan Machado, Igor Gonçalves, Karen Rodrigues e Rafael Trindade	Novembro (definir data)	0,00

PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA: Sem custos

REFERÊNCIAS

BRASIL (1996). **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Portal da Legislação. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 17 jul. 2017.

GUIA DA ESCOLA LASSALISTA. Orientação, participação, convivência, respeito, avaliação e cooperação. 2. ed. Porto Alegre: Rede La Salle, 01 set. 2010.

PARTICIPAÇÃO do jovem é desafio para aprofundar democracia. In: **OBSERVATÓRIO da sociedade civil**. São Paulo: Abong, 2015. Disponível em: <<https://observatoriosc.wordpress.com/2015/08/14/participacao-do-jovem-e-desafio-para-aprofundar-democracia/>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão revista. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

AValiação:

Diretor

**Coordenadora
Administrativa**

Coordenadora Pedagógica

() **DEFERIDO** () **INDEFERIDO**

Obs.: O original foi assinado e arquivado na secretaria da escola

PROJETO

TÍTULO DO PROJETO: Paideia: FORMAÇÃO POLÍTICA NA ESCOLA LA SALLE PÃO DOS POBRES

RESPONSÁVEL(IS): Alan Machado, Milton Dalpiaz e Rafael Trindade

DESTINATÁRIO(S): Alunos do 9º ano da Escola de Ensino Fundamental La Salle Pão dos Pobres, líderes de turmas e demais estudantes dos Anos Finais interessados na temática.

JUSTIFICATIVA:

Paideia é uma palavra grega que exprime o sistema de educação grego-clássico, onde o objetivo do processo era a formação integral do cidadão. Preparando, assim, os jovens para a vida adulta.

O projeto Paideia pretende auxiliar na reflexão dos estudantes da escola que estão chegando à idade de participação nos processos eleitorais. Para o Observatório da Sociedade Civil (2015, p.1) “no Brasil, essa questão ganhou contornos especiais com as manifestações de junho de 2013, quando milhares de pessoas, na maioria jovens, foram às ruas numa explosão social que há muito não se via”. Por isso se torna urgente a discussão em sala de aula e nos espaços escolares desse tema. A formação política não pode ser confundida com debate partidário, contudo deve cumprir a diretriz da Lei nº 9394/96 - LDBEN (1996, p.7) que estabelece a educação nacional nos seguintes princípios: “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas”.

Os diferentes temas e debates propostos estão de acordo com a matriz curricular estabelecida pela Rede La Salle, que no Guia das Escolas Lassalistas (2010, p. 9) defende que a escola seja capaz de “capacitar o aluno a se relacionar com o mundo, consigo mesmo, com os outros e com Deus, de forma que sempre saiba amar, pensar, refletir, criar, optar, decidir e agir à luz do Evangelho”. Por conseguinte, as atividades propostas estão também em sintonia com a discussão da Base Nacional Comum - BNC (p.15) que sugere uma educação voltada à formação cidadã e a sua aplicabilidade na vida do estudante: “os resultados das

aprendizagens precisam se expressar e se apresentar como sendo a possibilidade de utilizar o conhecimento em situações que requerem aplicá-lo para tomar decisões pertinentes”.

OBJETIVOS:

Geral:

Problematizar sobre a temática da política na escola, refletindo sobre a participação e protagonismo dos jovens nessa área.

Específicos:

- a) Conhecer as diferentes noções do conceito de democracia e a suas críticas.
- b) Debater as diferentes ideologias políticas no cenário político brasileiro e seus desdobramentos históricos.
- c) Compreender o cenário político brasileiro na atualidade, buscando alternativas em prol de uma sociedade democrática.

METODOLOGIA

O projeto se divide em duas atividades principais: compondo as habilidades desenvolvidas durante as aulas com as turmas do 9º ano e um grupo, denominado Célula, para aprofundamento da temática com as lideranças das turmas no turno inverso. No grupo Célula será possibilitada a participação dos estudantes interessados na temática mediante inscrição e atendendo o limite de 20 alunos por encontro.

ATIVIDADES COM O 9º ANO:

CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES			
ATIVIDADE	CONVIDADO	DATA	CUSTO
Democracia: panorama internacional e conceitos chave	Daniela Pericolo Sgiers	09/04/2018	0,00

Democracia no Brasil	Marcos Tonial	Abril	0,00
Ideologias: conceitos e correntes	Andrews Luiz Bianchi	Maio	0,00
Sistema Político Brasileiro: construção dos partidos políticos		Maio	0,00
Processo Eleitoral: como se elege um candidato?		Junho	0,00
Papel da Mídia na construção da Democracia Brasileira	Juremir Machado da Silva	Junho	0,00
Como governar? Tributos, máquina pública e corrupção	Matheus Ayres	Julho	0,00
CAMPANHA ELEITORAL Eleição do Presidente da Escola	Alan, Milton e Rafael	Agosto a outubro	0,00
Visitação a Câmara de Vereadores de Porto Alegre	Alan, Milton e Rafael	Novembro	0,00

PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA: Sem custos

REFERÊNCIAS

BRASIL (1996). **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Portal da Legislação. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 17 jul. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão revista. Brasília: MEC, 2016. Disponível em:

<<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

GUIA DA ESCOLA LASSALISTA. Orientação, participação, convivência, respeito, avaliação e cooperação. 2. ed. Porto Alegre: Rede La Salle, 01 set. 2010.

PARTICIPAÇÃO do jovem é desafio para aprofundar democracia. In: **OBSERVATÓRIO da sociedade civil**. São Paulo: Abong, 2015. Disponível em:

<<https://observatoriosc.wordpress.com/2015/08/14/participacao-do-jovem-e-desafio-para-aprofundar-democracia/>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

AVALIAÇÃO:

Diretor

**Coordenadora
Administrativa**

Coordenadora Pedagógica

() **DEFERIDO** () **INDEFERIDO**

Obs.:

ANEXO 3: Projeto Paideia - documento entregue à Rede La Salle



Planejamento da Matriz Curricular para as Competências
PROJETO PAIDÉIA

PROJETO: PAIDÉIA: FORMAÇÃO POLÍTICA NA ESCOLA LA SALLE PÃO DOS POBRES
NÍVEL DE ENSINO/PÚBLICO ALVO: FUNDAMENTAL II – 9ºs ANOS (911 e 912), líderes de turmas e demais estudantes dos Anos Finais interessados na temática.
PROFESSOR (A): Alan Machado, Milton Dalpiaz e Rafael Trindade
ÁREAS ENVOLVIDAS: CIÊNCIAS HUMANAS
PROJETO TRIMESTRAL
<p>SITUAÇÃO PROBLEMA/ TEMA: Paidéia é uma palavra grega que exprime o sistema de educação grego-clássico, onde o objetivo do processo era a formação integral do cidadão. Preparando, assim, os jovens para a vida adulta.</p> <p>O projeto PAIDÉIA pretende auxiliar na reflexão dos estudantes da escola que estão chegando a idade de participação nos processos eleitorais. Para o Observatório da Sociedade Civil (2015, p.1) "no Brasil, essa questão ganhou contornos especiais com as manifestações de junho de 2013, quando milhares de pessoas, na maioria jovens, foram às ruas numa explosão social que há muito não se via". Por isso se torna urgente a discussão em sala de aula e nos espaços escolares desse tema. A formação política não pode ser confundida com debate partidário, contudo deve cumprir a diretriz da Lei nº 9394/96 - LDBEN (1996, p.7) que estabelece a educação nacional nos seguintes princípios: "liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas".</p> <p>Os diferentes temas e debates propostos estão de acordo com a matriz curricular estabelecida pela Rede La Salle, que no Guia das Escolas Lassalistas (2010, p. 9) defende que a escola seja capaz de "capacitar o aluno a se relacionar com o mundo, consigo mesmo, com os outros e com Deus,</p>



de forma que sempre saiba amar, pensar, refletir, criar, optar, decidir e agir à luz do Evangelho". Por conseguinte, as atividades propostas estão também em sintonia com a discussão da Base Nacional Comum - BNC (p.15) que sugere uma educação voltada à formação cidadã e a sua aplicabilidade na vida do estudante: "os resultados das aprendizagens precisam se expressar e se apresentar como sendo a possibilidade de utilizar o conhecimento em situações que requerem aplicá-lo para tomar decisões pertinentes".

COMPONENTE CURRICULAR	COMPETÊNCIAS	HABILIDADES	CONTEÚDOS/SABERES		
			PROCEDIMENTAIS	CONCEITUAIS	ATTUDINAIS
HISTÓRIA, GEOGRAFIA E FILOSOFIA	Problematizar sobre a temática da política na escola, refletindo sobre a participação e protagonismo dos jovens nessa área.	<p>a) Conhecer as diferentes noções do conceito de democracia e a suas críticas.</p> <p>b) Debater as diferentes ideologias políticas no cenário político brasileiro e seus desdobramentos históricos.</p> <p>c) Compreender o cenário político brasileiro na atualidade, buscando alternativas em prol de</p>			



	uma sociedade democrática.		
METODOLOGIA DO TRIMESTRE			
Como o professor vai desenvolver para que o aluno alcance as habilidades do trimestre			
METODOLOGIA	TÉCNICA	RECURSOS	
O projeto se divide em duas atividades principais: compondo as habilidades desenvolvidas durante as aulas com as turmas do 9º ano e um grupo, denominado Célula, para aprofundamento da temática com as lideranças das turmas no turno inverso. No grupo Célula será possibilitada a participação dos estudantes interessados na temática mediante inscrição e atendendo o limite de 20 alunos por encontro.	PALESTRAS, DEBATES, ASSEMBLEIAS.	MÍDIAS, MATERIAIS IMPRESSOS, SALA MULTIDISCIPLINAR.	
ATIVIDADES / EXPERIÊNCIAS			
O que o professor organiza – Atividade associada ao Conteúdo Procedimental			
DATA	ATIVIDADE		
CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES			



ATIVIDADE	CONVIDADO	DATA	
Democracia: panorama internacional e conceitos chave	Daniela Pericolo Sgiers	09/04/2018	
Democracia no Brasil	Marcos Tonial	Abril	
Ideologias: conceitos e correntes	Andrews Luiz Bianchi	Maio	
Sistema Político Brasileiro: construção dos partidos políticos		Maio	
Processo Eleitoral: como se elege um candidato?		Junho	
Papel da Mídia na construção da Democracia Brasileira	Juremir Machado da Silva	Junho	



Como governar? Tributos, máquina pública e corrupção	Matheus Ayres	Julho	
CAMPANHA ELEITORAL Eleição do Presidente da Escola	Alan, Milton e Rafael	Agosto a outubro	
Visitação a Câmara de Vereadores de Porto Alegre	Alan, Milton e Rafael	Novembro	
ATIVIDADES COM O GRUPO CÉLULA - CRONOGRAMA			
ATIVIDADE	Responsável	Data	
Apresentação da Proposta / Metodologia	Milton e Rafael	23/04	
Dinâmica de integração: quem é o grupo?	Milton e Rafael	07/05	
Diversidade e a juventude	Milton e Rafael	21/05	



BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Terceira versão revista. Brasília: MEC, 2016. Disponível em:

<<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base/>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

GUIA DA ESCOLA LASSALISTA. Orientação, participação, convivência, respeito, avaliação e cooperação. 2. ed. Porto Alegre: Rede La Salle, 01 set. 2010.

PARTICIPAÇÃO do jovem é desafio para aprofundar democracia. In: OBSERVATÓRIO da sociedade civil. São Paulo: Abong, 2015. Disponível em:

<<https://observatoriosc.wordpress.com/2015/08/14/participacao-do-jovem-e-desafio-para-aprofundar-democracia/>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

Observações importantes:

ANEXO 4: Projeto Paideia 2019 - documento entregue para a premiação do SINEPE/RS.

ESCOLA LA SALLE PÃO DOS POBRES

TÍTULO DO PROJETO: Paideia – formação cidadã

COORDENAÇÃO: Prof. Rafael Trindade, Prof. Milton Dalpiaz e Prof. Alan Machado

APRESENTAÇÃO DA ESCOLA

A Escola de Ensino Fundamental La Salle Pão dos Pobres, situada no bairro Cidade Baixa, na cidade de Porto Alegre. A escola tem um porte médio, com aproximadamente 600 alunos, somando os dois turnos de aula. Na parte da manhã, a escola atende os alunos de Anos Finais, sendo duas turmas por cada uma das séries. No turno da tarde, a escola atende os alunos dos Anos Iniciais, sendo também duas turmas por série.

Segundo o Projeto Pedagógico da escola,

As escolas da Rede La Salle têm por finalidade oferecer uma educação humana e cristã de qualidade, visando à formação integral dos nossos alunos. A Escola La Salle Pão dos Pobres faz parte desta rede mundial de educação, fundada por São João Batista de La Salle, padroeiro dos educadores. Temos a missão e o desafio de ser a expressão lassalista no mundo de hoje, formando crianças e jovens responsáveis, éticos, potencialmente críticos, conscientes e preparados para atuar como protagonistas, ajudando a promover as mudanças que a sociedade tanto necessita. Uma escola lassalista se diferencia pela infraestrutura, acolhida, empatia, qualidade no ensino e tradição.

A estrutura da escola está situada dentro do complexo da Fundação Pão dos Pobres, organização centenária conhecida pelo atendimento a crianças e adolescentes carentes. Essa característica se mantém na escola, que já completou 86 anos. Atualmente, a escola é mantida pela Rede La Salle.

O perfil dos estudantes é de baixa renda a classe média. A Rede La Salle disponibiliza um bom número de bolsas de estudos nessa unidade. Sendo, portanto, os alunos bolsistas a maioria dos estudantes. Isso impacta no perfil não só do estudante, mas

de famílias e de oportunidades fora da escola.

O espaço físico da escola é bem organizado e por ter limitações de ampliação devido a ter prédios tombados, todos os espaços da escola são bem utilizados. São, ao todo, nove salas de aula em um prédio e na outra construção ficam as estruturas administrativas. A escola conta com biblioteca, laboratório de informática (com vinte computadores), sala multidisciplinar com materiais de diferentes disciplinas, sala de projeção para vídeo e encontros, sala de recursos para os alunos que precisam de apoio especial.

Na sala de aula, nos últimos dois anos, foi instalado equipamento multimídia, computador, sistema de som e quadro branco. As classes são novas e distribuídas por padrão de forma linear, em fileiras, uma na frente da outra. No início do ano foi instalado também ar condicionado em todas as salas, no entanto são pouco utilizados, somente quando a temperatura externa está abaixo de um índice definido pela coordenação.

O La Salle Pão dos Pobres, segundo o Projeto Pedagógico, desenvolve inovadoras práticas através de projetos pedagógicos que são constantemente aperfeiçoados, acompanhando as profundas transformações da sociedade. “Nos diferenciamos pela acolhida, qualidade no ensino, promovendo projetos de formação e uma estrutura física enxuta, porém, adequada às necessidades escolares”. São desenvolvidas as seguintes atividades extraclasse, que são de acordo com a faixa etária e sem custo.

A escola oferece as seguintes atividades no contraturno: Arteiros de Plantão, Grupo de Teatro, Futsal, Comunicação Integrada, Reforço Escolar, Hora do Conto, Projeto Paideia, Feira Literária, Educação Financeira, Projeto Científico Delfos, Grupo de Jovens, Grupo Escoteiro Laçador.

JUSTIFICATIVA DO PROJETO

Paideia é uma palavra grega que exprime o sistema de educação grego-clássico, onde o objetivo do processo era a formação integral do cidadão. Preparando, assim, os jovens para a vida adulta.

O projeto Paideia pretende auxiliar na reflexão dos estudantes da escola que estão chegando à idade de participação nos processos eleitorais. Para o Observatório da Sociedade Civil (2015, p.1) “no Brasil, essa questão ganhou contornos especiais com as manifestações de junho de 2013, quando milhares de pessoas, na maioria jovens, foram às ruas numa explosão social que há muito não se via”. Por isso se torna urgente a discussão

em sala de aula e nos espaços escolares desse tema. A formação política não pode ser confundida com debate partidário, contudo deve cumprir a diretriz da Lei nº 9394/96 - LDBEN (1996, p.7) que estabelece a educação nacional nos seguintes princípios: “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas”. Os diferentes temas e debates propostos estão de acordo com a matriz curricular estabelecida pela Rede La Salle, que no Guia das Escolas Lassalistas (2010, p. 9) defende que a escola seja capaz de “capacitar o aluno a se relacionar com o mundo, consigo mesmo, com os outros e com Deus, de forma que sempre saiba amar, pensar, refletir, criar, optar, decidir e agir à luz do Evangelho”. Por conseguinte, as atividades propostas estão também em sintonia com a discussão da Base Nacional Comum - BNCC que sugere uma educação voltada à formação cidadã e a sua aplicabilidade na vida do estudante: “os resultados das aprendizagens precisam se expressar e se apresentar como sendo a possibilidade de utilizar o conhecimento em situações que requerem aplicá-lo para tomar decisões pertinentes” (2018, p.15).

O projeto tem como finalidade, ainda, apresentar a política como parte integrante e importante da sociedade. No entanto, na visão geral, fruto de diferentes escândalos notáveis e públicos, perde credibilidade. O conhecimento e o debate de temas relacionados à ética nas relações, estruturas de poder, sistema democrático brasileiro, se torna cada vez mais urgente para a consolidação das bases da nossa sociedade democrática visando alcançar o bem comum.

OBJETIVOS:

- a) Problematizar sobre a temática da política na escola, refletindo sobre a participação e protagonismo dos jovens nessa área.
- b) Conhecer as diferentes noções do conceito de democracia e a suas críticas.
- c) Debater as diferentes ideologias políticas no cenário político brasileiro e seus desdobramentos históricos.
- d) Compreender o cenário político brasileiro na atualidade, buscando alternativas em prol de uma sociedade democrática.

PÚBLICO DE INTERESSE E ENVOLVIMENTO:

Os estudantes do 9º ano da Escola de Ensino Fundamental La Salle Pão dos Pobres,

líderes de turmas e demais estudantes dos Anos Finais interessados na temática. As atividades são desenvolvidas em sala de aula com os estudantes dos nonos anos e no turno inverso com os demais alunos, no grupo denominado Célula.

GESTÃO DO PROJETO

O projeto se divide em duas atividades principais: compondo as habilidades desenvolvidas durante as aulas com as turmas do 9º ano e um grupo, denominado Célula, para aprofundamento da temática com as lideranças das turmas no turno inverso. No grupo Célula será possibilitada a participação dos estudantes interessados na temática mediante inscrição e atendendo o limite de 20 alunos por encontro.

Com os estudantes dos nonos anos são promovidas diferentes atividades, como palestras, oficinas e pesquisas interdisciplinares com professores da escola e com convidados. O grupo Célula, no turno inverso, com a mediação de professores, explora conceitos e amplia o debate sobre o cenário político, da sala de aula até o sistema partidário brasileiro.

EXECUÇÃO DO PROJETO

O projeto se divide em duas grandes atividades: atividades complementares e interdisciplinares para as turmas do nono ano e um grupo extraclasse no turno inverso. Com as turmas do nono ano as atividades se dividem em três blocos, o primeiro de formação através de palestras e oficinas com professores convidados, o segundo momento com uma atividade prática e no final uma saída de estudos em prédios da administração pública para aproximar os estudos da realidade.

No primeiro bloco de formações são trabalhadas as seguintes atividades:

ATIVIDADE	CONVIDADO	DATA
Democracia: panorama internacional e conceitos chave	Daniela Pericolo Sgiers	Abril
Democracia no Brasil	Patrícia Moreira	Abril

Ideologias: conceitos e correntes	Andrews Luiz Bianchi	Maio
Processo Eleitoral: como se elege um candidato?	Rafael Trindade	Junho

Papel da Mídia na construção da Democracia Brasileira	Juremir Machado da Silva	Agosto
Como governar? Tributos, máquina pública e corrupção	Matheus Ayres	Agosto

Os encontros são realizados em parceria com a Biblioteca da escola no espaço Arena com as duas turmas reunidas.

O segundo bloco de atividade nos meses de setembro e outubro será a construção de todo processo eleitoral. A atividade denominada: “Presidente da Escola” envolverá não somente os nonos anos, mas o público (eleitor) será todos os estudantes da escola. Os estudantes irão formar partidos políticos, recolher assinaturas para a sua fundação, abrir chapas, realizar campanha eleitoral, debates entre os candidatos, votação, apuração dos votos, prestação de contas da campanha, diplomação e posse. O grupo Célula será o responsável por fiscalizar o processo, tal qual o Tribunal Eleitoral faz nos processos democráticos.

Essa atividade compõe o planejamento da área das ciências humanas, tanto na disponibilidade de carga horária, quanto na nota no boletim. Os componentes curriculares da área avaliarão a participação dos estudantes do nono ano e atribuirão uma nota em substituição às notas de trabalho (previsto no planejamento da escola). No máximo será atribuído 1,50 ponto no boletim por componente.

No final do ano, finalizando o projeto, os estudantes visitam os prédios da administração pública para conversar com políticos e assessores dos poderes públicos. Em 2017, foi visitada a Prefeitura Municipal e a Câmara de Vereadores, onde os estudantes foram recebidos por vereadores da cidade e assessores do prefeito.

O grupo Célula se reúne nas segundas-feiras no turno inverso de aula. Compõe o

grupo os estudantes que são representantes de classe e estudantes que demonstram interesse pela área da Ciências Humanas e pelas discussões da ciência política. Nos encontros são trabalhados textos, vídeos, reportagens para aprofundar temas e conceitos da filosofia, das ciências sociais e da história. Cada encontro começa com um momento de “revista” onde cada semana um participante reúne reportagens marcantes da semana, visando atualizar o grupo dos principais fatos políticos do Brasil e do mundo.

O grupo, além dos encontros, promove exposições no pátio da escola com a temática política e histórica, trazendo uma abordagem positiva da ciência política, área que passa por um descrédito da sociedade como um geral. O grupo também participou da atividade dos nonos anos, “Eleição do Presidente da Escola”, como fiscalizador das regras eleitorais, fazendo às vezes de TSE.

PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA

- Recursos humanos: professores dos Anos Finais.
- Espaço físico: Laboratório de Informática, Sala Multimeios, Salas de Aula, Biblioteca e Ginásio de Esportes.

AVALIAÇÃO E RESULTADOS

O projeto começou em 2017 por necessidade dos próprios estudantes do nono ano, que estavam chegando a idade eleitoral. O desconhecimento dos processos democráticos, a falta de conhecimento do contexto mais atual fez surgir o projeto no caráter piloto, com convidados trabalhando temas que os estudantes elencaram ter dúvidas. Para 2018, o projeto foi incorporado no currículo extraclasse da escola, inclusive com a disponibilidade de dois professores para as atividades.

Da turma participante de 2017 notou-se um maior interesse pela temática e a importância da participação de todos os cidadãos na democracia. Todos os estudantes – cinco no total – que chegaram a idade para fazer o título, tomaram essa iniciativa e argumentam que o projeto foi fundamental para essa valorização.

Em 2018, as atividades do grupo Célula, em especial, tornou-se espaço para debate e partilha de experiências entre os estudantes e os professores. Os professores como mediadores auxiliam o grupo a perceber que os conceitos mais diversos das ciências humanas se aplicam não somente a esfera política e pública, mas está presente na sala de aula, nas relações professor-aluno e mesmo entre os alunos.

O projeto tem conseguido lançar um olhar positivo das relações de poder e dos

estudos da ciência política. Separando quando necessário o saber político da prática político partidária. O desafio de dar luz a uma perspectiva desacreditada na sociedade a cada escândalo público urge. O projeto Paideia nasceu nesse contexto e até então está alcançando esse objetivo.

ANEXOS

1) Atividades com os nonos anos:



Lançamento do Projeto com os estudantes.



Palestra sobre Democracia com a Antropóloga Daniela Sgiers (Universidade de Barcelona)



Palestra sobre Ideologia com o professor convidado Andrews Bianchi



Palestra sobre Mídia com o professor convidado Juremir Machado da Silva



Visita à prefeitura de Porto Alegre



Visita à Câmara de Municipal

2. Atividades do grupo Célula



Foto dos alunos na reunião do Grupo Célula



Encontro debatendo o conceito de Cidadania



Exposição: Você conhece os presidentes do Brasil?

REFERÊNCIAS

BRASIL (1996). **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Portal da Legislação. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 17 jul. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão revista. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base/>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

GUIA DA ESCOLA LASSALISTA. Orientação, participação, convivência, respeito, avaliação e cooperação. 2. ed. Porto Alegre: Rede La Salle, 01 set. 2010.

PARTICIPAÇÃO do jovem é desafio para aprofundar democracia. In: **OBSERVATÓRIO da sociedade civil**. São Paulo: Abong, 2015. Disponível em: <<https://observatoriosc.wordpress.com/2015/08/14/participacao-do-jovem-e-desafio-para-aprofundar-democracia/>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

ANEXO 5: Projeto Paideia 2019 - documento entregue para a premiação do SINEPE/RS.

PROJETO Paideia - formação de líderes e cidadãos

Coordenação: Prof. Rafael Trindade e Prof. Alan Machado

Escola La Salle Pão dos Pobres

JUSTIFICATIVA

Paideia é uma palavra grega que exprime o sistema de educação grego-clássico, onde o objetivo do processo era a formação integral do cidadão. Preparando, assim, os jovens para a vida adulta.

A Escola de Ensino Fundamental La Salle Pão dos Pobres, situada no bairro Cidade Baixa, na cidade de Porto Alegre. A escola tem um porte médio, com aproximadamente 600 alunos, somando os dois turnos de aula. Na parte da manhã, a escola atende os alunos de Anos Finais, sendo duas turmas por cada umas das séries. No turno da tarde, a escola atende os alunos dos Anos Iniciais, sendo também duas turmas por série.

Segundo o Projeto Pedagógico da escola,

As escolas da Rede La Salle têm por finalidade oferecer uma educação humana e cristã de qualidade, visando à formação integral dos nossos alunos. A Escola La Salle Pão dos Pobres faz parte desta rede mundial de educação, fundada por São João Batista de La Salle, padroeiro dos educadores. Temos a missão e o desafio de ser a expressão lassalista no mundo de hoje, formando crianças e jovens responsáveis, éticos, potencialmente críticos, conscientes e preparados para atuar como protagonistas, ajudando a promover as mudanças que a sociedade tanto necessita. Uma escola lassalista se diferencia pela infraestrutura, acolhida, empatia, qualidade no ensino e tradição.

A estrutura da escola está situada dentro do complexo da Fundação Pão dos Pobres, organização centenária conhecida pelo atendimento a crianças e adolescentes carentes. Essa

característica se mantém na escola, que já completou 86 anos. Atualmente, a escola é mantida pela Rede La Salle.

O perfil dos estudantes é de baixa renda a classe média. A Rede La Salle disponibiliza um bom número de bolsas de estudos nessa unidade. Sendo, portanto, os alunos bolsistas a maioria dos estudantes. Isso impacta no perfil não só do estudante, mas de famílias e de oportunidades fora da escola.

O espaço físico da escola é bem organizado e por ter limitações de ampliação devido a ter prédios tombados, todos os espaços da escola são bem utilizados. São, ao todo, nove salas de aula em um prédio e na outra construção fica as estruturas administrativas. A escola conta com biblioteca, laboratório de informática (com vinte computadores), sala multidisciplinar com materiais de diferentes disciplinas, sala de projeção para vídeo e encontros, sala de recursos para os alunos que precisam de apoio especial.

Na sala de aula, nos últimos dois anos, foi instalada equipamento multimídia, computador, sistema de som e quadro branco. As classes são novas e distribuídas por padrão de forma linear, em fileiras, uma na frente da outra. No início do ano foi instalado também ar condicionado em todas as salas, no entanto são pouco utilizados, somente quando a temperatura externa está abaixo de um índice definido pela coordenação.

O La Salle Pão dos Pobres, segundo o Projeto Pedagógico, desenvolve inovadoras práticas através de projetos pedagógicos que são constantemente aperfeiçoados, acompanhando as profundas transformações da sociedade. “Nos diferenciamos pela acolhida, qualidade no ensino, promovendo projetos de formação e uma estrutura física enxuta, porém, adequada as necessidades escolares”. São desenvolvidas as seguintes atividades extraclasse, que são de acordo com a faixa etária e sem custo.

A escola oferece as seguintes atividades no contra turno: Arteiros de Plantão, Grupo de Teatro, Futsal, Comunicação Integrada, Reforço Escolar, Hora do Conto, Projeto Paideia, Feira Literária, Educação Financeira, Projeto Científico Delfos, Grupo de Jovens, Grupo Escoteiro Laçador.

O projeto Paideia, que já está no terceiro ano, pretende auxiliar na reflexão dos estudantes da escola que estão chegando a idade de participação nos processos eleitorais. Para o Observatório da Sociedade Civil (2015, p.1) “no Brasil, essa questão ganhou contornos especiais com as manifestações de junho de 2013, quando milhares de pessoas, na maioria jovens, foram às ruas numa explosão social que há muito não se via”. Por isso se torna

urgente a discussão em sala de aula e nos espaços escolares desse tema. A formação política não pode ser confundida com debate partidário, contudo deve cumprir a diretriz da Lei nº 9394/96 - LDBEN (1996, p.7) que estabelece a educação nacional nos seguintes princípios: “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas”.

Os diferentes temas e debates propostos estão de acordo com a matriz curricular estabelecida pela Rede La Salle, que no Guia das Escolas Lassalistas (2010, p. 9) defende que a escola seja capaz de “capacitar o aluno a se relacionar com o mundo, consigo mesmo, com os outros e com Deus, de forma que sempre saiba amar, pensar, refletir, criar, optar, decidir e agir à luz do Evangelho”. Por conseguinte, as atividades propostas estão também em sintonia com a discussão da Base Nacional Comum - BNCC que sugere uma educação voltada à formação cidadã e a sua aplicabilidade na vida do estudante: “os resultados das aprendizagens precisam se expressar e se apresentar como sendo a possibilidade de utilizar o conhecimento em situações que requerem aplicá-lo para tomar decisões pertinentes” (2018, p.15).

O projeto tem como finalidade, ainda, apresentar a política como parte integrante e importante da sociedade. No entanto, na visão geral, fruto de diferentes escândalos notáveis e públicos, perde credibilidade. O conhecimento e o debate de temas relacionados a ética nas relações, estruturas de poder, sistema democrático brasileiro, se torna cada vez mais urgente para a consolidação das bases da nossa sociedade democrática visando alcançar o bem comum.

OBJETIVOS:

- a) Problematizar sobre a temática da política na escola, refletindo sobre a participação e protagonismo dos jovens nessa área.
- b) Conhecer as diferentes noções do conceito de democracia e a suas críticas.
- c) Debater as diferentes ideologias políticas no cenário político brasileiro e seus desdobramentos históricos.
- d) Compreender o cenário político brasileiro na atualidade, buscando alternativas em prol de uma sociedade democrática.

ENVOLVIMENTO:

Os estudantes do 9º ano da Escola de Ensino Fundamental La Salle Pão dos Pobres, líderes de turmas e demais estudantes dos Anos Finais interessados na temática. As atividades são desenvolvidas em sala de aula com os estudantes dos nonos anos e no turno inverso com os demais alunos, no grupo denominado Célula.

GESTÃO DO PROJETO:

O projeto se divide em duas atividades principais: compondo as habilidades desenvolvidas durante as aulas com as turmas do 9º ano e um grupo, denominado Célula, para aprofundamento da temática com as lideranças das turmas no turno inverso. No grupo Célula será possibilitada a participação dos estudantes interessados na temática mediante inscrição e atendendo o limite de 20 alunos por encontro. O diferencial no ano de 2019 foi que do grupo Célula, contendo os representantes de classe, houve a formação de chapas para a eleição do Presidente da Escola - função criada neste ano para representar os estudantes em diferentes situações.

Com os estudantes dos nonos anos são promovidas diferentes atividades, como palestras, oficinas e pesquisas interdisciplinares com professores da escola e com convidados. O grupo Célula, no turno inverso, com a mediação de professores, explora conceitos e amplia o debate sobre o cenário político, da sala de aula até o sistema partidário brasileiro.

Com as turmas do nono ano as atividades se dividem em três blocos, o primeiro de formação através de palestras e oficinas com professores convidados, o segundo momento com uma atividade prática e no final uma saída de estudos em prédios da administração pública para aproximar os estudos da realidade.

No primeiro bloco de formações são trabalhadas as seguintes atividades/oficinas: Conceito de Democracia; Instituições Políticas e Sistema Político hoje; O que é ideologia?; O papel da mídia no processo democrático. Os encontros são realizados em parceria com a Biblioteca da escola no espaço Arena com as duas turmas reunidas. Para cada atividade foram convidados professores, jornalistas e outros profissionais especialistas nas áreas para um momento de formação e debate sobre os temas.

O segundo bloco de atividade nos meses de outubro e novembro será a representação da atividade parlamentar. As turmas serão divididas em comissões e irão propor a criação de leis visando uma sociedade melhor. A redação da lei será avaliada nas comissões adequadas e votadas em assembleia, respeitando os ritos e costumes da atividade legislativa. Após a aprovação da leis, elas serão levadas para sanção do presidente da escola - representando do grupo Célula - cabendo a ele aprovar ou não.

Essa atividade compõe o planejamento da área das ciências humanas, tanto na disponibilidade de carga horária, quanto na nota no boletim. Os componentes curriculares da área avaliarão a participação dos estudantes do nono ano e atribuirão uma nota em substituição às notas de trabalho (previsto no planejamento da escola). No máximo será atribuído 1,50 ponto no boletim por componente.

No final do ano, finalizando o projeto, os estudantes visitam os prédios da administração pública para conversar com políticos e assessores dos poderes públicos. Em 2017, foi visitado a Prefeitura Municipal e a Câmara de Vereadores, onde os estudantes foram recebidos por vereadores da cidade e assessores do prefeito. Em 2018, houve a visita ao Palácio Piratini e a Assembléia Legislativa do Estado.

O grupo Célula se reúne nas segundas-feiras no turno inverso de aula. Compõe o grupo os estudantes que são representantes de classe e estudantes que demonstram interesse pela área da Ciências Humanas e pelas discussões da ciência política. Nos encontros são trabalhados textos, vídeos, reportagens para aprofundar temas e conceitos da filosofia, das ciências sociais e da história. Cada encontro começa com um momento de “revista” onde cada semana um participante reúne reportagens marcantes da semana, visando atualizar o grupo dos principais fatos políticos do Brasil e do mundo.

O grupo, além dos encontros, promove exposições no pátio da escola com a temática política e histórica, trazendo uma abordagem positiva da ciência política, área que passa por um descrédito da sociedade como um geral. O grupo também irá participar da atividade “Eleição do Presidente da Escola”, como fiscalizador das regras eleitorais, fazendo às vezes de TSE e formando chapas para concorrer no pleito. Em 2019, houve, também, dois retiros (saídas de estudos) com os líderes de turma para aprofundamento dos temas estudados e integração entre os estudantes.

PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA

- Recursos humanos: professores dos Anos Finais.
- Espaço físico: Laboratório de Informática, Sala Multimeios, Salas de Aula, Biblioteca e Ginásio de Esportes.

AVALIAÇÃO E RESULTADOS

O projeto começou em 2017 da necessidade dos próprios estudantes do nono ano, que estavam chegando a idade eleitoral. O desconhecimento dos processos democráticos, a falta de conhecimento do contexto mais atual fez surgir o projeto no caráter piloto, com convidados trabalhando temas que os estudantes elencaram ter dúvidas. Para 2018, o projeto foi incorporado no currículo extraclasse da escola, inclusive com a disponibilidade de dois professores para as atividades.

Da turma participante de 2017 notou-se um maior interesse pela temática e a importância da participação de todos os cidadãos na democracia. Todos os estudantes – cinco no total – que chegaram a idade para fazer o título, tomaram essa iniciativa e argumentam que o projeto foi fundamental para essa valorização.

Em 2018, as atividades do grupo Célula, em especial, tornou-se espaço para debate e partilha de experiências entre os estudantes e os professores. Os professores como mediadores auxiliam o grupo a perceber que os conceitos mais diversos das ciências humanas se aplicam não somente a esfera política e pública, mas está presente na sala de aula, nas relações professor-aluno e mesmo entre os alunos.

Com a reformulação do projeto e a sua ampliação no ano de 2019, o grupo Célula escolheu o Presidente da Escola, figura representativa dos estudantes e interlocutores entre alunos e equipe diretiva. As demandas dos estudantes são levada pelos presidente e vice-presidente que retornam em ações. Foram criadas duas ações - a gincana da limpeza das salas (“Gincana Minha Sala Eu Cuido”) e os primeiros jogos interséries da escola.

O projeto tem conseguido lançar um olhar positivo das relações de poder e dos estudos da ciência política. Separando quando necessário o saber político da prática político partidária. O desafio de dar luz a uma perspectiva desacreditada na sociedade a cada escândalo público urge. O projeto Paideia nasceu nesse contexto e até então está alcançando esse objetivo.

ANEXOS

1) Atividades com os nonos anos:



Lançamento do Projeto com os estudantes.



Palestra sobre Democracia com a Antropóloga Daniela Sgiers (Universidade de Barcelona)



Palestra sobre Ideologia com o professor convidado Andrews Bianchi



Palestra sobre Mídia com o professor convidado Juremir Machado da Silva



Visita à prefeitura de Porto Alegre



Visita à Câmara de Municipal

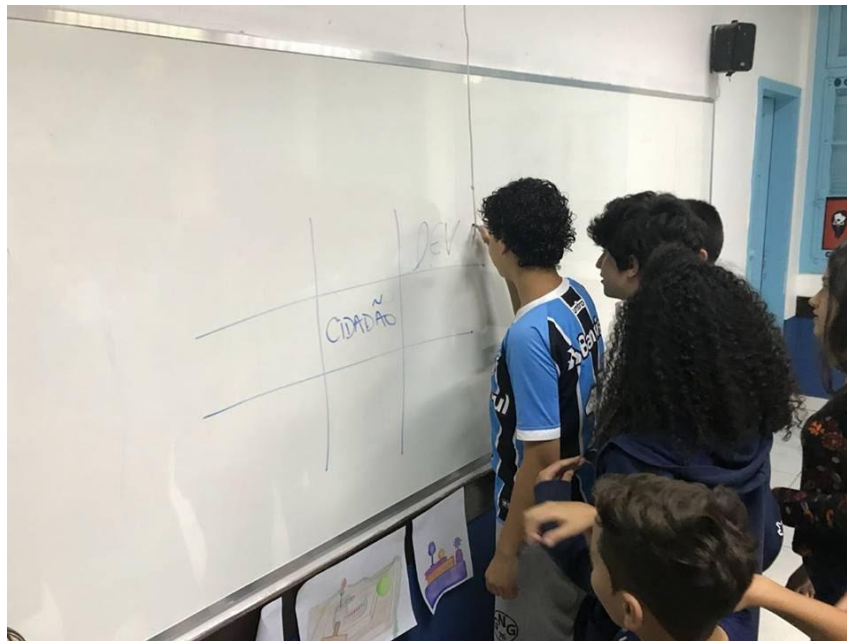


Posse do presidente da escola

2. Atividades do grupo Célula



Foto dos alunos na reunião do Grupo Célula



Encontro debatendo o conceito de Cidadania



Exposição: Você conhece os presidentes do Brasil?



Saída de estudos com o grupo Célula para formação de lideranças



Debate entre as chapas concorrentes à presidência da escola.

REFERÊNCIAS

BRASIL (1996). **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Portal da Legislação. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 17 jul. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão revista. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

GUIA DA ESCOLA LASSALISTA. Orientação, participação, convivência, respeito, avaliação e cooperação. 2. ed. Porto Alegre: Rede La Salle, 01 set. 2010.

PARTICIPAÇÃO do jovem é desafio para aprofundar democracia. In: **OBSERVATÓRIO da sociedade civil**. São Paulo: Abong, 2015. Disponível em: <<https://observatoriosc.wordpress.com/2015/08/14/participacao-do-jovem-e-desafio-para-aprofundar-democracia/>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

ANEXO 6: Termo de Registro de Assentimento

Termo de Registro de Assentimento

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória

*Obrigatório

Projeto de Pesquisa: PROJETO PAIDÉIA - ensino de história e educação política de estudantes do Ensino Fundamental

Proponente: Rafael Gorski Trindade
Orientadora-responsável: Profa. Dra. Caroline Pacievitch

1. NATUREZA DA PESQUISA: Você está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar qual o lugar do pensar historicamente para a construção do entendimento de cidadania e educação política. 2. PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participarão desta pesquisa em torno de quinze jovens de 12 a 16 anos, estudantes da Escola La Salle Pão dos Pobres em Porto Alegre/RS. 3. ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Você será convidado a participar de encontros com a temática de educação política, cidadania e educação para a democracia. Tal tarefa será realizada por meio virtual disponibilizado pela escola, junto com outros estudantes que aceitem participar da pesquisa, em horário e local combinados. Isso não irá perturbar o andamento normal das suas aulas. Você tem a liberdade de se recusar a participar; e tem o direito de desistir de participar do processo de pesquisa a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo, além de poder modificar o que porventura tenha registrado. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. 4. SOBRE O INSTRUMENTO: Serão solicitadas algumas informações básicas para contextualização das respostas. Nenhuma delas implica em identificação da pessoa, sendo garantido, portanto, o anonimato. 5. RISCOS E DESCONFORTO: Esta pesquisa não apresenta, a priori, riscos e consequências adversas aos seus participantes, para além de possível fadiga ao final dos encontros virtuais. Caso se detecte, no decorrer no processo de investigação, algum risco para os participantes e para os pesquisadores envolvidos, a pesquisa poderá ser interrompida. Desse modo, a você será assegurada a garantia de assistência integral em qualquer etapa do estudo. Você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade. 6. CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de tudo, interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada participante. Todas as narrativas e respostas serão anônimas. 7. BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outros jovens. Além disso, a reflexão sobre a história e a educação para a democracia é um exercício de cidadania interessante em qualquer etapa da escolaridade. 8. PAGAMENTO: você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu assentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

1. Nome completo: *

2. Eu entendi as características dessa pesquisa e concordo em participar. *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Contatos:

Qualquer dúvida, não hesite em entrar em contato pelo e-mail:

Rafael Trindade (rafael.trindade@ufrgs.br)

Profa. Dra. Caroline Pacievitch (caroline.pacievitch@ufrgs.br)

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

ANEXO 7: Termo de Registro de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Registro de Consentimento Livre e Esclarecido

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória

*Obrigatório

**Projeto de Pesquisa: PROJETO PAIDÉIA - ensino de história e educação política de
estudantes do Ensino Fundamental**

Proponente: Rafael Gorski Trindade

Orientadora-responsável: Profa. Dra. Caroline Pacievitch

1. NATUREZA DA PESQUISA: Você está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar qual o lugar do pensar historicamente para a construção do entendimento de cidadania e educação política. 2. PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participarão desta pesquisa em torno de quinze jovens de 12 a 16 anos, estudantes da Escola La Salle Pão dos Pobres em Porto Alegre/RS. 3. ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo, o adolescente sob sua responsabilidade será convidado a participar de encontros com a temática de educação política, cidadania e educação para a democracia. Tal tarefa será realizada por meio virtual disponibilizado pela escola, junto com outros estudantes que aceitem participar da pesquisa, em horário e local combinados. Isso não irá perturbar o andamento normal das aulas. Você tem a liberdade de se recusar a autorizar o jovem a participar; e o jovem tem o direito de desistir de participar do processo de pesquisa a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo, além de poder modificar o que porventura tenha registrado. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. 4. SOBRE O INSTRUMENTO: Serão solicitadas algumas informações básicas para contextualização das respostas. Nenhuma delas implica em identificação da pessoa, sendo garantido, portanto, o anonimato. 5. RISCOS E DESCONFORTO: Esta pesquisa não apresenta, a priori, riscos e consequências adversas aos seus participantes, para além de possível fadiga ao final dos encontros virtuais. Caso se detecte, no decorrer no processo de investigação, algum risco para os participantes e para os pesquisadores envolvidos, a pesquisa poderá ser interrompida. Desse modo, aos participantes será assegurada a garantia de assistência integral em qualquer etapa do estudo. O participante terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade. 6. CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de tudo, interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada participante. Todas as narrativas e respostas serão anônimas. 7. BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outros jovens. Além disso, a reflexão sobre a história e a educação para a democracia é um exercício de cidadania interessante em qualquer etapa da escolaridade. 8. PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

1. Nome completo do jovem: *

2. Nome completo do responsável: *

3. Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, autorizo o jovem sob minha responsabilidade a participar desta pesquisa. *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Contato:

Qualquer dúvida, não hesite em entrar em contato pelo e-mail:

Rafael Trindade (rafael.trindade@ufrgs.br)

Profa. Dra. Caroline Pacievitch (caroline.pacievitch@ufrgs.br)

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

ANEXO 8: Termo de concordância da Instituição

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória

Termo de concordância da Instituição

Projeto de Pesquisa: PROJETO PAIDÉIA - ensino de história e educação política de estudantes do Ensino Fundamental

Proponente: Rafael Gorski Trindade

Orientadora-responsável: Profa. Dra. Caroline Pacievitch

Estou desenvolvendo uma pesquisa que tem como objetivo investigar qual o lugar do pensar historicamente para a construção do entendimento de cidadania e educação política. Este projeto está sendo desenvolvido no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da UFRGS. Desta forma, solicito autorização desta instituição, para realizar esta investigação junto aos estudantes. Serão utilizados termos de assentimento e/ou de consentimento livre e esclarecido para cada participante.

Participarão desta pesquisa cerca de quinze jovens de 12 a 16 anos, estudantes da Escola La Salle Pão dos Pobres em Porto Alegre/RS. São previstos em torno de oito encontros para o desenvolvimento da metodologia de ensino.

Os participantes serão devidamente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, tanto os participantes quanto os responsáveis pela Instituição poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo.

Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes envolvidos. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à dignidade dos participantes. Todo o material desta pesquisa ficará sob responsabilidade do pesquisador responsável do estudo e após cinco anos será destruído. Dados individuais dos participantes coletados ao longo do processo não serão informados às instituições envolvidas, mas poderá ser realizada uma devolução dos resultados, de forma coletiva, para a Instituição, se for assim solicitado.

Através deste trabalho, esperamos contribuir para avançar nesse tema em benefício de outros jovens e da continuidade do projeto na escola. Além disso, a reflexão sobre a história e a educação para a democracia é um exercício de cidadania interessante em qualquer etapa da escolaridade, característica marcante da história do projeto Paidéia na escola.

Agradeço a colaboração dessa instituição para a realização desta atividade de pesquisa e coloco-me à disposição para esclarecimentos adicionais.

Concordamos que crianças ou jovens estudantes desta instituição participem do presente estudo.

Instituição: La Salle Pão dos Pobres

Responsável: Dajane Lopes
Coordenadora Pedagógica
Escola La Salle Pão dos Pobres

Assinatura do Proponente: _____

Porto Alegre, 11 de Agosto de 2020.

ANEXO 9: Apresentação utilizada na aula expositiva.



AFINAL O QUE É DEMOCRACIA?

Prof. Rafael Trindade

DA ONDE SURGE ESSA IDEIA?



Polis Grega – Ágora

CONCEITO DE CIDADANIA – QUE POVO?

Conceito: “A noção de Cidadania ou dos ‘direitos da cidadania’ dizem respeito a um determinado contexto: **social, econômico, político e jurídico** de um país ou de um Estado, no qual uma Constituição define e garante quem é cidadão, que direitos e deveres ele terá em função de uma série de variáveis tais como a **idade, o estado civil, a condição de sanidade física e mental, o fato de estar ou não em dívida com a justiça penal**” (BENEVIDES, 2012)

CONCEITO DE CIDADANIA

Cidadania **NÃO É** universal

Não devem entrar em oposição a Declaração
Universal dos Direitos Humanos – ONU

Garantia dos Direitos Políticos, Civis e Sociais

DEMO + KRATOS = POVO + PODER

Governo do Povo, para o Povo, pelo Povo?

DE ONDE SURGE ESSA IDEIA?

Conceito X Regimes

- + Monarquia
- + Republicanismo
- + Imperialismo
- + Autoritarismo
- + Totalitarismo

✓ Podem assumir discurso democráticos



IDEAIS DEMOCRÁTICOS

LIBERDADE

X

IGUALDADE

Não é possível realizar um sem limitar o outro
(experiência da Revolução Francesa)

Divergência de prioridade!



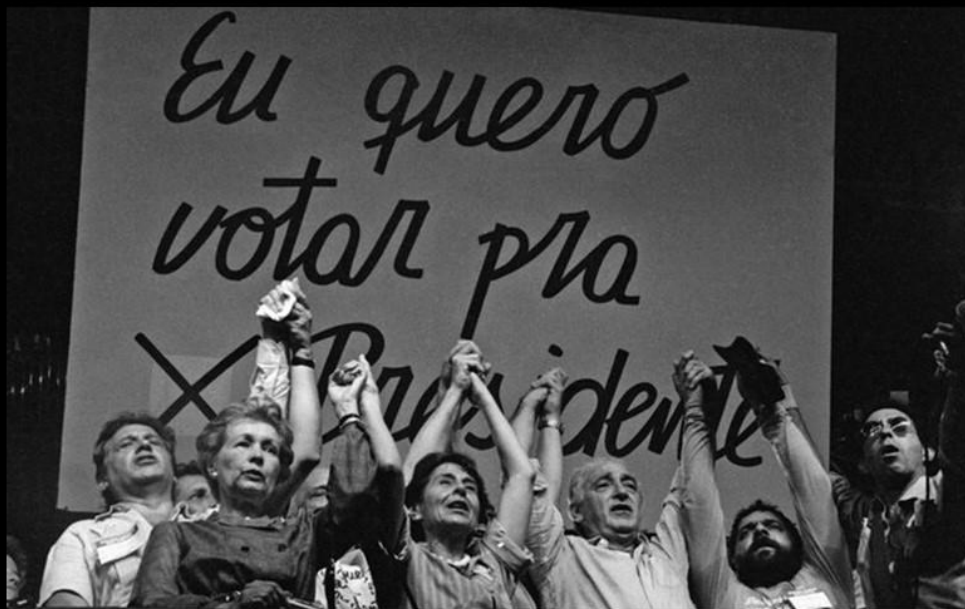
MODELOS DE DEMOCRACIA

DEMOCRACIA DIRETA:

- + Escolha direta dos cidadãos sobre as demandas do Estado.
- + Assembleias.
- + Pequenos grupos.



ATENÇÃO!!!
Democracia Direta ≠ Diretas Já (1984)



MODELOS DE DEMOCRACIA

DEMOCRACIA INDIRETA: Representativa

Escolha dos líderes por sufrágio/voto

- + Representantes decidem sobre demandas sociais, políticas, econômicas.
 - × Eleições diretas: Escolha dos representantes por sufrágio universal direto.
 - × Eleições indiretas: Povo escolhe representantes que escolherão os líderes.



MODELOS DE DEMOCRACIA

✘ DEMOCRACIA PARTICIPATIVA:

- + Sistema de co-gestão com a participação da comunidade para a estruturação do orçamento da cidade.
- + Orçamento Participativo (Porto Alegre)



MODELOS DE DEMOCRACIA

× PRESIDENCIALISMO:

a) a chefia de governo e a chefia de Estado ficam concentradas nas mãos de uma única pessoa: o

Presidente da República;

b) o Presidente é **eleito para mandato** determinado, não respondendo, ordinariamente, perante o Poder Legislativo;

c) só é compatível com a República, sendo inviável em uma monarquia.

MODELOS DE DEMOCRACIA

× PARLAMENTARISMO:

- + Legislativo não tem a função de criar somente leis.
- + Responsável pelo governo

a) gabinete dirigido por **um Primeiro Ministro**, a quem são atribuídas as funções inerentes à chefia de governo;

b) queda do gabinete por voto de desconfiança do Parlamento.

SITUAÇÃO DA DEMOCRACIA BRASILEIRA



- ✘ Fim da Ditadura Civil-Militar (1985)
- ✘ Diretas Já (**perdeu**), Anistia, vitória da oposição no Congresso: eleição indireta de Tancredo Neves.
- ✘ Constituição de 1988. “Constituição Cidadã”

SITUAÇÃO DA DEMOCRACIA BRASILEIRA

- ✗ Presidencialismo
- ✗ Eleições diretas
- ✗ Movimentos Sociais
- ✗ Investimentos sociais, controle da inflação, crescimento econômico



SITUAÇÃO DA DEMOCRACIA BRASILEIRA

Presidentes da Nova Democracia Brasileira:

- ☐☐ Tancredo Neves – PMDB (1985): Não assumiu
- ☐☐ José Sarney - PMDB (1985 – 1989)
- ☐☐ Fernando Collor - PRN (1990)
- ☐☐ Itamar Franco – PRN [PMDB] (1992-1994)
- ☐☐ Fernando H. Cardoso – PSDB(1995 – 2002)
- ☐☐ Luiz Inácio Lula da Silva – PT (2003 – 2010)
- ☐☐ Dilma Rousseff - PT (2011 – 2016)
- ☐☐ Michel Temer – PMDB (2016 - 2018)
- ☐☐ Jair Bolsonaro - PSL (2019 - ?)



Vídeo

<https://www.youtube.com/watch?v=e8h7D97w5Bo>

SITUAÇÃO DA DEMOCRACIA BRASILEIRA

× Como funciona as nossas eleições?

- Sistema Majoritário: As eleições para presidente, governador, prefeito e senador seguem o sistema majoritário.

* É eleito o candidato que receber a maioria absoluta dos votos válidos (mais da metade dos votos apurados, excluídos os votos em branco e os nulos).

SITUAÇÃO DA DEMOCRACIA BRASILEIRA

- **Sistema proporcional com lista aberta:** Deputados federais, estaduais, distritais e vereadores

* É possível votar tanto no candidato como na legenda.

* Na apuração, deve-se contabilizar o total de votos obtidos por cada partido, somando os votos de legenda e os votos dos candidatos dessa legenda.

* As **vagas são distribuídas de forma proporcional aos votos totais obtidos por cada partido**. A partir daí, os partidos preenchem suas vagas conquistadas com seus candidatos com maior votação.

ELEITORADO → 300 PESSOAS

Partido 1		Partido 2		Coligação X (Partido 3 + Partido 4)	
Votos de legenda: 30		Votos de legenda: 44		Votos de Partido 3=13 legenda: Partido 4=16	
Candidato	Votos	Candidato	Votos	Candidato	Votos
A	5	D	6	H	12
★ B	9	E	14	★ I	13
C	4	★ F	23	★ J	49
		★ G	15	★ K	39
				L	8
Total=48 votos 16% dos votos (1 eleito)		Total=102 votos 34% dos votos (2 eleitos)		Total=150 votos 50% dos votos (3 eleitos)	

AFINAL O QUE É DEMOCRACIA?



Democracia

substantivo feminino

1. Governo em que o povo exerce a soberania.
2. Sistema político em que os cidadãos elegem os seus dirigentes por meio de eleições periódicas.
3. Regime em que há liberdade de associação e de expressão e no qual não existem distinções ou privilégios de classe hereditários ou arbitrários.



A democracia é a pior forma de governo, exceto todas as outras que têm sido tentadas de tempos em tempos.

(Winston Churchill)

ANEXO 9: Apresentação utilizada na oficina para a campanha eleitoral



Como fazer uma boa campanha eleitoral?

Oficina do Prof. Rafael Trindade

Apresentar uma candidatura e ser escolhido em **eleições** não é uma tarefa fácil, pois são muitos os aspectos que deverá levar em conta para **ganhar o voto** do eleitorado. Além disso, será fundamental estar rodeado de uma equipe humana preparada para levar a cabo esta missão.



Começo...



Para iniciar a campanha eleitoral, será indispensável que disponha de:

- ✓ Um programa eleitoral firme com propostas interessantes e objetivos reais.
- ✓ Uma lista de pessoas para formar uma equipe.

Liste os pontos fortes que caracterizam a sua candidatura...



**...descubra
quais os desejos das
pessoas!**

Crie um slogan ou lema!



Evite um pôster com os dizeres “Vote em fulano” e pendurá-lo em um bebedouro qualquer. Isso não lhe ajudará. Pense em algo inteligente e que possa diferenciá-lo dos outros candidatos. Certifique-se de apresentar suas ideias principais no slogan!

Divulgue suas ideias!

Exiba seus pôsteres assim que possível. Ter um começo rápido é importante, pois separará você de todos os outros. Isso também lhe dará a chance de adotar ideias criativas ou questões importantes para sua campanha antes de todo mundo.



Divulgue suas ideias!



A internet e as **redes sociais** estão na ordem do dia e são uma das ferramentas indispensáveis para toda a campanha eleitoral, especialmente para chegar a determinados públicos como pode ser os eleitores mais jovens. Crie uma página de Facebook, um perfil no Twitter, no Snapchat através do qual possa comunicar as suas propostas e interagir com os eleitores.

Debata!

Como eventos de campanha, também serão importantes as reuniões e encontros com os seus potenciais eleitores. Será bastante importante que em todo o momento o **candidato se mostre bastante próximo** das pessoas e disposto a atender as suas perguntas ou dúvidas.



Dicas para pôsteres e panfletos:



- Tenha uma frase de efeito clara e memorável
- Faça com que seu nome seja muito visível
- Evite mirar um único gênero ou demografia em específico



Dicas para a campanha:



- Seus amigos podem ser ótimos recursos: Regra dos 20%
- Certifique-se de escrever tudo corretamente em seus pôsteres e materiais promocionais. Uma palavra-chave escrita de maneira errada pode arruinar sua campanha.
- Não use linguagem abusiva com amigos ou com outras pessoas.
- Seja engraçado. As pessoas amam uma boa piada de vez em quando!
- Esteja aberto a sugestões de seus colegas de classe.
- A confiança é importante em uma campanha de sucesso.
- Sempre sorria e seja calmo.
- Bom senso desportivo é sempre importante. Você pode não gostar de seus oponentes, mas não há motivo para criar uma campanha negativa.

Atividade



Em grupos, monte uma campanha eleitoral preenchendo os itens abaixo:

- Desejos e interesses em comum:
- Slogan:
- Nome do partido:

ANEXO 10: Formulário-cédula para votação

Presidente da Escola 2020 - Projeto Paideia

La Salle Pão dos Pobres

O e-mail do participante (**null**) foi registrado durante o envio deste formulário.

***Obrigatório**

1. E-mail *

2. QUAL A SUA SÉRIE? *

Marcar apenas uma oval.

- 1° ANO
- 2° ANO
- 3° ANO
- 4° ANO
- 5° ANO
- 6° ANO
- 7° ANO
- 8° ANO
- 9° ANO
- COLABORADORES

3. EM QUEM VOCÊ VOTA PARA PRESIDENTE DA ESCOLA? *

Marcar apenas uma oval.

- PSE - 15 (Ana Carolina - Gabriel Ferreira)
- PPP - 45 (Igor - Isabelle)
- BRANCO

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Avaliação - Projeto Paidéia 2020

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória

Projeto de Pesquisa: PROJETO PAIDÉIA - ensino de história e educação política de estudantes do Ensino Fundamental

Proponente: Rafael Gorski Trindade

***Obrigatório**

1. Como você avalia o Projeto Paidéia em 2020? *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

2. Qual dos temas trabalhados você gostou mais? *

Marcar apenas uma oval.

- Jogos sobre as instituições
- Oficinas sobre democracia
- Eleição para Presidente da Escola

3. Justifique a escolha anterior. *

4. Durante a campanha eleitoral você buscou inspiração em algum modelo político? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

5. Se sim, qual? *

6. Você julga importante a educação política na escola? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

7. Justifique a escolha anterior. *

8. Como você avalia o projeto no formato on-line? *

Quanto maior a avaliação, mais você acredita que favoreceu os encontros.

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5

Prejudicou Favoreceu

9. Você acredita ter desenvolvido habilidades importantes para a sua formação como cidadão? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

10. Justifique a escolha anterior. E em especial, se sim, poderia exemplificar como? *

11. Como o projeto pode ser melhor em 2021? *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários